



RICK YANCEY

A DESCIDA FINAL

O tão esperado desfecho da série O MONSTROLOGISTA

FAROL
LITERÁRIO



Também de Rick Yancey

O MONSTROLOGISTA

A MALDIÇÃO DO WENDIGO

A ILHA DE SANGUE

O MONSTROLOGISTA A DESCIDA FINAL

Rick Yancey

Tradução: Fernando Nuno

FAROL
LITERÁRIO

Título original: *The Final Descent* Publicado originalmente em 2013 pela Simon & Schuster Children's Publishing Division
Copyright @ 2013 do texto: Rick Yancey Copyright 2016 da edição brasileira: Farol Literário Todos os direitos reservados ao autor.

Capa e projeto gráfico: Lucy Ruth Cummins DIRETOR: Raul Maia

EDITORA: Vivian Pennafiel

EDITORA ASSISTENTE: Camila Lins COORDENAÇÃO EDITORIAL: Estúdio Sabiá EDIÇÃO: Fernando Wizar

PREPARAÇÃO DE TEXTO: Silvana Salerno REVISÃO: Valéria Braga Sanalios e Ceci Meira EDITORAÇÃO

ELETRÔNICA: Obá Editorial Texto em conformidade com as regras do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil) Yancey, Rick

A descida final / Rick Yancey; tradução Fernando Nuno. — São Paulo: Farol Literário, 2016. — (Série monstrologista)

Título original: *The final descent*.

ISBN 978-85-8277-090-0

1. Ficção — Literatura juvenil 2. Monstros 3. Supernatural — Ficção I. Título. II. Série.

15-04990 CDD-028. 5

Índices para catálogo sistemático: 1. Ficção: Literatura juvenil 028. 5

1ª edição • maio • 2016

Farol Literário Ltda.

Uma empresa do Grupo DCL — Difusão Cultural do Livro Av. Marquês de São Vicente, 446, Cj. 1808 — Barra Funda

CEP 01139-000 — São Paulo/SP Tel.: (Oxx11) 3932-5222 www.farolliterario.com.br

Digitalização e Revisão: Yuna

Para os fãs, leais e durões,
sem os quais
este livro não existiria.

AGRADECIMENTOS

O monstrologista foi concebido como uma coisa e evoluiu para outra completamente distinta. Suponho que seja esse o caminho natural de qualquer empreendimento criativo, e eu devia saber que a trilha seria por vezes tortuosa, assombrada por perigos imprevistos e desvios inesperados. Monstros devoradores de gente aparecendo descontrolados por aí são um conceito bastante simples; já a escuridão impenetrável que habita em nós, nem tanto. Houve momentos em que eu não estava seguro sobre o que estava escrevendo, mas nunca duvidei de que valia a pena fazê-lo. Nas horas mais tenebrosas — e houve várias delas —, precisei de persistência. Posso nem sempre ter imaginado o que estava nas minhas mãos, mas sempre soube que tinha algo.

Nunca estive só nessa crença. Brian DeFiore, extraordinário agente literário, esteve ao meu lado desde o início, bem como o inestimável David Gale, meu editor, um homem muito paciente que compreende melhor que muitos o processo criativo. Eu gostaria de agradecer também ao restante da equipe da Simon & Schuster, em especial a Justin Chanda e Navah Wolfe.

Este livro — bem, todos os meus livros... — não teria sido escrito sem a ajuda e a fé inabalável de minha esposa, Sandy. Ela é a prova, se é que precisamos de alguma, de que o mais importante não é o que você sabe, mas com quem se casa.

Finalmente, tenho de agradecer à comunidade de leitores que se insurgiu quando a continuidade desta série foi ameaçada. Não fosse por eles, a história de Will e Warthrop não teria um desfecho. Com humildade, sou muito, muito agradecido a eles, embora saiba que não fizeram isso por mim: eles agiram desse modo para defender os personagens que tinham aprendido a amar. Nós compartilhamos esse amor. E rogo para que não os tenha decepcionado.

*Nel mezzo del cammin di nostra vita mi ritrovai per una selva oscura, ché
la diritta via era smarrita**

— Dante

* “No meio da estrada da vida, encontrei-me em uma selva escura, pois o caminho certo estava perdido. ” Versos iniciais de “O Inferno” uma das três partes (por sua vez divididas em cantos) que compõem a *Divina comédia*, do poeta medieval florentino Dante Alighieri (c. 1265-1321). (N. do T.)

NOTA DO EDITOR

Dos treze cadernos com capa de couro descobertos em 2007, após a morte do indigente que chamava a si próprio William James Henry, estes três últimos foram os mais difíceis de ler e, para ser completamente honesto, os mais trabalhosos de trasladar de forma convincente. Em certos pontos, a letra manuscrita é quase indecifrável, tanto por causa da escrita em si quanto pela contextualização. Há passagens em que não consigo decifrar as palavras, e outras que não fazem sentido — além dos arroubos poéticos, página após página de palavrões seguidos e notas jogadas nas margens, com trechos rabiscados ao longo de toda a narrativa. Levei meses para encontrar coerência em meio a tantas incongruências. Retirei a linguagem mais chocante e digressões intermináveis, abundantes e confusas, como as que giram em torno da receita do bolo perfeito de framboesa, ou as discussões intrincadas e alucinantes sobre filosofia grega e a história do crime organizado. Acrescentei pontuação onde estritamente necessário (o autor deixa inúmeras frases pela metade), embora em alguns trechos tenha deixado os “erros” em paz, para manter o estilo do autor quando ele estava certo ao desrespeitar as regras. Como o leitor atento irá notar, o nível de tensão muda com frequência, e deixei isso intacto. Às vezes, o imperativo gramatical deve ceder o lugar à necessidade dramática. Também sou o responsável pela divisão do texto em partes, as quais chamarei de “cantos”, para respeitar as muitas referências à obra-prima de Dante.

A luta com as vicissitudes físicas do texto, no entanto, não foi meu maior desafio. Para ser honesto: quando terminei o último caderno, a única palavra que encontrei para descrever minha reação foi “nojo”. A segunda coisa que senti foi “traição”. Will Henry tinha me traído. Ele me fez de bobo. Ou não? Houve sinais, avisos, dicas, aqui e ali. Depois de ter lidado com os primeiros dez cadernos por tanto tempo, como é que eu não tinha reparado para onde a jornada de Will o estava conduzindo — e a mim? Bem lá no fundo, eu achava que sabia desde o início (ou logo depois dele) o que iria encontrar ao fim de seu longo declínio. Ele

havia escrito: “Eu compreendo que você deseje virar as costas. Pode fazer isso, se quiser. Esta é a sua bênção”.

Depois que me acalmei, voltei aos treze cadernos e encontrei esta passagem no nono deles:

“Ela o odiava e o amava, ansiava por ele e rechaçava-o, e amaldiçoava a si mesma por sentir alguma coisa, qualquer coisa”.

É isso, concluí. Tudo está muito bem resumido nessa frase.

R. Y.

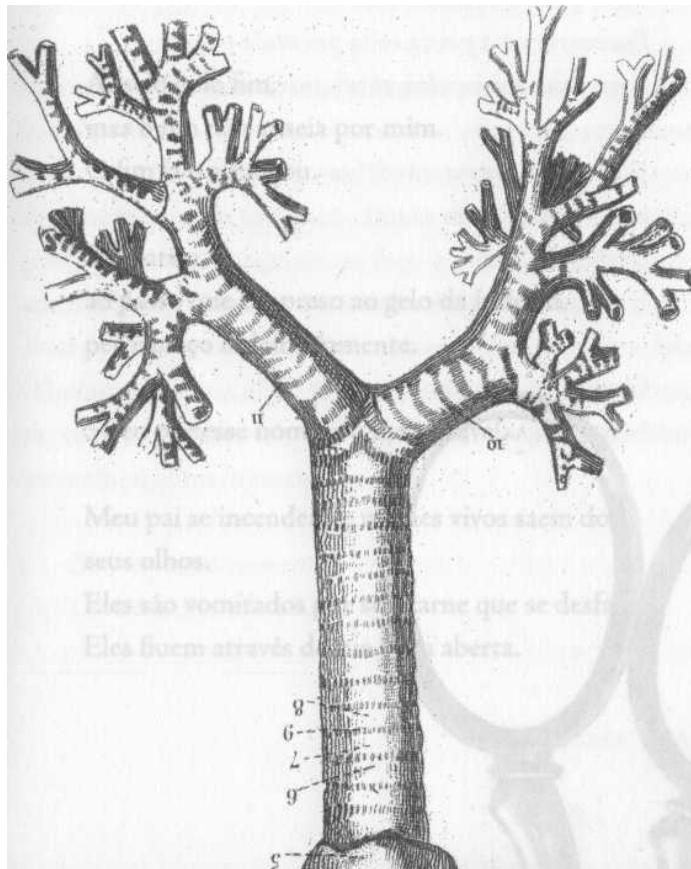
Gainesville, Flórida Março de 2013

FÓLIO XI

Judecca

SE ALGUM DIA ELE FOI TÃO BELO COMO HOJE É FEIO,
ERGUENDO ENTÃO A FRONTE CONTRA O CRIADOR, TODA
AFLIÇÃO BEM PODERÁ DELE PROVIR.

— DANTE, “O INFERNO”



Canto I

UM

*Anseio pelo fim,
mas o fim não anseia por mim.
O fim já o alcançou.*

*Ele partiu,
ao passo que eu, preso ao gelo da Judecca, permaneço
indefinidamente.*

Se eu pudesse nomear o inominável...

*Meu pai se incendeia, e vermes vivos saem dos seus olhos.
Eles são vomitados por sua carne que se desfaz.
Eles fluem através de sua boca aberta.*

*Isso queima, grita meu pai. Isso queima!
Seu contágio, minha herança.
Se eu pudesse encarar a coisa sem rosto
Das profundezas do fogo, ouviria o dueto dissonante de seus gritos. Eu
os vejo dançar a valsa final e feroz.
Meu pai e minha mãe, dançando nas chamas.*

*Se eu pudesse separá-los Se eu pudesse desatar o nó Encontrar uma
ponta solta por onde puxar E estender a coisa de ponta a ponta
Mas não há começo nem fim nem nada no meio
Começos são fins
E todos os fins são o mesmo.*

*O tempo é uma linha
Mas nós somos círculos.*

DOIS

Assim que eles morreram, fui levado para a casa do policial.

Apertando nas mãos o presente de meu pai, um chapéuzinho que cheirava a cigarro. E a esposa do policial lavando o meu rosto com um pano úmido, e minha voz silenciada por aqueles que dançaram no fogo e pelo fedor de sua carne queimada, e o mastigar de mandíbulas esfomeadas e avermelhadas, e as estrelas nuas lá no alto enquanto eu corria. Mandíbulas vermelhas, olhos brancos, e os vermes que zombavam do templo sagrado: verme branco, carne pálida, mandíbulas vermelhas, olhos brancos.

Seu fim meu começo.
O tempo em um nó.

E fez-se noite e manhã, e foi o primeiro dia.

Eu escuto sua voz antes de espiar o seu rosto: Vim pelo menino.

E a sombra dele, dura, sobre mim. Seu rosto um enigma, sua voz as algemas.

Sabe quem sou eu?

Apertando o chapeuzinho no meu peito.

Acenando com a cabeça. *Sim, eu sei quem o senhor é.*

O senhor é o monstrologista.

Você não tem direitos sobre ele, Pellinore.

E que outra pessoa teria, Robert? O pai dele morreu trabalhando para mim. A dívida é minha. Não pedi por ela, mas tenho de pagá-la ou

morrer na tentativa.

Desculpe, Pellinore, eu não queria ofender, mas o meu gato cuidaria melhor dele. O orfanato...

Eu não vou ver o único filho de James Henry largado naquele lugar horrível. Reivindico a guarda da criança, assim como circunstâncias infelizes reivindicaram e levaram os pais.

Inclinado sobre mim, com os olhos brilhando, o monstrologista, a sombra atrás da luz: Ele também pode estar condenado; você está certo. Nesse caso, o sangue dele recairá nas minhas mãos.

Os dedos longos e ágeis pressionando a minha barriga, apertando o meu maxilar.

Mas o que você vai fazer com ele, Pellinore? Ele não passa de uma criança, não está preparado para participar do seu trabalho — ou qualquer outro nome que você dê a isso.

Eu vou fazer que ele fique preparado.

— Você vai dormir aqui — disse o monstrologista. — Era onde eu dormia quando tinha a sua idade. Sempre achei que era um cantinho aconchegante. Qual é o seu nome mesmo? William, certo? Ou você prefere Will? Pode me passar esse chapéu; você não vai precisar dele. Vamos pendurá-lo aqui. Que foi? Por que está me olhando? Esqueceu o que eu perguntei? William ou Will, como devo chamá-lo? Diga! Qual é o seu nome?

— O meu nome é William James Henry, senhor.

— Hmm. Comprido demais para quando estivermos em ação. Vamos encurtar isso?

Virei a cabeça para o outro lado. Havia uma janela acima da cama no sótão. As estrelas brilhavam através dela, aqueles mesmos olhos que não piscavam e que eu tinha visto quando fugia do animal selvagem que as tinha devorado.

— William... James... Henry — falei baixinho. — Will — quase me

sufocando, alguma coisa prendeu minha garganta. — James... — Senti gosto de fumaça. — Hen... Hen...

Ele deu um suspiro alto e longo.

— Está bem. Não precisamos acertar essa questão do nome hoje. Boa noite, Will...

— Henry! — completei, e ele entendeu isso como uma decisão. O que na verdade não era... Mas na verdade era, porque já estava decidido assim.

— Então está bem — disse ele, baixando a cabeça sombriamente para observar algo que eu não podia ver. — Boa noite, Will Henry.

E fez-se noite e manhã, e foi o segundo dia.

Ele era alto e magro, de olhos escuros e profundos que pareciam queimar com seu próprio fogo interior. Descuidado na aparência e, ao que parecia, sempre com a barba por fazer e precisando de um corte de cabelo. Mesmo parado, parecia vibrar com uma energia dificilmente contida. Ao caminhar, dava passos largos. Não falava como as outras pessoas, mas como um orador fazendo um discurso. Não conseguia manter com naturalidade uma conversa comum — como qualquer outra coisa normal.

— Seu pai era um companheiro de confiança, Will Henry. Além de leal, era discreto, por isso duvido que falasse do meu trabalho na sua frente. O estudo de formas de vida aberrantes não é uma coisa particularmente adequada às crianças, apesar de que James dizia que você era um menino inteligente, de mente aguçada e rápida, ainda que não disciplinada. Bom, não espero que você seja um gênio, mas vou exigir uma coisa, hoje e sempre: lealdade. Sem hesitação, sem questionamentos, sem vacilações. Minhas instruções têm de ser seguidas à risca, sem falta, imediatamente. Com o passar do tempo, você vai entender por quê.

Ele me puxou. Eu me encolhi e tentei ficar afastado enquanto a agulha se aproximava.

— O quê? Tem medo de agulha? Você vai ter de superar isso, e todos os outros medos, para poder trabalhar comigo. Há coisas muito mais

amedrontadoras na criação divina do que esta agulhinha, Will Henry.

O nome do meu contágio estava inscrito em letra quase ilegível no instrumento ao lado do cotovelo dele. Meu sangue manchou a lâmina de vidro. Dando um grunhido suave de satisfação, ele envesgou os olhos para ver a amostra com a lente de aumento.

— Eu também tenho? Apareceu aí?

Os vermes escorrendo dos olhos sangrentos de meu pai, espirrando de suas feridas.

— Não. E sim. Você quer ver?

Não.

E sim.

TRÊS

Quando ele falava nisso, o que não ocorria com frequência, chamava a coisa de minha “ferida peculiar”. Seu principal item de aconselhamento era este: Jamais se apaixone, Will Henry. Jamais. Independentemente de você seguir ou não os meus passos, apaixonar-se, casamento, família seriam desastrosos. O organismo que o infectou (se sua população permanecer estável e você não sofrer o mesmo destino que seu pai) lhe dará uma vida artificialmente longa, longa o bastante para ver os filhos de seus filhos caírem no esquecimento. Todos os que amar estão condenados a morrer antes de você. Eles passarão, você continuará.

Levei o conselho dele a sério — pelo menos por um pequeno período —, até que meu coração me traiu, como o coração costuma fazer.

Ainda guardo o retrato dela, aquele que ela me deu quando eu a abandonei para seguir o monstrologista até a Ilha de Sangue. *Para dar sorte*, ela disse. *E para quando você se sentir sozinho*. Agora está amassado e desbotado, mas ao longo dos anos olhei para ele tantas vezes que o rosto dela está indelevelmente gravado na minha memória. Não preciso mais olhar para ele para vê-la.

Três anos se passaram entre o dia em que ela me deu o retrato e a noite em que voltei a vê-la. Três anos: uma eternidade na vida de alguém com dezesseis anos. Um piscar de olhos para um morador da Judecca, preso no gelo infernal.

— Decidi que esta será minha última noitada antes do congresso — Warthrop anunciara naquela ocasião, erguendo a voz para se fazer ouvir acima da música. A banda não era muito boa (ela nunca era), mas a comida era abundante e, somando-se à sua irresistibilidade (pelo menos para o doutor), totalmente grátis. Ele demonstrava um apetite monstruoso quando não estava cuidando de um caso; como um animal selvagem, Warthrop tendia a exagerar, preparando-se para o tempo das vacas magras. Naquele momento ele estava esvaziando um prato de ostras, com a manteiga derretida escorrendo pelo seu queixo recém-barbeado (por mim).

Ele me esperou para perguntar por quê; e, depois que não aceitei,

prosseguiu: — Um salão cheio de cientistas que dançam! Seria engraçado se não fosse tão penoso olhar.

— Eu prefiro me divertir apreciando — respondi. — É uma noite do ano em que os monstrologistas realmente tomam banho.

— Ah! Você não está agindo como se estivesse apreciando, parado aqui no canto e olhando para todos como se tivesse perdido o melhor amigo. — Saias e anáguas atravessavam rapidamente o salão sobre o piso brilhante, para evitar serem pisadas pelos pés desajeitados dos cientistas que dançavam. — Mesmo assim, peço que se aguarde até vinte para as onze — concluiu, verificando a hora no relógio de bolso. Fazia dezesseis anos (mais que o meu tempo de vida) que Warthrop não vencia, e confiava claramente que sua vez tinha chegado. Ele estava tão desesperado para vencer que uma trapaça não podia ser descartada. Começar a luta ele próprio poderia desclassificá-lo, mas não havia nada nas regras que proibisse seu fiel assistente de dar o primeiro golpe.

As luzes tremulando nos lustres. O chocalhar da prata contra a porcelana. As cortinas vermelhas e as gravatas floridas nos colarinhos brancos, os ombros nus de pele dourada brilhando, os buquês de flores nos vasos de cristal e, em toda parte, o aroma das possibilidades, das promessas por cumprir — e a maneira como o cabelo de uma mulher escorre sobre as suas costas.

— Não tenho jeito para fazer isso — protestei.

Warthrop não queria saber.

— Você pode ser um enigma para os outros, mas não para mim, sr. Henry! Você notou a moça no momento em que entrou e não tirou os olhos de cima dela desde então.

Olhei para ele bem nos olhos e disse:

— Isso não é verdade.

Ele deu de ombros.

— Como queira.

— Eu só saí do meio do salão, só isso. Pensei que ela estivesse na Europa.

— Eu me enganei. Perdoe-me.

— Ela é uma pessoa muito chata e não gosto dela.

— Muitos problemas, mais do que ela merece, eu concordo. — Ele abaixou a cabeça para pegar mais uma ostra, a sexta. — Ela escreveu longas cartas para você enquanto esteve lá fora, pedindo a sua resposta

em todas, tomando tempo que seria mais bem empregado se você cumprisse seus deveres comigo. Não tenho nada contra as mulheres em geral, mas elas podem ser muito... — ele procurou a palavra. — Ladras do nosso precioso tempo.

Ela estava de vestido púrpura com laço e uma fita combinando no cabelo, que ela tinha deixado crescer enquanto estivera fora; ele descia anelado pelas suas costas, como uma série de cascatas em tiras. Estava mais alta, mais magra, não era mais uma garota rechonchudinha. O *sol se levantou*, pensei, talvez incoerentemente.

— É o antigo chamado — sussurrou ele ao meu lado. — O imperativo acima de todas as dores. E só nós temos a capacidade de reconhecê-lo. E, ao fazer isso, não conseguimos mais controlá-lo.

— Não tenho a menor ideia do que o senhor está falando — disse eu.

— Estou falando como estudioso da biologia.

— Alguma vez o senhor falou como se não fosse?... — retruquei abruptamente. Peguei uma taça de champanhe da bandeja de um garçom que passava: a minha quarta. Warthrop balançou a cabeça. Ele não bebia, e considerava fraco mentalmente, se não moralmente, quem apreciava uma bebida.

— Não mais — ele sorriu, pálido. — Mas já fui poeta, se é que você lembra. Sabe a diferença entre ciência e arte, Will?

— Não tenho tanta experiência como o senhor nisso — respondi. — Mas entendo que o senhor não pode reduzir o amor a uma necessidade biológica. Isso barateia um e diminui a outra.

— Você disse “amor”? — Ele parecia surpreso.

— Estou falando em termos abstratos. Eu não amo Lilly Bates.

— Bem, seria bastante extraordinário se amasse.

Rodando, rodando, sob os grandes lustres brilhantes.

Não dança mal, o par dela. Ele não olha para os próprios pés; fixa os olhos no rosto dela virado para cima; e o rosto segue o giro do ombro nu enquanto ela roda levemente.

Querido Will, espero que esta o encontre bem.

— Por quê? — perguntei ao monstrologista. — E o que o senhor tem a ver com isso?

Com os olhos escuros brilhando:

— Enquanto você estiver sob a minha guarda, o assunto é inteiramente meu. Você precisa confiar em mim quanto a isso. Não há

luz no fim *desse* túnel específico, Will Henry.

Devolvi o olhar dele por um longo momento e depois bufei. A taça estava fria ao encostar em meu lábio inferior.

— O senhor seria o primeiro a me dizer que não devo aprender com o fracasso.

Ele se enrijeceu e replicou:

— Eu nunca fracassei no amor. O amor fracassou comigo.

Que contrassenso!, pensei. *A típica bobagem warthropiana posando de frase profunda.* Às vezes era quase impossível resistir à tentação de esmagar meu punho na cara dele. Apoiei a taça, endireitei a gravata e passei a mão no meu cabelo esplendidamente gomalinado, enquanto, no salão, alguém que dançava muito melhor do que eu girava com ela: *smoking* preto, vestido púrpura. Música alta e mal tocada, as risadas forçadas de homens chatos e linho branco manchado pela boca de animais trucidados.

— Aonde você vai? — perguntou ele.

— A lugar nenhum — respondi. Dei um tapinha no ombro dele. Warthrop viu as horas novamente e me lancei no salão, perdido como um destroço na maré agitada. O par dela se virou, os lábios finos se abrindo e revelando os dentes amarelados.

— A próxima música, maestro — pediu, com sotaque inglês refinado. Lilly não disse nada, seus grandes olhos azuis dançavam ainda mais alegremente que ela.

Querido Will. Por favor, perdoe-me por não escrever com mais frequência.

— Acho que você já a segurou bastante — disse eu. Depois, num apelo direto a ela: — Olá, Lilly! Reserva uma para dançar com um velho amigo?

— Você não vê que ela prefere dançar com quem sabe? Por que não vai abrir mais umas ostras e deixa a dança para um cavalheiro de verdade?

— Entendi. — Sorri. E espremi o antebraço direito no pomo de adão dele. Ele se dobrou na hora, pondo a mão na garganta. Terminei o trabalho com um soco de cima para baixo em sua têmpora. Acerte um homem com força suficiente nesse ponto e você pode matá-lo. Ele virou uma bola enrolada aos meus pés. Podia ter morrido; não me preocupei. Peguei Lilly pelo punho enquanto os socos começavam a voar em redor.

— Por aqui! — sussurrei no ouvido dela. Puxei-a em meio à multidão, na direção das mesas do bufê, onde Warthrop, de rosto avermelhado, sapateava de frustração. Ainda não eram dez e quinze. Ele havia perdido novamente. Uma cadeira veio escorregando pelo salão; um homem vociferava acima do estardalhaço: “Meu Deus, você a quebrou!”; a música irrompeu em meio à confusão de gritos dissonantes, como um vaso que se quebra; e então saímos pela porta lateral para o corredor estreito, onde uma escada de incêndio mergulhava num barril: luz dourada, fumaça negra e o cheiro de alfazema quando ela me atingiu o queixo.

— Idiota!

— Sou o seu libertador — corriji, tentando dar o meu sorriso mais safado.

— Do quê?

— Da mediocridade.

— Acontece que Samuel dança muito bem.

— Samuel? Até o nome é banal.

— Não como o extraordinariamente exótico William.

Suas faces estavam rosadas, a respiração era alta no peito.

Ela tentou me empurrar e fugir; não deixei.

— Aonde você vai? — perguntei. — É bobagem voltar para lá. Se não for acertada por uma bandeja, a polícia chegará logo para limpar o lugar. Você não quer ser presa, quer? Vamos dar uma voltinha.

Peguei no cotovelo dela; ela se soltou facilmente. Erro meu: devia ter usado a mão direita.

— Por que você bateu nele? — perguntou ela.

— Eu estava defendendo a sua honra.

— *Que honra?*

— Está certo, a minha honra, mas ele devia ter cedido a vez. Foi mal-educado.

Apesar de tudo, ela riu contra a vontade. O som era igual ao de moedas atiradas numa bandeja de prata, isso pelo menos não tinha mudado.

Eu a fiz se apressar para chegarmos ao fim do corredor. As pedras do calçamento estavam escorregadias por causa da chuva da tarde, e a noite tinha esfriado. Ela estava de mangas curtas; tirei o *smoking* e o coloquei nos ombros dela.

— Primeiro você é um bruto; agora é um cavalheiro — comentou.

— Sou a evolução do homem num microcosmo.

Chamei um táxi, dei o endereço ao chofer e deslizei para o assento ao lado dela. O *smoking* preto combinava com seu vestido púrpura, pensei. O rosto dela aparecia e sumia na sombra, conforme passavam as luzes dos postes da rua.

— Estou sendo raptada? — perguntou-me em voz alta.

— Resgatada — fiz questão de lembrar. — Das garras da mediocridade.

— De novo essa palavra — e alisou nervosa as dobras do vestido.

— É uma palavra adorável para uma coisa horrível. Abaixo a mediocridade! Quem é Samuel?

— Você não o conhece mesmo?

— Você se esqueceu de nos apresentar.

— É o aprendiz do dr. Walker.

— Sir Hiram? Imaginem só. Bom, não é tão difícil imaginar. Os semelhantes se atraem, é o que dizem.

— Pensei que o ditado falasse em opostos.

Balancei a mão, um gesto aprendido com o monstrologista; mas o desdém era todo meu.

— Clichês são mediocridades. Eu luto para ser original, srta. Bates.

— Então vou avisá-lo quando isso acontecer.

Eu ri e disse:

— Bebi champanhe. Mas não me incomodaria de provar outro gosto.

Estávamos perto do rio. Senti o cheiro de peixe morto comum a todos os portos. O vento frio brincava com os cabelos dela.

— Você tomou bebida alcoólica? Como esconde isso do seu médico?

— Desde que nos conhecemos, Lilian, você o chama dessa forma, e eu realmente gostaria que parasse com isso.

— Por quê?

— Porque ele *não* é o meu médico.

— Ele não se importa que você beba?

— Não é assunto dele. Quando voltarmos para os nossos quartos, ele vai perguntar: “Por onde você andou, Will Henry? “. Baixando o meu tom de voz para o registro apropriado, eu responderei: “Andei passeando pelo planeta Terra”, ou então: “Você não tem nada a ver com isso, seu velho ensebado”. Ele ficou meio implicante ultimamente. Mas não quero

falar sobre ele. Você deixou o cabelo crescer, gostei.

Alguma coisa relaxou dentro de mim. Talvez por causa do álcool, talvez não; talvez fosse algo mais difícil de definir. A luz brigava com a sombra no rosto dela, mas dentro de mim não existia esse conflito.

— E você cresceu — disse ela, tocando as pontas do cabelo. — *Um pouco*. Não reconheci você no início.

— Eu reconheci você logo de cara — repliquei. — Assim que entrou. Mas não tinha ideia de que tivesse voltado para os Estados Unidos. Há quanto tempo está aqui? Por que voltou? Achei que só fosse voltar no ano que vem.

Ela riu.

— Nossa, como está falante! Não esperava isso, Will Henry. Que deu em você?

Ela estava zombando de mim, claro, mas não deixei de captar o receio em sua voz, o leve tremor da incerteza, a emoção deliciosa de confrontar o desconhecido. Éramos parecidos nisso: o que repelia atraía; o que aterrorizava compelia.

— O antigo chamado — disse eu, rindo. — O imperativo acima de todas as dores!

O táxi parou. Paguei o chofer, dando a gorjeta simpaticamente, num gesto de compensação pela parcimônia do doutor, e ajudei-a a sair. O ar frio transporta melhor o som, e escutei o farfalhar do vestido dela e o sussurro do laço na sua pele nua quando descia.

— Por que me trouxe aqui, Will? — perguntou Lilly, olhando para o edifício imponente, com as gárgulas encurvadas rosnando para nós das cornijas.

— Quero mostrar uma coisa para você.

Ela me lançou um olhar intrigado. Ri e disse:

— Não se preocupe. Não vai ser igual à nossa última visita ao Monstrumarium.

— A culpa não foi minha. Foi você que quis pegar na coisa.

— Que bem me lembre, você me pediu para dizer qual era o sexo dela, sabendo muito bem que a criatura era hermafrodita.

— E, que *eu* me lembre, foi você que decidiu que manipular um Verme Mongol da Morte era melhor que admitir a sua própria ignorância.

— Bom, o que importa agora é que estamos perfeitamente em segurança hoje, desde que Adolphus não nos pegue.

Entramos no edifício. Ela pegou no meu braço e disse:

— Adolphus? Com certeza saiu para uma noitada.

— Às vezes ele cai no sono na própria mesa de trabalho.

Empurrei a porta pondo a mão logo abaixo do aviso que dizia:

“ENTRADA ABSOLUTAMENTE PROIBIDA PARA NÃO MEMBROS”. A escada estava mal-iluminada e era bem estreita. O cheiro de mofo e um toque de decadência permeavam o ar.

— As pessoas esquecem que ele fica aí embaixo — sussurrei, indo na frente. A escada era estreita demais para duas pessoas lado a lado.

— E o pessoal da faxina nunca desce abaixo do térreo; não por medo de alguma coisa catalogada; eles têm pavor do Adolphus.

— Eu também — confessou ela. — A última vez que o vi, ele ameaçou me bater na cabeça com a bengala.

— Mas ele está certo. Já passou muito tempo sozinho com os monstros. Desculpe, eu não devia chamá-los assim. Não é científico. “Espécimes biológicos aberrantes.”

Chegamos ao primeiro andar. Agora o cheiro dos produtos químicos era mais forte. Eles serviam para encobrir o odor doce-doentio da morte que permeava todo o Monstrumarium como uma névoa onipresente. Mais um andar e estaríamos no escritório do velho galês.

— É melhor que isso não seja nenhum truque, William James Henry — ela sussurrou no meu ouvido.

— A vingança não faz parte da minha natureza — murmurei em resposta.

— Eu me pergunto o que o dr. John Kearns diria diante disso.

Voltei-me para ela. Ela recuou, acuada pela minha expressão irada.

— Eu confessei isso a você em plena confiança — disse eu.

— E eu mantive o segredo — ela replicou desafiadora, erguendo o queixo para mim, um gesto que lembrava a infância.

— Não é essa a questão. Eu não matei Kearns para me vingar.

Os olhos dela pareciam maiores na iluminação fraca.

— Não. Agora podemos continuar?

— Foi você que parou — disse ela.

Peguei na mão dela para guiá-la nos últimos degraus. Virando, era o escritório do curador. A porta estava aberta, a luz acesa. Adolphus estava prostrado, com a cabeça caída para trás, a boca aberta. Atrás de mim, Lilly sussurrou: — Não vou seguir em frente enquanto você não

disser...

Eu me virei.

— Muito bem! Eu queria fazer uma surpresa, mas sou seu humilde servidor, srta. Bates, como sou *dele*, como sou de todos, coisa que já provei de uma vez por todas, inclusive na morte de Kearns.

Especialmente por ocasião da morte de Kearns... Foi algo único, extraordinário, absolutamente incomum, mais precioso que qualquer pérola, pelo menos para um monstrologista, e o maior feito de Warthrop até esta data. Ele vai apresentar o caso numa assembleia especial do congresso deste ano. Depois, só Deus sabe o que ele fará com isso.

— E o que é “isso”?... — perguntou sem fôlego. Com as faces em púrpura. Erguendo-se na ponta dos pés. Nunca mais adorável que nesse momento.

Ela conhecia, como eu — e como *você* — o terrível anseio, a repugnância inevitável, o *apelo* da coisa sem nome e sem rosto, a coisa que eu chamo *das Ungeheuer* (“*O monstro*”, em alemão. [N. do T.])

A coisa que desejamos e negamos. A coisa que é *você* e não-*você*. A coisa que existia antes de nós e continuará a existir muito depois que partirmos.

Larguei a mão dela.

— Venha ver.

Canto II

um

Venha ver.

O menino de chapeuzinho dois tamanhos menor e o homem alto de guarda-pó branco manchado; o frio andar térreo com os vidros cheios de líquido cor de âmbar empilhados até o teto. A longa mesa de metal e os instrumentos pendurados em ganchos ou alinhados como talheres em bandejas brilhantes.

— É aqui que realizo a maior parte de meus estudos, Will Henry. Você jamais deve descer até aqui, a menos que eu esteja presente ou que lhe dê a minha permissão. A regra mais importante que você deve lembrar é: se algo se mexer, não toque. Pergunte primeiro. Sempre pergunte antes... Ah, aqui está uma coisa para você. É o avental de trabalho do seu pai. Um pouco sujo, velho de guerra, como você pode ver... Hmm... Cuidado agora ou você vai rasgá-lo. Bom... Você vai caber nele.

Na mesa de trabalho, algo se retorce dentro de um dos vidros maiores, Olhos bulbosos. Boca escancarada. Garras afiadas. E as garras arranham o vidro grosso.

— O que o senhor está fazendo aqui?

— O que eu...? — Ele está espantado. — O que o seu pai disse?

Estive em muitos lugares, Will. Vi maravilhas que só os poetas conseguem imaginar.

Na jarra, a coisa sem nome olhando fixamente para mim, arranhando, arranhando o vidro.

E o homem alto de guarda-pó branco sujo falando num tom seco, de professor, como se estivesse se dirigindo a uma assembleia de homens como ele, de guarda-pós brancos sujos: — Sou um cientista. Um estudioso de um ramo peculiar da filosofia natural chamado biologia aberrante. “Monstrologia” é o termo comum. Estou surpreso de que seu pai nunca lhe tenha dito.

O dr. Warthrop é um grande homem envolvido em uma grande obra, e nunca vou lhe virar as costas, nem que o próprio fogo do inferno se erga para me impedir.

— O senhor é um caçador de monstros.
— Você não está me escutando. Eu sou um cientista.
— Que caça monstros.
— Que *estuda* certas espécies raras e, digamos, perigosas, as quais são geralmente malévolas em relação aos seres humanos.
— Monstros.
Arranhando, arranhando, a coisa na jarra de vidro.
— Esse é um termo relativo, com frequência mal aplicado. Sou um explorador. Levo a lanterna para os lugares sem luz. Luto contra a escuridão para que os outros vivam na luz.
E a coisa na jarra, arranhando desesperadamente o vidro grosso.
Arranhando, arranhando.

DOIS

Não havia luz naquela pequena alcova para a qual ele me levou como se eu fosse uma caixa de curiosidades inúteis herdada de algum parente distante. Eu tinha implorado ao meu pai que me levasse em uma de suas incríveis aventuras com o grande Pellinore Warthrop, de modo que eu pudesse participar dos “assuntos importantes” e ver com meus próprios olhos as “maravilhas que os poetas apenas imaginam”

A coisa me atingiu quando eu estava finalmente caindo num sono espasmódico. Depois de horas gemendo na escuridão profunda, sabendo que, quando dormisse, exausto de minha dor inexaurível, eu veria novamente meus pais dançando nas chamas — sempre nesse momento, como se ele soubesse de algo, e às vezes eu estava certo de que sabia, o grito voltava, alto, sentido, repleto de terror: *Will Henry! Will Henreeeee!*

E lá ia eu para a sala na escuridão, tropeçando, com as pálpebras pesadas de sono, e daí para o quarto dele.

— Aí está você! — Um fósforo era riscado; ele acendia a lamparina ao lado da cama. — O quê? Por que está me olhando desse jeito? Seus pais não lhe ensinaram que é falta de educação?

— O senhor precisa de alguma coisa?

— Não, não preciso de nada. Por que pergunta? — Ele batia com o dedo na cadeira ao lado da cama. Eu me jogava nela, com a cabeça pesada caindo sobre os ombros. — Que aconteceu? Você está com a aparência horrível. Está doente? James nunca mencionou que você fosse uma criança doentia. Você está doente?

— Não que eu saiba, senhor.

— Não que você saiba? Até um simplório sabe dizer se está doente ou não. Quanto anos você tem?

— Onze. Incompletos, senhor.

Ele grunhia, me medindo: — É pequeno para a idade.

— Eu sou rápido. Sou o jogador mais rápido do meu time.

— Time? Time de quê?

— Beisebol, senhor.

— Beisebol! Você gosta de esportes?

— Gosto, senhor.

— De que mais você gosta? Gosta de caçar?

— Não, senhor.

— Por que não?

— Meu pai prometeu que ia me levar... — Fiz uma pausa, lembrando que essa era outra promessa que nunca seria cumprida.

Os olhos de Warthrop se encontraram com os meus, com aquele brilho estranho, frio, sem luz. Ele perguntava se eu estava doente, mas era ele quem parecia o doente, com aquelas manchas escuras e circulares em volta dos olhos, as faces afundadas com a barba por fazer.

— Por que está chorando, Will Henry? Acha que suas lágrimas vão trazê-los de volta?

Elas corriam pelo meu rosto, vazias, inúteis. Eu reunia todas as forças para não me jogar sobre ele num abraço, implorando consolo. Implorar alguma coisa para ele! O mais simples dos gestos humanos.

Eu ainda não o entendia.

Eu ainda não o entendo.

— Você tem de ser durão — disse ele, inflexível. — A monstrologia não é uma coleção de borboletas. Se vai ficar comigo, precisa se acostumar com essas coisas. E outras ainda piores...

— Eu vou ficar com o senhor?

O olhar cortante dele atravessou os meus ossos. Eu queria desviar o olhar; eu não conseguia desviar o olhar.

— O que você quer?

Meu lábio inferior tremeu.

— Não tenho nenhum outro lugar para ir.

— Não sinta pena de si mesmo, Will Henry — disse ele, o homem cuja autopiedade atingia alturas operáticas. — A ciência não tem lugar para pena nem para piedade nem para nenhum sentimentalismo.

E a criança respondeu:

— Eu não sou um cientista.

Diante do quê, o homem replicou: — E eu não sou uma babá. O que você quer?

Estar sentado à mesa da minha mãe. Sentir o cheiro da torta quentinha esfriando. Ver quando ela arruma a mecha de cabelo atrás da orelha. Escutar a voz dela dizendo: Willy, você tem de esperar que ela

esfrie, ainda não está na hora. E que o mundo inteiro, cada pedacinho dele, tenha cheiro de maçã.

— Eu poderia mandar você embora — ele continuou: era uma oferta, uma ameaça. — Provavelmente não existe nenhuma outra pessoa na América do Norte mais parcamente preparada para criar um menino. Bom, a maioria das pessoas é insuportável para mim, e as crianças raramente atingem esse nível. Você pode esperar de mim o pior tipo de crueldade, Will Henry: a crueldade do tipo inesperado. Eu não sou um homem que sente raiva... Eu sou simplesmente o oposto disso, e o oposto da raiva não é o amor.

Ele riu com uma carranca de minha expressão perplexa. Ele sabia — sabia! — que o menino órfão de coração partido que estava à sua frente não tinha capacidade de compreender o que ele dizia. Ele, o jardineiro paciente, estava plantando sementes que levariam anos para germinar. Mas as raízes se aprofundariam, os frutos seriam resistentes à seca, às pragas e às inundações, e, no fim de tudo, a colheita seria abundante.

Mas a amargura não inveja o prazer. A amargura encontra o prazer no ponto exato em que a amargura brota. Mais jovem que eu quando perdeu sua própria mãe, enjeitado por um pai frio e impiedoso, o monstrologista compreendia o que eu tinha perdido. Ele também havia perdido as mesmas coisas.

Em mim, ele.

Nele, eu.

O tempo é uma linha, mas nós somos círculos.

TRÊS

19 de setembro, 1911 Caro Will,

Eu não lhe escreveria se o bem-estar de seu antigo empregador não tivesse se tornado um assunto de algum interesse para mim. Como você sabe, tomei o cuidado de fazer as verificações sobre ele desde sua última estada aqui.

Receio que o rumo das coisas tenha se virado na pior direção.

Galho nu, céu cinza, folha morta. E a velha casa mergulhando nas trevas do crepúsculo.

Bato com força à porta.

— Warthrop! Warthrop, sou eu, William. — Então, como um gemido para dentro: — Will Henry!

Eu não teria vindo incomodá-lo se não temesse pelo seu bem-estar.

Vento frio, teias de aranha, janelas incrustadas de sujeira, madeira lascada com a cor da cinza. *Ele estará enfiado no porão? Ou desabou no quarto?* Escavei os bolsos em busca da chave. Praguejei: devo ter deixado a maldita em Nova York.

— Warthrop! — gritei socando a porta. — Responda imediatamente, velho safado!

A porta se abriu num rangido agudo das dobradiças enferrujadas, como o gemido de um animal ferido, e ali estava ele, ou o que havia sobrado dele. O rosto das cinzas do bordo comido pelo tempo. Os olhos vagando como o céu crepuscular. Ele tinha perdido mais peso desde a última vez em que o vira, a pele se esticando sobre o osso, os lábios sem cor, finos e estirados sobre os dentes amarelados que pareciam até maiores, emaciados. Numa das mãos ossudas ele apertava um lenço sujo e amarfanhado; na outra, seu velho revólver, apontado diretamente para o centro da minha testa.

Olhamos um para o outro por um momento longo, nada dizendo de

cada um dos lados da soleira da porta, de cada um dos lados do universo.

Ele não vai responder ao meu chamado. Ele não virá bater à minha porta. Antes de notificar as autoridades, pensei que devia informar a você. Você é, no sentido mais livre, a única família que ele tem.

— Warthrop — disse eu. — Que diabos está fazendo?

Sua boca se abriu e ele disse:

— Olhando para ele.

Depois caiu.

Carreguei-o escada acima, através de um mar de poeira tão espesso que redemoinhava à nossa passagem. O monstrologista não parecia pesar mais que um garoto de onze anos. No seu quarto, deitei-o na cama. Tirei-lhe os sapatos. Cobri-o com um cobertor. Caída, a mesma cadeira em que eu havia me sentado vinte e quatro anos antes. Quantas vezes eu me havia sentado naquela mesma cadeira enquanto ele ralhava e reclamava, dava lições, fazia perguntas e me fatiava até os ossos como mais um de seus horríveis espécimes? Sua respiração era curta e desigual. Seus olhos tremelicavam em espasmos sob as pálpebras cor de carvão. Como se não tivesse dormido desde que eu o deixara, como se estivesse esperando por mim esse tempo todo para finalmente descansar.

— Você está acordado? — disse eu, quase gritando. Minha voz se propagou como a neblina no ar morto. Ele não respondeu. — Vá para o inferno — continuei. — Você provavelmente mandou Morgan escrever aquela carta. Para que queria saber de mim, Warthrop? Não há mais nada para mim aqui. Nada para você, tampouco, mas isso não é mais minha responsabilidade. Bom, nunca foi. Eu era uma criança. Que escolha tinha eu? Você poderia ter batido em mim todo dia e me trancado num armário à noite; mesmo assim eu teria ficado.

Tirei o sobretudo, enrolei-o no colo. Senti arrepios. Vesti-o novamente. Minha respiração congelava no ar frio.

— O que eu lhe devo? Nada. Seja quanto for que eu deva, paguei a dívida multiplicada por cem. Eu não pedi isso. Eu não pedi pela sua... crueldade não intencional.

Ele não parecia velho naquela tristeza sombria. Mais parecia uma criança. Uma criança a quem fizeram passar fome, uma criança que viu coisas que nenhuma criança deveria ver. Acho que não teria me

chocado se o tivesse visto amarfanhando um chapeuzinho dois números menor que o da cabeça dele.

— Mas aqui estou eu. Nesta mesma cadeira maldita. “Sente-se aí, Will Henry!” E aqui estou eu, indispensável como sempre. “Sim, dr. Warthrop. Imediatamente, dr. Warthrop”. Agora, que se dane!

Eu o deixo. Faz muito frio, é mais frio dentro do que fora; ele deve ter atrasado o pagamento da conta do aquecimento, ou o aquecedor deve ter quebrado outra vez. Acendo o interruptor no vestíbulo para ter certeza de que a eletricidade não foi cortada. Depois de descer as escadas, parando para pegar o revólver no chão, vou para a cozinha: um desastre de comida estragada, potes e pratos sujos com xícaras cheias de chá até a metade. Escuto algo que arranha embaixo da pia. Ratos, provavelmente. Volto para a porta do porão, por onde tenho de passar para inspecionar a fornalha, embora fosse o último lugar em que desejaria entrar. O porão é o lugar onde perdi o que restava da minha infância — e onde deixei parte dela. Ele o conservou como estava durante todos esses anos, o dedo que cortou com uma faca de açougueiro boiando num vidro de formaldeído.

Você o conservou?

Bom, eu não ia jogá-lo fora com o lixo.

Ele fez aquilo para salvar a minha vida. Mais uma crueldade não intencional.

A porta ganhou um cadeado. Recentemente. Ele parecia novo em folha. Não me lembro de tê-lo visto da última vez.

Subo a escada novamente. Ele não se moveu um centímetro. Puxo o cobertor e reviro os bolsos dele com cuidado. Vazios. *Warthrop, seu velho conspirador, onde foi que escondeu a chave? E o que foi que você trancou no porão?*

Volto a cobri-lo, sento-me de novo na cadeira, revolvendo o revólver em minhas mãos. Verifico o tambor. Vazio. Rio suavemente. A ironia é tão espessa como as folhas mortas na calha.

— Não vou voltar mais aqui — digo. — Esta é a última vez. Você fez a cama, agora deite-se nela. E antes de me julgar considere que em toda a história do mundo nenhum criador jamais desprezou a sua criação.

— E Satanás?... — Um sussurro com a espessura de um fio de cabelo veio da cama. Então ele está acordado. Como eu suspeitava.

— Satanás foi o destruidor — respondi. — Ele não criou nada.

— Eu estou me referindo ao criador *dele*. O todo-amoroso que o aprisionou no gelo, no círculo mais baixo do poço. Satanás também era dele: “Se algum dia ele foi tão belo como hoje é feio”...

— Ah, e qual é a de hoje, Warthrop? — rosno. — Do que você está morrendo hoje?

Os lábios finos recuam num sorriso malicioso. Meu estômago se revira ao ver aquilo.

— Ah, o de sempre, Will Henry. O de sempre.

QUATRO

— *Will Henreeeee!*

E lá ia eu rumo às trevas. Ele estava encurvado sobre a cama, amarfanhando as cobertas como uma criança acordada por um pesadelo indescritível. E o garoto bocejando na cadeira, de boca seca, cuja presença mal era percebida a maior parte do tempo. Não era a companhia do menino que ele desejava. Ele queria alguém que o ouvisse. Qualquer pessoa servia.

CINCO

— Por que faz tanto frio aqui? — perguntei.

— Está fazendo frio? Não estou sentindo.

— Quando foi a última vez que você comeu? Quando tomou banho? Quando se trocou? Acha que faz a mínima diferença para mim, Warthrop? Pensa que eu desperdiçaria um único momento me preocupando com o que você estaria fazendo neste... neste mausoléu que chama de casa? Não adianta ficar aí deitado rindo para mim como um cadáver no campo de batalha. Responda!

— Eu encontrei, Will Henry.

— Encontrou o quê?

— A coisa.

— Quê? Que coisa? Seja claro. Não tenho tempo para adivinhações.

Os olhos dele brilham como o fogo, eu conheço aquele olhar, e alguma coisa profunda arde no meu peito, como a dor de um homem no deserto que vê água ao longe ou a de alguém que vira uma esquina numa cidade grande e dá de cara com um amigo há tanto tempo esquecido.

— “Passar além dos limites da Humanidade é algo que não se pode exprimir em palavras.”

— Com isso eu concordo — disse eu. — Você com certeza parece ter passado além dos limites da humanidade.

— O trabalho da minha vida, Will Henry.

— O seu trabalho? Não sobrou nenhum monstro, Warthrop, nem homens para caçá-lo.

Ele sacudiu a cabeça, depois assentiu:

— Sempre haverá monstros, mas é verdade: eu sou o último da minha espécie.

— Suponho que a culpa seja minha.

— Ah, você teria sido terrível nisso. É melhor que isso acabe em mim do que em alguém medíocre.

Ri diante do insulto. Que mais poderia fazer? O revólver não tinha balas.

— Se sou um medíocre, não é minha culpa — retruquei, voltando ao tema do criador e sua criatura. — Deus não poderia ter tornado Satanás belo para sempre? Afinal de contas, Ele é Deus.

— Não existe diferença — disse o velho monstrologista, arfando. — Ele é o que é, e eu não sou.

— O quê? Você não é Deus ou você não é você?

Ele arfou mais uma vez e virou velozmente o dedo esquelético para a minha cara: — Ambos.

— Bom, você já teve aparência melhor. O que lhe aconteceu? — De repente, fiquei bastante zangado. — O que aconteceu *aqui*? Eu contratei aquela moça para cozinhar e fazer a faxina para você... nem lembro o nome dela agora...

— Beatrice — ele completou. Olhei para ele: *Isso é uma piada?* Mas ele não estava rindo. — Eu a demiti.

Balancei a cabeça, fervendo de raiva. Alguma coisa em mim tinha se soltado de novo, a coisa escura, desenovelada.

— Claro que a demitiu! Sempre me perguntei o que iria matá-lo antes, Warthrop: o seu ego titânico ou a sua autopiedade colossal.

— Os dois são uma única coisa, Will Henry. Sempre foram a mesma coisa.

Observei as lágrimas dele rolando. Quantas vezes eu não me havia sentado naquela mesma cadeira enquanto ele observava as minhas?

— Por que está chorando, Warthrop? — perguntei com voz áspera. — Acha que as suas lágrimas vão me fazer voltar atrás? — E a coisa se desenovelando em mim. O presente dele para mim, sua maldição. — O que você deseja? Will Henry foi embora; ele não existe mais. Você precisa ser forte e aceitar esse fato.

Os lábios dele se contraíram. Não era um sorriso; era um arremedo de sorriso.

— Eu aceitei. Por que você não aceitou?

Olhamos um para o outro através do vasto espaço que nos separava. Ele em mim.

E eu nele.

Na escuridão, ele poderia passar por uma vítima de um de seus horríveis espécimes. O sorriso forçado, sensual e mortífero, os olhos arregalados que não piscavam, a carne pálida e gasta. Num certo sentido, ele era uma delas.

Por favor, não me abandone, ele havia me implorado uma vez. Você é a única coisa que me mantém humano.

SEIS

Fui ao banheiro. No espelho, vi um menino com máscara de adulto, terno na moda, um belo corte de cabelo, bem barbeado. Somente os olhos o denunciavam: ainda eram os olhos *dele*, do menino Will Henry, a olhar o mundo meio encolhido, esperando que o que quer que fosse saltasse das trevas. Olhos que tinham visto coisas demais cedo demais e por tempo demais, incapazes de se desviar para outro lado. *Olhe para o outro lado*, sussurra o homem para o menino de máscara. *Olhe para o outro lado*.

Enchi a banheira e enxaguei nela a roupa mais limpa que consegui encontrar (não havia nenhuma no guarda-roupa). Voltei ao quarto dele.

— O que você está fazendo? — perguntou com a voz tremendo de medo enquanto eu voltava para perto da cama.

— Você está fedendo. Vou lhe dar um banho.

— Sou perfeitamente capaz de tomar banho sozinho, sr. Henry.

— Verdade? Então por que não faz isso?

— Estou muito cansado agora. Deixe-me repousar.

Peguei no punho dele e o puxei para fora da cama. Ele me bateu levemente no ombro. Passei o seu braço em volta do meu pescoço e o ajudei a ir ao banheiro.

— Este é o sabonete. Esta é a toalha. Chame quando tiver acabado.

— *Eu* estou acabado! — ele gritou na minha cara, depois cacarejou como um doido.

— E depois de acabar vou fazer a sua barba e lhe dar algo de comer.

— Você não é minha criatura, como sabe — disse ele.

— Não, Warthrop — respondi. — Eu não sou nada. Não sou nada de nada.

Não estava no gabinete de trabalho dele. Pelo menos não o encontrei em nenhuma das gavetas nem nas prateleiras empoeiradas, nem enfiado num dos esconderijos habituais. O quarto, como o restante da casa, tinha uma camada espessa de pó, restos ressecados de insetos e da pátina sépia da memória. Naquele lugar ele havia redigido seus escritos mais importantes, suas cartas, suas muitas aulas na Sociedade.

Ali ele havia recebido os luminares da época: cientistas, exploradores, escritores, inventores, até uma celebridade e um ou dois presidentes. Warthrop era famoso em sua área, renomado até em alguns círculos seletos. Todos haviam escapado da sua órbita quando a sua estrela perdera o brilho e o lampião que ele carregava nas trevas exaurira o combustível, enquanto a escuridão se comprimia à sua volta. A carta não respondida, o telefonema não retribuído, os convites ignorados, e Pellinore Warthrop fora caindo nos últimos recantos da memória, uma figura proeminente encolhendo no horizonte. *Warthrop? Ah, sim, claro que me lembro de Warthrop! Mas era Warthrop ou Winthrop? Warthrip? Bom, seja o que for. Mas o que aconteceu com ele, você sabe? Acabou chegando a hora dele?*

Um velho mapa estava pendurado atrás da escrivaninha dele. Alguém — suponho que tivesse sido ele, porque não fora eu — havia colocado tachinhas para marcar os lugares aonde seus estudos o tinham levado. Eu conhecia esses lugares, ou a maior parte deles: eu havia estado lá com ele. Canadá, México, Inglaterra, Itália, Espanha, África, Indonésia, China. Aonde quer que as trevas o chamassem. Fiquei olhando para o mapa por um longo tempo. Quantas vidas não tinha ele salvado nos lugares marcados pelas tachinhas, enfrentando terrores que nenhum outro homem teria coragem de encarar? Impossível contar. Centenas, talvez milhares. Talvez mais: o *T. magnificum* tivera o potencial de varrer toda a espécie humana da face da Terra, e ele o havia derrotado. Ele, Pellinore Warthrop, cujo nome cada vez menos pessoas se esforçavam por lembrar.

Bom, vamos em frente.

— Will Henreeeee! — a voz dele, estranhamente distante e suave, ecoou escada abaixo.

Fechei os olhos.

— Só um momento. Ensaboe-se mais um pouco!

Eu tinha procurado no lugar errado. Devia ter começado no ponto mais próximo e continuado dali para a frente. Era esse o modo warthropiano: A natureza progride do simples para o complexo e, como estudiosos dela, devemos fazer igual. Quando se defrontar com um problema, procure sempre a solução mais simples; é esse o caminho que a natureza segue sempre.

Se não estava guardado nele mesmo, o lugar mais simples para

escondê-lo seria próximo ao cadeado, onde poderia pegá-lo rapidamente.

Desde, claro, que ele tivesse trancado o porão para guardar algo lá *dentro* em vez de servir para manter alguém *fora*.

Encontrei, Will Henry. A coisa em si. O trabalho da minha vida.

Bati levemente com a mão na testa. Claro! Agora fazia sentido. A aparência macabra dele, o brilho incomum nos olhos, o ar de calma frenética. O monstrologista não estava se desfazendo porque o trabalho da sua vida — e, com ele, todo o seu sentido — estivesse concluído.

Eu tinha chegado bem no meio de um caso.

O que você trancou no porão, Warthrop? O que é “a coisa em si”? E você se recusa a compartilhar isso comigo?

Ou você vai abrir o cadeado, escancarar a porta e dizer: “Entre e veja”?

Canto III

UM

Levei Lilly para um canto fora da vista do escritório do curador.

— Fique aqui — disse eu. — Tenho de pegar a chave. Ela arquejou, aterrorizada e deliciada. — Está na Sala Trancada?

— Eu contei a você que era o maior troféu de Warthrop. Há um bocado de risco envolvido, não por causa da *coisa*, não se preocupe, mas por causa de Adolphus. A chave está pendurada naquele gancho que fica bem acima da cabeça velha e irritadiça dele.

Voltei do salão para o escritório dele. O caminho para pegar a chave através do santuário dele era muito traiçoeiro: estreito e tortuoso, serpenteando através dos despachos já preparados e empilhados com a altura de quatro caixas e papéis e jornais altos como o nosso peito. O menor esbarrão derrubaria alguma daquelas torres frágeis com estrondo. Passei facilmente pela cadeira dele; o gancho com a chave, bem atrás da escrivaninha, abaixo do brasão da Sociedade, com o lema *Nil timendum est* (*Nada temas*”, em latim. [N. do T.]). Olhei para baixo, para a cara dele virada para cima. A parte superior da dentadura, moldada pela de seu filho morto nos campos sangrentos de Antietam, estava solta; Adolphus dormia de boca aberta, aquilo propiciava um efeito estranho e desconcertante. Mas não me demorei para ver aquilo. Apesar da idade extremamente avançada, Adolphus tinha sono leve e dormia sempre com a bengala pesada ao lado. Um golpe bem dado com aquilo poderia ser o bastante para me enviar à sepultura prematuramente. E eu não estava preparado para morrer, não naquela noite, pelo menos, enquanto Lilly Bates, num vestido resplandecente de seda com laço, esperava por mim e a noite, como as caixas fechadas no escritório lotado do curador, escondia promessas de mistérios ainda por desempacotar.

— Que houve? — perguntou Lilly quando voltei. Ela notou na hora o ar de consternação no meu rosto.

— A chave não está lá — respondi. — Alguém a tirou do gancho.

— Talvez Adolphus a tenha guardado no bolso, por segurança.

— É uma possibilidade. Mas não dá para revistá-lo — Esfreguei as costas da minha mão de quatro dedos nos lábios.

— Vamos embora — disse ela. Com isso ela me pegou nos nervos, acho. — Você pode me mostrar a coisa uma outra hora.

Fiz que não com a cabeça, peguei na mão dela e fomos pelo salão, longe da escada, para as profundezas do ventre da Lata de Lixo dos Monstros.

— Will! — ela chamou baixinho. — Onde estamos?

— Vamos dar uma olhada só para ter certeza.

— Para ter certeza *do quê?*

— De que está trancado e que o troféu especial dele ainda está intacto e a salvo.

— O troféu especial dele — ela ecoou.

O chão era levemente inclinado. Conforme descíamos, o ar ficava mais pesado; a respiração se tornou mais difícil, inspirávamos com uma ponta de desespero. Paredes pretas, chão escorregadio, teto baixo. Passados os batentes de porta por entre os quais a luz fraca não conseguia quase passar, chegamos a uma passagem que terminava na única porta trancada de todas: a porta do Monstrumarium, o *Kodesh Hakodashim*, o Santo dos Santos, onde residiam os mais perversos gracejos da natureza, aqueles argumentos irrespondíveis contra o nosso conceito desesperado de que o universo é governado pelo amor divino e por uma inteligência imaculada.

— William James Henry — rosnou Lilly com os dentes cerrados. Ela ficou imóvel, recusando-se a dar mais um passo. A Sala Trancada estava justamente depois de virar o próximo canto. Ela puxou a mão, tirando-a da minha, e cruzou os braços na frente do peito. — Eu não vou me mexer daqui enquanto você não me disser o que há nesta sala.

— O quê? Não me diga que a invencível Lilian Bates está com medo! — eu a desafiei. — A garota que me informou com orgulho que iria se tornar a primeira mulher monstrologista? Estou chocado!

— A primeira regra da monstrologia é: cuidado! — respondeu ela, inclinando-se. — Pensei que o aprendiz do maior filósofo da biologia aberrante soubesse muito bem disso...

— Aprendiz? — eu ri. — Não sou aprendiz nem nunca fui.

— Ah, se não é, então o que você é?

Olhei profundamente nos olhos dela, de azul tão escuro e tão

belamente transparentes na penumbra.

— Eu sou o infinito nada no qual tudo flui.

Ela riu e esfregou nervosamente os braços nus.

— Você está bêbado.

— Esotérico demais? Muito bem, então que tal esta? Eu sou a resposta à prece não atendida da humanidade: a mais saudável pessoa viva, porque nenhum ser humano macula minha vista. O narrador totalmente objetivo da história.

Ela ficou muito séria e disse em voz normal:

— O que está dentro da Sala Trancada, Will?

— O fim da longa estrada. O ponto final da jornada... para aqueles que têm olhos para ver.

DOIS

A coisa tinha começado meses antes, com uma visita inesperada.

— Estou procurando um homem chamado Pellinore Warthrop — disse o homem, à porta. — Disseram-me que poderia encontrá-lo aqui.

Um sotaque vagamente europeu continental, difícil de precisar de onde. Capa de viagem, empoeirada pela viagem através de muitos quilômetros, envolvendo um terno elegante. Alto. Bem-apessoado. Os olhos a reluzir com vivacidade, como pássaros, sob as sobrancelhas arqueadas e espessas. O ar inconfundível de um nobre, a arrogância discretamente velada.

E, atrás dele, as sombras a se avolumar sobre a Harrington Lane.

— Aqui é a casa do dr. Warthrop — respondi. — Qual é o assunto?

— Isso é entre mim e o dr. Warthrop.

— E o senhor é...?

— Prefiro não declinar o meu nome.

— O doutor não tem o hábito de receber visitantes sem nome em missão clandestina, senhor — eu disse sem me intimidar, embora não fosse a verdade. — Obrigado pela visita.

Fechei a porta na cara dele. Esperei. Ele bateu novamente. Abri a porta.

— Em que posso ajudar?

— Quero falar com o dr. Warthrop imediatamente! — Suas narinas estavam explodindo. — *Jovem atrevido!*

— Da parte de quem?

— Você está vendo mais alguém aqui?

— Eu teria a satisfação de informar sua vinda ao doutor, mas tenho ordens estritas de não perturbá-lo em circunstância alguma, a não ser que se trate de emergência nacional. Trata-se de uma emergência nacional?

— Digamos que tem o potencial para sê-lo — respondeu ele, de modo críptico e olhando de viés.

— Bem, nesse caso, terei a satisfação de informá-lo de que o senhor está aqui. E o seu nome, senhor...?

— Santo Deus! — exclamou. — Diga a ele que Maeterlinck está aqui. Sim, Maeterlinck, isso é suficiente. — Como se ele tivesse outros nomes para falar. — Diga para ele que Maeterlinck tem notícias urgentes de Cerrejón. Diga isso a ele!

— Pois não. — E fechei a porta pela segunda vez.

— Will Henry!

Eu me virei. O monstrologista estava fora de seu gabinete, bem junto à porta.

— Quem é? — perguntou-me.

— Ele disse que se chama Maeterlinck, que isso é suficiente e que tem notícias urgentes de Cerrejón, ou coisa assim, com potencial para se tornar emergência nacional.

O rosto dele perdeu a cor.

— Cerrejón? Você tem certeza? — perguntou ele. — Então, o que está fazendo? Corra, faça o homem entrar! Depois prepare o chá e vá nos encontrar no escritório. — Ele virou-se de volta para o gabinete. — Cerrejón! — ouvi que ele exclamava em voz baixa. — Cerrejón!

Eles se sentaram junto à lareira e estavam conversando quando entrei com o chá. O homem chamado Maeterlinck fez uma carranca para mim por baixo das sobrancelhas pesadas, um olhar que não escapou à atenção de Warthrop.

— Tudo bem, Maeterlinck. Podemos confiar em Will.

— Desculpe, dr. Warthrop, mas quanto menos gente envolvida melhor.

— Eu confio plenamente no garoto... Ele pode saber do assunto.

— Hmm — Maeterlinck enrugou a testa. — Está bem, mas não gosto disso. Ele tem maus modos.

— Que rapaz de dezesseis anos tem bons modos? Vamos, tome o chá. Um cubo de açúcar ou dois?

Eu me sentei no divã à frente deles e fiz o que sabia fazer melhor, a tática de autopreservação que havia adotado desde que viera morar com ele: o mimetismo com os móveis. Daí a poucos minutos, acho que nenhum dos dois nem sequer lembrava que eu estava ali.

— Naturalmente — disse o monstrologista —, o senhor deve compreender que sua história me parece um tanto forçada. Nada assim foi visto nos últimos duzentos anos ou quase isso.

— Por um bom motivo — contra-atacou Maeterlinck. — Não tenho a

pretensão de ser especialista na sua área, dr. Warthrop. Não sou filósofo de história natural: sou um homem de negócios. Foi meu cliente que me falou no senhor. Ele disse: “Procure Warthrop; ele poderá autenticar a descoberta. Não há ninguém melhor”.

— Isso é verdade — respondeu o doutor, assentindo com seriedade.
— Não há ninguém melhor. E nada me daria mais prazer que comprovar e autenticar isso. O único obstáculo é que o senhor não está me apresentando nada de concreto!

Maeterlinck enxotou a objeção com um ondular nobre da mão.

— Não seria sensato carregar a coisa por aí como um caixeiro-viajante. Ela está perto de mim, em segurança e bem cuidada, da forma prescrita por meu cliente, de modo a preservar seu frágil, como devemos dizer, *potencial*. Se pudermos chegar a um acordo, eu posso trazê-la ao senhor em meia hora.

Os olhos de Warthrop se franziram.

— Como homem de negócios, o senhor não acha que faz mais sentido trazer na mão a mercadoria que deseja vender? Pense: mesmo que eu concorde com o preço, o senhor não verá um centavo antes que eu veja a coisa.

— Então estamos de acordo, doutor?

Warthrop franziu a testa.

— De acordo?

— O senhor receberá a mercadoria assim que concordarmos em um preço justo.

— Eu aceitarei a mercadoria se e quando tiver a segurança de que o senhor não é um escroque tentando me separar do meu dinheiro.

Maeterlinck jogou a cabeça para trás e riu com vontade.

— Meu cliente me avisou que é duro tirar um dólar do senhor — disse ele, depois de recobrar a respiração. Depois, voltou a ficar sério. — O senhor compreenderá que existe pelo menos uma dúzia de homens que pagariam com satisfação o seu próprio peso em ouro por isso... para falar a verdade, eles venderiam as próprias filhas para ter o que ofereço. Homens que estão muito distantes de ser o filósofo natural que o senhor é. Eu poderia apresentar minha oferta a esses homens.

— Sim, o senhor poderia — disse o monstrologista, imobilizando-se no assento. Ele estava furioso, mas o visitante fez que não percebia. Quanto mais comoção sentia, menos emoção Warthrop revelava. — Um

espécime vivo como esse pode valer o dobro do peso em ouro da pessoa mais gorda e mais um pouco. Também poderia trazer para este continente um flagelo mais devastador que as antigas pragas enviadas para dar uma lição aos egípcios.

— Com certeza ninguém desejaria isso!

Warthrop revirou os olhos, respirou profundamente para se acalmar e disse: — Apenas como hipótese, vou acreditar que o senhor tem a posse disso e que não se trata de uma fraude elaborada. Qual é o seu preço?

— Não é o meu preço, doutor. É o preço do meu cliente. Como corretor dele, receberei uma modesta comissão. Cinco por cento.

— O que representa...?

— Cinquenta mil dólares.

Warthrop soltou uma gargalhada.

— Esse é o preço dele?

— Não, dr. Warthrop. Essa é a minha comissão.

Warthrop era melhor que eu em matemática. Ele tinha o resultado da conta na ponta da língua: — Um milhão de dólares?

Maeterlinck fez que sim com a cabeça, lambendo os lábios, e sorriu como se achasse divertida a expressão assombrada de Warthrop.

— Para os homens que mencionei, o preço seria três vezes maior — sublinhou Maeterlinck. — Mesmo por dois milhões seria uma pechincha, doutor. Um milhão é um roubo.

Warthrop balançou novamente a cabeça.

— Concordo. Isso tem todas as características de um roubo.

Ele se levantou, agigantando-se diante de Maeterlinck, que pareceu encolher diante dos meus olhos até atingir uma pequena fração de sua estatura nobre, como um pedaço de madeira atirado no fogo.

— Fora! — rugiu Warthrop, perdendo o controle. — Fora daqui, fora daqui, fora daqui, imediatamente! Saia rápido, escroque imundo, canalha pretensioso e cheio de perfídia, antes que eu o atire para fora com um pé no seu rabo ganancioso! A ciência não é nenhuma prostituta de dois centavos que vocês podem comprar e vender, nem os cientistas são bobalhões idiotas... bom, nem todos, pelo menos, e muito menos *este aqui*. Não sei quem o mandou vir, se é que *alguém* o mandou, mas pode dizer ao seu cliente que Warthrop não engoliu a isca. Não porque o preço seja alto demais, o que, diga-se de passagem, é, mas porque ele não pechincha com trapaceiros que se atribuem tanta importância que

acreditam, insensatamente, que um estudioso da biologia aberrante poderia ignorar uma aberração desse tipo! — e virou-se para mim, com os olhos chamejando de justa indignação. — Will Henry, mostre a porta a... este... *caixeiro-viajante*! Passar bem, meu senhor...

E se retirou, intempestivo, deixando atrás de si um silêncio incômodo.

— Na verdade eu esperava uma contraoferta — confessou Maeterlinck em tom calmo. Mas notei que as mãos dele tremiam.

— Não foi o preço — disse eu. Isso o doutor pagaria sem problemas. — Foi que o senhor pediu que ele entregasse uma soma enorme sem mostrar nada que justificasse isso.

— Pensei que estivéssemos negociando como cavalheiros.

— Ah, o senhor vai encontrar muito poucos cavalheiros entre os monstrologistas — respondi com um sorriso. — Entre os vivos, quero dizer.

Acompanhei-o até a porta e o ajudei com o casaco.

— Devo voltar com a coisa? — perguntou ele em voz alta, talvez percebendo a sabedoria da minha observação. — Se ele a visse com os próprios olhos...

— Receio que ele nem mesmo queira examiná-la. A ponte da confiança foi quebrada.

Ele baixou os ombros. Um olhar desesperado assomou aos seus olhos.

— Eu poderia vender a coisa... e conseguir um belo preço, também, se eles não me assassinassem.

— O quê? Quem quer assassinar o senhor?

Ele pareceu chocado com a minha pergunta.

— Os especuladores.

— Ah, sim. Eles são desprezíveis. Os especuladores.

Abri a porta e ele saiu. A noite havia caído. Desci a escada da frente com ele, fechando a porta atrás de nós.

— Cometi um erro tático — reconheceu ele. — E não sei se conseguirei encontrar outro filósofo que queira...

— Isso me penaliza — confessei. — E renova minha fé em que o senhor está querendo vender à ciência o que poderia vender a especuladores pelo triplo. Isso fala em favor do seu bom caráter, sr. Maeterlinck. — Olhei em redor e baixei a voz, como se o doutor pudesse estar escondido entre as plantas. — Não perca as esperanças ainda.

Acontece que eu administro tanto as finanças como qualquer outro aspecto da vida do doutor. O senhor vai ficar na cidade?

Ele olhou para mim com reserva. Depois, sacudiu a cabeça: as primeiras impressões, afinal, podem enganar. Talvez ele tivesse me julgado mal.

— Na Publick House.

— Ótimo, me dê uma hora ou pouco mais. Vou falar com o doutor. Ele disse a verdade quando contou que confia em mim. Talvez eu possa convencê-lo a pelo menos dar uma olhada na coisa.

— Por que não falar com ele agora? Eu espero...

— Agora não. Tenho de esperar que ele esfrie um pouco a cabeça. Ele ainda está com raiva. Nesse estado, não se pode nem convencê-lo de que o céu é azul.

— Acho que... — ele esfregou nos lábios a mão que tremia. — Acho que eu *poderia* trazer a coisa aqui para ele dar uma olhada, mas que garantia...?

— Ah, não, não, não. O seu instinto de não trazer nada aqui está certo. Se ela for tão valiosa como o senhor diz, este lugar é vigiado, como o senhor deve imaginar, por todo tipo de malfeitor. A casa de Warthrop é conhecida por atrair negócios repulsivos... Não que o *seu* seja repulsivo; não foi isso que eu quis dizer...

Ele arregalou os olhos.

— Eu tenho de lhe dizer. Eu nem sabia o que era monstrologia duas semanas atrás.

— Maeterlinck — eu sorri. — Dedico minha atenção a essas coisas há mais de cinco anos e *nem eu* sei bem do que se trata. Em uma hora, então, na Publick House. Vou encontrá-lo no salão.

— É melhor um encontro mais discreto — sussurrou ele, agora tornado meu coconspirador. — No quarto 13.

— Ah, o 13 da sorte. Se não estivermos lá em uma hora, o senhor poderá concluir que não haverá encontro. Então fará o que a sua consciência e os seus interesses financeiros ditarem.

— Eles não são mutuamente excludentes — disse ele, com muito orgulho. — Não sou nenhum trapaceiro, sr. Henry!

E eu não sou nenhum bobo, pensei.

TRÊS

Enquanto Warthrop fumava e se aborrecia na biblioteca, tratando do seu orgulho ferido e lutando com o único adversário que ousara até então desafiá-lo — as dúvidas a respeito de si próprio —, eu preparava minhas provisões para a expedição, colocando-as no bolso do casaco, onde elas cabiam exatamente, sem formar saliências desagradáveis. Depois preparei mais uma chaleira e a levei para a biblioteca, colocando a bandeja diante dele na mesa grande, sobre a qual ele se apoiava, todo torto, folheando a edição mais recente da *Enciclopédia das bestas*, o compêndio mais fidedigno de todas as criaturas malvadas e repugnantes. Passava os dedos incansáveis pelos fios grossos do cabelo, até se tornarem a moldura perfeita de seu rosto magro como um ícone bizantino. Ele recuou quando coloquei a bandeja e disse: — O que é isso?

— Pensei que o senhor quisesse mais uma xícara.

— Xícara?

— De chá.

— Chá. Will Henry, o último espécime de *T. cerrejonensis* foi morto por um mineiro de carvão em 1801. A espécie está extinta.

— Um charlatão que deixou a ganância dominá-lo. O senhor fez bem em mandá-lo embora.

Coloquei dois cubos de açúcar no chá dele e mexi com a colher.

— Sabe que uma vez paguei seis mil dólares pelas falanges de um *Immundus matertera*? — Havia um tom de súplica pouco característico na voz dele. — É como se eu estivesse pagando pelo progresso do conhecimento humano.

— Não conheço bem essa espécie — confessei. — Ele disse que existe um exemplar vivo. Será que vale o preço que ele está pedindo?

— Como é que alguém pode pôr um preço numa coisa dessa? Isso não tem preço.

— No sentido de pagar-pelo-progresso-do-conhecimento ou...?

— Em todos os sentidos — suspirou. — Ele foi caçado até a extinção por um motivo, Will Henry.

— Ah.

— O que quer dizer “Ah”? Por que você está dizendo “Ah” desse jeito?

— Eu estava pensando se haveria um motivo além do habitual para exterminar uma ameaça à vida.

Ele balançou a cabeça.

— Onde eu errei? Maeterlinck... se é que esse é o nome verdadeiro dele, coisa de que eu duvido... ele disse uma coisa certa: hoje, um espécime vivo da *T. cerrejonensis* teria o potencial de tornar seu caçador mais rico do que todos os barões da bandidagem juntos.

— Verdade? Então, um milhão não está tão fora assim dos padrões. Ele se enrijeceu.

— Se for verdade, é provável que seja a última da espécie.

— Entendi...

— Entendeu coisa nenhuma. Você não sabe a mínima sobre o assunto, e eu gostaria que deixasse essa coisa de lado e nunca mais voltasse a isso.

— Mas se existe uma *possibilidade* de que...

— O que foi que eu disse que você não percebeu? Você faz perguntas quando deveria ficar quieto e prender a língua antes de perguntar! — Ele fechou com estrondo o livro pesado. O tabefe que se seguiu fez o barulho de um trovão. — Eu gostaria que meu pai fosse vivo. Se ele ainda vivesse, eu lhe pediria desculpas por não ter entendido a sabedoria salomônica de não dever educar um adolescente antes que ele esteja perfeitamente crescido. Você não tem nada melhor para fazer?

— Tenho — respondi calmamente. — Preciso ir ao mercado antes que feche. A despensa está quase vazia.

— Não estou com fome — rosnou, fazendo um gesto de desprezo com a mão.

— Talvez não. Eu, no entanto, estou faminto.

QUATRO

A Publick House era o melhor estabelecimento do seu tipo na cidade. Com salas bem mobiliadas e pessoal atencioso, essa hospedaria era um dos lugares favoritos para promover encontros ou dar uma simples passada, além de receber os viajantes mais prósperos que rumavam para o leste pela Boston Post Road. John Adams tinha dormido ali, ou pelo menos era o que o proprietário proclamava.

O quarto 13 ficava na ponta do salão do primeiro andar; era o último cômodo à esquerda. O sorriso ensaiado mas totalmente autêntico de Maeterlinck se desfez num segundo quando ele percebeu que eu tinha vindo só.

— Mas onde está o dr. Warthrop?

— Teve uma indisposição — respondi brevemente, passando à frente dele e entrando no quarto. O fogo crepitava na lareira aconchegante. Uma garrafa de conhaque e uma chaleira fumegante repousavam na pequena mesa ao lado da cama. A janela dava para um pátio espaçoso, embora a vista estivesse encoberta pela grossa cortina. Tirei o sobretudo, coloquei-o sobre a cadeira entre a mesa e o fogo, decidi que uma bebida me aqueceria e me deixaria calmo. Servi-me da garrafa com um copo.

— O doutor me conferiu plenos poderes para tratar do assunto — disse eu. — A questão para ele é, como eu pensava, não o preço da coisa, mas a autenticidade dela. O senhor deve compreender que não é o primeiro assim chamado corretor que aparece à nossa porta querendo vender certas esquisitices do mundo natural. — Sorri, com simpatia, espero. — Quando era mais jovem, eu pensava que os objetos de trabalho do doutor fossem erros da natureza. No entanto, acabei compreendendo que são precisamente o oposto. As coisas que ele estuda são perfeições da natureza, não erros, mas obras-primas, a pura forma além da sombra na parede da caverna metafórica de Platão. Este conhaque é excelente, por sinal.

Maeterlinck franziu a testa; ele não estava me acompanhando.

— Então Warthrop está pensando em reconsiderar a minha oferta?

— Ele está querendo lhe conceder o benefício da dúvida.

— Então vamos falar com ele de uma vez! — exclamou. — Existe algo de irritante neste negócio, e estou começando a pensar que não deveria ter entrado nele. Quanto mais depressa me livrar dessa... obra-prima, como você a chama, melhor.

Assenti com a cabeça, bebi de um só gole o resto do conhaque no copo e disse:

— Não precisamos falar com ele. Tenho toda a autoridade para fazer a transação. Acredito que tenha explicado bem isso, Maeterlinck. Tudo o que terei a fazer é autenticar o achado. Onde está a coisa?

Ele desviou o olhar.

— Não longe daqui.

Eu ri. Servi-me de mais um copo e ofereci outro a ele. Maeterlinck aceitou em silêncio e eu completei:

— Eu espero aqui enquanto você vai buscá-la.

Seus olhos se entrefecharam. Ele sorveu o conhaque nervosamente.

— Não é necessário — disse ele, finalmente.

— Também pensei que não fosse — repliquei, caindo na cadeira e estendendo as pernas. — Então mostre a coisa de uma vez e vamos acabar logo com isso. O doutor está me esperando.

Ele não mexeu um músculo. Peguei um cheque em branco no bolso da camisa e coloquei-o na mesa ao lado da garrafa. Ele acabou de beber. Colocou o copo vazio ao lado do cheque. Caminhou até a cama, se ajoelhou, tirou de baixo dela uma caixa e a colocou com cuidado sobre a colcha. O rosto dele ficou róseo. Eu me levantei e lhe dei o seu copo, que tinha voltado a encher enquanto ele estava de costas para mim, depois peguei a caixa. A tampa era desdobrável. Abri o fecho pesado do outro lado e levantei a tampa.

Aninhado na palha estava um ovo feio, acinzentado e coriáceo na aparência, mais ou menos com o tamanho e a forma de um ovo de avestruz. A casca — embora mais lembrasse pele humana rachada e bronzeada de muito tomar sol — era levemente translúcida: pude ver algo escuro que se movia sob a superfície, algo preto que pulsava, e meu coração acelerou.

Atrás de mim, Maeterlinck disse:

— Você não tem ideia do problema que é isso. A Nova Inglaterra não é os trópicos, e manter isso aquecido é uma preocupação constante e

um obstáculo. Fico em pé a noite inteira cuidando disso. Ponho perto do fogo para que não esfrie demais. Afasto, para que não fique quente demais. Estou exausto, da mente e do corpo.

Assenti com a cabeça. Eu não conseguia tirar os olhos da coisa na caixa. *Aquilo não tinha preço.*

A voz de Maeterlinck se elevou, consternada:

— Então? Está satisfeito? Permitirei que o leve imediatamente assim que receber o pagamento. Normalmente só aceito dinheiro vivo, mas neste caso estou querendo...

— Você deveria tê-lo levado, Maeterlinck — murmurei. Tive de gastar cada grama de minha força de vontade para não pegar no ovo, sentir o calor de sua vida em minhas mãos. — Se ele tivesse visto a coisa, teria perdido o autocontrole e se esquecido de ser sovina. — Baixei a tampa com cuidado. — Alguns homens têm cobiça pelo ouro; outros, pelo poder. O monstrologista é aquele homem raro que cobiça o que outros querem destruir. Mas acho que ainda não é tarde. Penso que podemos chegar a um acordo, você e eu.

Afastei-me da cama e voltei para a cadeira entre a mesa e a lareira. Ele ficou em pé, imóvel por um momento, depois caiu na cadeira à minha frente com um suspiro. Esfregou os olhos. Enchi o seu copo pela terceira vez.

— Um milhão de dólares — disse ele, embora eu pudesse adivinhar, pelo tom de voz, que o preço era flexível. Ele estava querendo negociar e acabar logo com aquele negócio enervante.

Peguei o cheque.

— Está caro demais e você sabe disso.

Ele estava perdendo a paciência comigo.

— Então me diga quanto quer oferecer, garoto. — Ele enfatizou a palavra “garoto”. Ofendia-lhe a dignidade ver-se forçado a barganhar com alguém com menos de metade da sua idade.

Brinquei com o cheque, virando-o para cima e para baixo nas mãos, com o coração batendo furiosamente. Parte de mim tinha a sensação de já ter estado antes ali fazendo aquilo, como se ele e eu estivéssemos atuando numa cena ensaiada cem vezes, enquanto por outro lado eu era um mero espectador do melodrama, incansável, um pouco aborrecido, pensando em quanto tempo faltava para o intervalo.

— Nada — disse eu, o ator, o espectador.

Ele ficou sem fala, enquanto eu rasgava o cheque ao meio e guardava os pedaços no bolso.

— Saia daqui — disse ele, quando recuperou a voz.

— Mas você não escutou a minha contraoferta. Estou disposto a propor uma coisa muito mais valiosa que o dinheiro, Maeterlinck. Este achado é precioso e eu vou lhe pagar em espécie, acho que não preciso lhe esclarecer o significado dessa palavra, não? Todos sabem qual é a coisa que não tem preço.

Ele ficou em pé de um salto; sua cadeira virou e caiu estatelada no chão. Ele revirou o bolso e sacou uma pistola de cano curto.

— É tarde demais para fazer isso — disse eu, sem modular o tom da voz.

— Não, seu moleque arrogante. Para você é que já passou da hora. Fora daqui!

Ele balançou e tentou se equilibrar no tampo da mesa com a mão livre, mas o quarto estava girando à sua volta, não conseguia se firmar, e a pistola escorregou de seus dedos para o chão. Os olhos dele se arregalaram, com as pupilas dilatadas, as pálpebras tremulando freneticamente como asas de borboleta.

— O que você fez? — sussurrou ele, em voz rouca. — Pelo amor de Deus, o que você fez?

— Nada, pelo amor de Deus — respondi, enquanto ele desabava.

CINCO

Pousei a caixa no chão. Deitei Maeterlinck na cama. Tirei a seringa do bolso e a coloquei no criado-mudo. Depois enrolei a manga da camisa dele. Peguei a pistola e a pus ao lado da seringa.

O efeito da dose para dormir acabaria em menos de vinte minutos. Consultei o relógio e esperei.

Onde foi que eu falhei?

O senhor não falhou comigo. O senhor ultrapassou todas as expectativas. O mestre sábio deseja ser superado pelo aluno, e eu o superei: minha luz brilha mais que a sua; ela não permite que sobre a menor réstia de treva; consigo ver claramente o fundo do poço. E o que eu vejo é o que está lá, e nada mais. *Não há espaço para sentimentalismo na ciência.*

Considerarei a alternativa.

Uma superdose de anestésico. Ou o travesseiro sobre o seu rosto enquanto ele dormia. Mas seria um problema descartar o corpo. Como removê-lo do quarto sem ser visto. E, mesmo que eu conseguisse fazer isso, surgiriam perguntas; eu não sabia nada daquele homem, de onde ele viera, quem o tinha contratado, se é que alguém o fizera, e quem estaria sabendo dos seus negócios por aqui. Havia simplesmente muita coisa não sabida, lugares demais que a mais brilhante das luzes não poderia alcançar.

Tomei outra dose da bebida. O quarto tinha ficado quente demais. Desabotoei a roupa, enrolei as mangas. De uma grande distância, vi a mim próprio voltando para a cama. Eu já tinha estado ali antes; eu nunca tinha estado ali.

Você sabe o que é isso, Kendall?

Os olhos de Maeterlinck vagavam sob as pálpebras agitadas. Peguei a seringa cheia do líquido cor de âmbar e a ajeitei entre as mãos, cinco dedos em uma, quatro na outra. O dedo faltante flutuava num vidro com solução de conserva no porão do doutor. Ele o tinha cortado para que eu pudesse continuar vivo. Eu era indispensável para ele, sabem? Eu era o único fator a conservá-lo humano.

Os olhos do homem se abriram. Poucos segundos antes o mundo voltara a ficar em foco, mas, antes que os sentidos dele se recobrassem inteiramente, pressionei o seu punho com a minha mão esquerda, enquanto colocava a seringa no lugar com a direita. O corpo dele se enrijeceu enquanto a cabeça se erguia num golpe, como um açoite, na direção do meu rosto, que pairava a centímetros do dele, como se estivesse a ponto de lhe dar um beijo. Joguei a seringa para o lado e apertei com firmeza a sua boca com a minha mão livre.

— Você vai ficar bem quieto e me escutar com muita atenção — sussurrei. — Não dá para desfazer isto, Maeterlinck, e se você quer continuar vivo terá de fazer exatamente o que eu vou dizer. O menor desvio terá consequências devastadoras. Está me entendendo?

Ele fez que sim, subjugado pela minha mão. Seu cérebro ainda estava um pouco enevoado pela droga, mas captava a essência do significado das minhas palavras.

— Você foi injetado com uma solução de dez por cento de tipota — informei, continuando a pressionar a sua boca com uma das mãos e o punho com a outra. — É um veneno derivado da seiva da pirita, uma árvore de uma ilhota perto do arquipélago das Galápagos chamada ilha dos Demônios. *Tipota*, do grego. Você sabe grego, Maeterlinck? Não? Não importa. [Em grego, “*tipota*” significa “nada”. (N. do T.)].

Fiz para ele um resumo da história da toxina, como tinha sido descoberta pelos antigos fenícios e levada para o Egito, como era a preferida pelos assassinos e pela polícia secreta de alguns governos (de ação extremamente lenta na dosagem certa, dando aos assassinos dias de folga para escapar), o que ele podia esperar nas horas seguintes — dores de cabeça, palpitações no coração, respiração opressa, confusão mental, náusea, insônia —, dando a aula em voz monótona e seca, como a de um homem de guarda-pó branco para uma sala cheia de homens de guarda-pó branco. Enquanto isso, Maeterlinck tremia sob a minha pressão, assentindo com a cabeça, de olhos arregalados. Afinal de contas, essa era a aula mais importante que ele poderia ter.

— Você tem uma semana, mais ou menos — informei. — Uma semana até o músculo do seu coração explodir e os pulmões se romperem em pedaços grandes. Sua única esperança de sobreviver é receber o antídoto antes que isso aconteça. Aqui — enfiei um pedaço de papel no bolso da sua camisa — o nome e o endereço dele.

Dr. John Kearns, Royal London Hospital, Whitechapel.

— Se você se puser a caminho esta noite, pode ser que haja tempo suficiente — prossegui. — Ele é grande amigo do doutor, na verdade é doutor também, gêmeo espiritual de Warthrop e seu oposto polar, um homem que já conheceu o fundo do poço, se é que você me entende. Ele lhe dará o antídoto se você disser esta palavra: “tipota”. Não esqueça.

Recuei, recolhendo a pistola do criado-mudo.

Quando abriu a boca, ele disse:

— Você está louco.

— Pelo contrário — respondi. — Sou a pessoa mais sã na face da Terra.

Apontei com a arma para a porta.

— Sugiro que você se apresse, Maeterlinck. Cada segundo é precioso, agora.

Ele me olhou por um momento, com os lábios úmidos se mexendo num esgar de medo e raiva. Em seguida me afastou mais para o lado da cama, sacudiu as pernas lateralmente, se espreguiçou e depois se contorceu dando um bocejo ruidoso de perplexidade. Era o resto da solução para dormir fazendo efeito, claro, não a tintura salina que eu havia injetado em suas veias. E se voltou para mim sem pensar, o instinto natural, a aflição humana; olhei para ele do alto da atmosfera, Maeterlinck, um pontinho minúsculo se contorcendo aos meus pés, tão longe e abaixo de mim que não se podia distinguir nada, tão perto que eu podia ver a medula dos seus ossos.

Eu poderia tê-lo matado. Estava em meu poder. Mas me segurei, não sou misericordioso?

SEIS

Encontrei o monstrologista na biblioteca, onde o havia deixado, mal acomodado na cadeira, com um volume de Blake no colo, mas ele não o estava lendo; com olhar vazio, fitava o espaço com expressão melancólica. Não reagiu quando entrei, não se levantou para me cumprimentar ou perguntar onde havia estado, nem por que tinha me demorado tanto. Fechou os olhos e cruzou os dedos sobre o livro, inclinou a cabeça e disse: — Andei pensando que agi mal ao dispensar o tal Maeterlinck sem pedir nenhuma prova do que ele dizia. Seria um achado extraordinário e confirmaria definitivamente a minha posição como um dos mais proeminentes membros de minha atividade no mundo.

— O senhor já garantiu esse lugar. Muitas vezes — tranquilizei-o.

— Ah — consentiu, balançando a cabeça para a frente e para trás. — A fama é transitória, Will. Não é a fama que almejo; é a imortalidade.

— Talvez o senhor devesse procurar um padre.

Ele deu uma risadinha. Considerou a minha figura com o olho direito e voltou a fechá-lo.

— Fácil demais — sussurrou.

— O quê?

Ele limpou a garganta.

— Sempre pensei. Se o paraíso é um lugar tão maravilhoso, por que é tão fácil entrar nele? Confesse os pecados, peça perdão... isso é tudo? Não importa que crimes cometeu?

— Não vou à igreja desde que meus pais morreram — respondi. — Mas, se é que a memória entra no assunto, há dois ou três crimes para os quais não existe perdão.

— Então que tipo de deus é esse? O amor dele ora é infinito, ora não é. Se é, não pode existir crime sem perdão. Se não é, devíamos contratar um deus mais honesto!

Ele colocou o livro na mesa ao seu lado e se levantou. Esticou os braços compridos acima da cabeça.

— Mas tenho pouca paciência com mistérios do tipo insolucionável.

Diga-me, onde é que você pôs a coisa?

Não me fiz de bobo. Para que serviria?

— No porão.

Ele balançou a cabeça.

— Vamos dar uma olhada.

— Está viva — disse eu.

— Bom, claro que está. Você não teria vindo me procurar se não estivesse.

Parado à minha frente, ele colocou as mãos nos meus ombros e me perfurou até os ossos com a luz do fundo dos seus olhos escuros.

— Espero que não tenha pago muito por isso.

— Maeterlinck recebeu o que lhe estava reservado — disse eu.

— Você está resistindo ao desejo de se gabar.

— Não.

— Uma resposta honesta.

— Ou me dar uma bronca por ter perdido o equilíbrio.

— O senhor? O senhor é o homem mais equilibrado que eu já conheci. É como sempre me disse: “Um homem deve controlar suas paixões antes que elas o controlem”.

Ou, como alternativa, ele pode escolher não ter nenhuma e fugir totalmente à luta.

Ele riu alto e deu tapinhas no meu ombro.

— Vamos ver a coisa, então! Ela pode estar viva, como você diz, mas também pode se tratar de um caso de identidade trocada.

Ele não me perguntou os detalhes da transação, nem naquela noite nem nunca. Não perguntou o preço nem como tínhamos chegado a ele ou por que eu tinha decidido procurar Maeterlinck por minha conta sem lhe contar antes. Apesar de todos os defeitos, Warthrop não era de olhar os dentes do cavalo que ganhava. A trilha da imortalidade não ficava para esse lado. Ele estava orgulhoso de mim, à sua maneira, por tomar a iniciativa na batalha, como um bom soldado de infantaria.

E, quanto a Maeterlinck: nunca mais soube dele. Só posso entender que fugiu para Londres à procura de um homem morto cujo corpo fora deixado em decomposição numa ilha a quase dez mil quilômetros de distância. Não tendo encontrado nem o homem nem o antídoto, pois nenhum dos dois existia, deve ter se considerado perdido até o momento em que o que ele estava esperando ocorrer não se materializou. De

tempos em tempos me ponho a imaginar se o coração dele se encheu de raiva ou de alegria — raiva por ter sido enganado de maneira tão cruel, alegria por ter sobrevivido quando considerava a própria morte tão certa e inevitável. Talvez nenhuma das duas coisas, talvez ambas; que importava? Certamente não importava para mim. Ele ganhou o presente que não tem preço; e eu, o prêmio acima de qualquer preço.

Canto IV

UM

— Uma *T. cerrejonensis*! — Lilly sussurrou depois de ouvir parte da história, mas não toda ela. — Não pode ser, Will!

— Mas é — disse eu.

— Elas foram extintas há quase cem anos...

No vestido de cor púrpura, segurando meu pulso, olhando o meu rosto com seus olhos azuis de profundidade infinita.

— Era o que todos pensavam — insisti.

Em minha roupa matinal, com o cabelo na moda, cuidadosamente fixado com brilhantina e comprido, sorrindo para aqueles olhos.

— Está satisfeita? — sussurrei. — Vamos em frente? Ou você prefere voltar? O baile acabou, mas eu conheço uma casa noturna aconchegante no East Side...

Ela apertou os lábios, impaciente, sacudiu o cabelo encaracolado; seus olhos luminosos resplandeceram numa luz brilhante demais para o ambiente sombrio, e eu poderia tê-la beijado então, antes daquele último ato, daquele último momento decisivo, atraído pelo vestido de cor púrpura com laço que sussurrava sobre a pele nua. Mas um homem deve controlar suas paixões antes que elas o controlem — se ele as tiver. E esse é o empecilho, a questão central, o supremo se.

— *Claro!* — ela me repreendeu. — Não seja bobo.

— Eu não sou bobo — garanti-lhe, e agarrando firme a mão dela, puxei-a para chegarmos rapidamente; a Sala Trancada esperava por nós.

Eu me recompus imediatamente, puxando-a atrás de mim com uma das mãos enquanto mexia com a outra no bolso para pegar o revólver do doutor.

A porta estava aberta.

A Sala Trancada, não.

Na entrada, um homem estava caído com o rosto numa poça de sangue que bruxuleava, escura, à luz cor de âmbar.

Lilly deu um suspiro assustado atrás de mim. Avancei devagar, dei um

passo com cuidado por cima do cadáver e enfiei a cabeça no quarto.

— Will — cochichou ela, se aproximando.

— Fique aí atrás! — Examinei rapidamente a cena que via dentro do quarto e caminhei de volta até junto dela.

— E... ?

Fiz um gesto negativo com a cabeça.

— Não está mais lá.

Ajoelhei-me ao lado do homem no chão. O corpo estava quente, o sangue, frio mas viscoso; tinha sido morto havia pouco. Não era difícil identificar o ferimento fatal: uma bala de grosso calibre atirada a pouca distância na parte de trás da cabeça.

Olhei para cima, para ela; ela olhou para baixo, para nós, para mim e para o morto ao meu lado.

— A chave ainda está no cadeado — disse eu. E ela:

— Adolphus.

Dei um salto para a frente, pegando a mão dela, e corremos juntos para o escritório do velho homem, aquele que me havia dito, não muito tempo antes, que nunca se alistaria nas hostes da monstrologia porque, em suas palavras, *Eles morrem! Eles morrem como perus no Dia de Ação de Graças!*

O corpo dele não estava tão quente como o do homem caído no salão. Joguei-o para o chão, bati no seu peito, respirei em sua boca aberta (depois de lhe retirar a dentadura do maxilar superior) e gritei o nome dele em seus olhos destituídos de visão. Abri bem a sua jaqueta. A frente da camisa estava toda ensopada de sangue. Olhei para Lilly e sacudi a cabeça. Ela cobriu a boca e se virou, tropeçando até a porta nos detritos empoeirados. Alcancei-a em dois saltos.

— Lilly! — peguei o braço dela e a abracei. — Escute! Warthrop... você tem de encontrá-lo... Ele vai voltar para o quarto no Plaza...

— A polícia...?

Balancei a cabeça.

— Este caso não é para a polícia.

Empurrando-a na direção das escadas.

— Você não vem?

— Vou esperar aqui por você. Perdemos o momento por pouco, Lilly. Ele talvez ainda esteja aqui... e a coisa também.

Tínhamos chegado ao pé das escadas.

— *Quem* ainda pode estar aqui?

— Quem quer que tenha matado aquele homem ao lado da Sala Trancada — mas não era com o assassino dele que eu estava mais preocupado... Era com o “troféu” de Warthrop. Se ele escapasse...

— Então você não pode ficar aqui! — exclamou puxando o meu braço.

— Eu sei me virar — segurei os ombros nus dela num impulso e beijei-a com força na boca. — Mas não sei por quanto tempo... Então vá embora depressa! Depressa!

Ela subiu as escadas atabalhoadamente, logo engolida pela escuridão. A trava da porta se fechou com um estalo forte. Depois, o silêncio.

Eu estava só.

Ou não?

O troféu de Warthrop estava ali embaixo para ser pego por mim, se ninguém o houvesse levado embora ou, pior ainda, o tivesse matado.

Seu sentido do olfato é requintado, ele me havia dito, o que faz dela um caçador noturno inigualável; ela pode sentir o cheiro da presa a quilômetros de distância.

Eu poderia chegar ao topo da escada e esperar a chegada do doutor. Isso daria à criatura apenas uma forma de me pegar e a mim uma boa oportunidade de matá-la antes que ela me matasse. Essa seria a coisa mais prudente a fazer.

Mas ela era a última da espécie. Se acuado, eu não teria escolha a não ser me defender, e Warthrop jamais me perdoaria.

Respirei fundo e mergulhei de volta ao labirinto.

O caminho é escuro, a trilha não é reta. É fácil se perder se você não conhece o caminho, fácil andar em círculos, fácil se encontrar novamente no lugar de onde se saiu.

DOIS

Segure firme. Cuidado, agora. Devagar. Não deixe cair! Passe por sobre a minha mesa e coloque ali. Cuidado, escorrega!

E o menino, de chapeuzinho para manter a cabeça aquecida no ambiente gelado, aperta a corda bem junto ao peito, arrasta os pés no chão escorregadio de sangue. Com aquilo deslizando em seus braços, as vísceras a lhe lambuzar a camisa, o cheiro tomando conta dele. E o barulho metálico dos instrumentos afiados, o homem de guarda-pó branco com manchas cor de cobre inclinado sobre a mesa de necropsia, também de metal, os dedos entorpecidos do menino molhados de secreções, as lágrimas em protesto correndo pelas suas faces, a fome no estômago e o vazio mental de se encontrar naquele lugar em que não há tortas quentinhas na grelha nem uma mulher cantando ao fogão, apenas o homem e suas unhas incrustadas de sangue, com o mastigar típico das lâminas rasgando cartilagens e ossos, com a beleza hipnótica de um cadáver aberto e dissecado, seus órgãos parecendo criaturas exóticas na penumbra, com o homem cantando zumbidos enquanto trabalha, os dedos escavando fundo, os olhos negros chamejando, os antebraços salientes, os músculos tensionados da nuca e os maxilares retesados, e os olhos, os olhos queimando.

Nada de humano ainda. Vamos dar uma olhada nessas vísceras daqui a um instante. O que você está fazendo aqui? Coloque isso na mesa; eu preciso de você aqui, Will Henry.

Aqui: ao lado dele. *Aqui:* neste lugar em que nem uma molécula de ar se move. *Aqui:* o menino de chapeuzinho com cheiro de fumaça e o sangue grudado nas mãos nuas, e a coisa se abrindo diante dele como uma flor primaveril se distendendo para o sol.

As mãos do monstrologista eram seguras e rápidas nessa época, como tudo o mais nele. Ele estava no auge. Ninguém o igualava em destreza mental; ninguém partilhava sua pureza de ânimo. Que alturas ele não poderia ter alcançado se houvesse escolhido um caminho diferente — se a paixão verdadeira pudesse ser escolhida, como a maçã mais madura na cesta? Estadista ou poeta? Outro Lincoln, talvez, ou um

Longfellow. Se soldado, um Grant ou um Sherman ou, recuando ainda mais no passado, um Alexandre ou um César. Parecia que nada poderia contê-lo nessa época. Nenhuma luz brilhava mais que a dele. Era irresistível para o menino de chapeuzinho: ele nunca tinha estado na presença de um gênio; não sabia como se comportar ou pensar ou falar ou qualquer outra ação humana; então, era forçado a olhar para o homem de guarda-pó branco encardido a fim de ser guiado por ele, que o ensinaria a se comportar, pensar e falar. Ele era o cadáver sangrento aberto diante daquela luz ampla e radiante, se distendendo para o sol.

Por que está olhando desse jeito? Está ficando doente? Acha isto horrível? Para mim, é belo — mais esplêndido que a campina na primavera. Passe o cinzel para cá... Eu era mais jovem que você quando fui assistente do meu pai no laboratório. Eu era tão pequeno que tinha de ficar em cima de um banquinho para ajudar. Eu peguei num escalpelo antes de segurar uma colher. Isso! Agora o fórceps; vamos dar uma olhada nos incisivos deste sujeito. Não, o fórceps grande... Ah, esqueça, passe o alicate; isso... bom menino!

Depois, à mesa de trabalho, erguendo-me na ponta dos pés para vê-lo dissecar as vísceras da fera, descobrindo a última evidência de sua vítima humana, e a alegria em seu rosto em contraponto ao meu horror quando ele a soltava com um esguicho suave.

Encontramos, Will Henry! Ou, pelo menos, um pedaço dele. Depressa, me traga aquele vidro. Rápido! Ele está se desfazendo em cima de mim... Hmm. É muito difícil dizer a idade da pessoa por esta amostra, mas pode ser ele; pode ser. Disseram que era um menino da sua idade. O que você acha?

Rolava o molar na palma da mão como se fosse jogar um dado.

Um menino da sua idade, pelo menos foi o que me disseram... O que você acha?

Um menino da minha idade? E onde foi parar o resto dele? Onde está o resto?

Bom, onde você acha que ele está? O que não é usado é descartado... defecado, para usar o termo técnico. Como todas as coisas vivas fazem, o que não é convertido em energia é cagado. Fezes, Will Henry. Fezes.

Um ser humano. Ele está falando de um ser humano, um menino mais ou menos da minha idade segundo o relatório, e tudo o que sobrou

dele é um dente — o resto agora faz parte da fera ou é um montinho da merda dela.

Fezes, fezes.

E o menino de chapeuzinho puído, chapeuzinho puído, chapeuzinho puído.

TRÊS

Ele deve ter escutado tudo aquela noite: os gritos e os uivos da alma do menino sendo dilacerado, o chamado da ameaça de danação, a raiva contra a fera que tinha se recusado a consumi-lo. A fera que havia deixado para trás os invólucros negros, incinerados dos pais dele — pois descartara como pó e cinzas o que não usara como combustível. Ele deve ter escutado. Cada tábuia, cada janela, cada telha, cada prego que saltou com a força de sua raiva e de sua mágoa.

O homem deve ter escutado — e não fez nada. Na verdade, naqueles primeiros dias, quanto mais eu chorava — sempre sozinho em meu quartinho no sótão —, mais duro, mais frio e impiedoso ele se tornava. Talvez dissesse a si próprio que era para meu próprio bem, e afinal de contas isso foi numa época em que as crianças não eram tratadas com carinho e consideração. Talvez tivesse a intenção de me tornar mais duro com sua dureza, mais frio com sua frieza, mais impiedoso com sua impiedade. Essa era a melhor resposta, a única, à brutal questão que ele formulava assim:

Que tipo de deus é esse?

Mas eu não pensava que então ele estivesse sendo duro, frio ou impiedoso. *Ele* não era do tipo duro, frio e impiedoso.

Agora penso que ele escutou meus gritos e pensou em outro menino, um menino de muito tempo antes, relegado a um espaço em algum sótão longe do coração pulsante da casa, o menino solitário cuja mãe havia morrido e cujo pai era considerado culpado por isso. O menino aterrorizado que observara seu pai ir desaparecendo de sua vista enquanto, ao mesmo tempo, permanecia perfeitamente visível, um navio majestoso sumindo no horizonte infinito, o menino solitário e doente, doente em sua solidão. O tipo de solidão que nunca se deixa completamente para trás, não importa quão povoada nossa vida se torne. Ele era incapaz de salvar aquele menino; ele era incapaz de salvar a mim. A distância era grande demais — não havia anos suficientes numa vida para subir aquela escada de dois metros e quarenta e dizer ao menino: *Fique calmo, fique calmo, eu conheço a sua*

dor.

Há segredos que eu guardei.

Essa é a confiança que nunca traí.

Canto V

UM

Ajoelhei-me diante do homem morto no Monstrumarium, ao lado da porta aberta da Sala Trancada.

A parte posterior do crânio tinha sido rasgada como numa explosão, num único tiro a curta distância. Virei-o sobre as costas. A bala tinha atravessado a cabeça; ele não tinha mais rosto. Dei tapinhas nos bolsos dele. Um canivete de cabo de pérola. Um saquinho de tabaco e um cachimbo gasto. Um soco-inglês. O casaco era fino, os cotovelos gastos. As calças estavam presas por um pedaço de corda velho. As mãos eram cheias de calos, as juntas dos dedos eram duras. Na poça em que a cabeça estava deitada, viam-se os dentes, arrancados da mandíbula pelo impacto do disparo.

Fezes, Will Henry, fezes.

Guardei o soco-inglês e o canivete no meu bolso e me agachei junto ao chão, e a iluminação a gás projetou minha sombra sobre o cadáver.

Quando se defrontar com um problema, procure sempre a solução mais simples; é esse o caminho que a natureza segue sempre.

Ele não esperava o tiro, obviamente. Estava de costas. O assassino o tinha pegado desprevenido ou à traição — talvez um competidor ou um bando rival, ou talvez mais de um. O achado era, como Maeterlinck havia dito, um troféu pelo qual homens prósperos sacrificariam a fortuna e homens desesperados trocariam a própria alma.

DOIS

Von Helrung também compreendeu isso.

— Eu lhe devo os parabéns, naturalmente, *mein guter Freund* [“Meu bom amigo”, em alemão. (N. do T.)] — disse ele com voz rouca, cortando a ponta do charuto Havana. Foi na noite antes de sua sobrinha e eu fugirmos do baile. — Qualquer outro filósofo natural que aparecesse com um exemplar vivo de *T. cerrejonensis*, mesmo sendo membro distinguido de nossa Sociedade, seria enxotado da assembleia como charlatão e especulador.

— Que sorte então que eu não sou nem uma coisa nem outra... — Warthrop respondeu secamente. Nós estávamos no vestíbulo da sala de estar do distinto Zeno Club, onde cavalheiros com aparência convincente de filósofo se reuniam para compartilhar uma taça de vinho do Porto e travar uma conversa tranquila, ou para simplesmente apreciar a lânguida atmosfera de uma época que acabava: a era do discurso racional realizado por homens sérios. Estávamos a apenas duas décadas de uma conflagração mundial que consumiria trinta e sete milhões de vidas. A lareira estava quente, as poltronas eram confortáveis, o tapete não podia ser mais luxuriante e os garçons eram atentos e obsequiosos. Warthrop tomou o chá com bolinhos, Von Helrung bebeu o xerez e fumou o charuto, e eu tomei Coca-Cola com biscoitos. Foi como nos velhos dias, a não ser pelo fato de que eu não era mais menino e Von Helrung não era só velho, mas tendia a ancião. O cabelo mais fino, o rosto mais pálido, os dedos curtos e grossos não mais tão firmes. Mas seus olhos mantinham o brilho e ele não havia perdido nada de sua sagacidade — ou de sua humanidade. O mesmo não podia ser dito de mim.

Ele vai morrer logo, decidi, sentado em silêncio durante a conversa dos dois. *Ele não passa deste ano*. Quando ele falava ou dava a mínima inspiração, eu podia escutar a morte chocalhando profunda no barril de seu peito. Eu podia senti-la quando ele me abraçou pela cintura com seus braços curtos e pressionou a juba branca contra mim: a força da vida se apagando, o calor se filtrando através de sua roupa como o calor

da Terra se esvaindo ao pôr do sol no deserto.

— Meu caro Will, como você cresceu este ano! — exclamou ele quando me viu. Olhou para o meu rosto com intensidade. — Pellinore finalmente decidiu alimentar você! — E se sacudiu de rir com a própria piada, depois ficou bem sério. — Mas o que foi, Will? Posso ver que o seu coração está perturbado...

— Não há nada me perturbando, *Meister Abram*.

— Não? — Ele franziu a testa. Algo em minha expressão (ou talvez a falta dela) pareceu aborrecê-lo.

— Não, claro que não — interrompeu o monstrologista. — Por que alguma coisa deveria perturbar Will Henry?

— Mesmo assim me preocupei — o velho austríaco retomou, depois de rolar a ponta do charuto com a língua achatada. — Quanto ao assunto da segurança...

— Eu o coloquei na Sala Trancada — respondeu Warthrop, e sorveu o chá. — Suponho que devamos colocar um vigia armado junto à porta.

Von Helrung acendeu o charuto e expirou o penacho de fumaça azulada.

— Quanto à sua apresentação no colóquio, quanto menos falar agora sobre o seu achado, melhor. Uma reunião fechada, apenas com os colegas de mais confiança.

Warthrop olhou para ele por cima da xícara.

— A assembleia-geral não é aberta ao público, *Meister Abram*.

— Pellinore, como sabe, não existe ninguém mais caro a mim do que você, a não ser o jovem Will aqui, um rapaz fino, que é um tributo à sua, podemos dizer assim, orientação e afeto paternal...

Quase me engasguei com o refrigerante. *Orientação e afeto paternal!*

— ... assim, não existe ninguém que compreenda melhor o seu desejo de colocar o nome no firmamento das realizações científicas...

— Não trabalhei... nem me esforcei... para colocar minha reputação acima do avanço do conhecimento humano, Von Helrung — disse o doutor, sem alterar minimamente a expressão do rosto. — Mas compreendo sua preocupação. Se a notícia de uma *T. cerrejonensis* viva chegar a certos redutos, poderemos contar com alguns *pequenos* problemas.

Von Helrung assentiu. Ele parecia aliviado por meu mestre ter compreendido o cerne do dilema. A mais espantosa descoberta em uma

geração, que traria implicações capazes de alterar a teoria não só da biologia aberrante, mas também de todas as ciências naturais e, inclusive, dos postulados-chave da evolução... e precisava ser mantida em segredo!

— *Ach*, se ao menos esse intermediário que o trouxe a você tivesse revelado o nome de seu cliente! — exclamou Von Helrung. — Porque esse misterioso personagem sabe de você, ele sabe tão bem como Maeterlinck que o troféu agora está na posse de um certo Pellinore Warthrop, residente no 425 da Harrington Lane! Eu não exagero, *mein Freund*. Você nunca esteve em tão grande perigo em toda a sua perigosa carreira. Esse que é o seu maior troféu também pode ser a sua perdição.

Warthrop se enrijeceu.

— Minha “perdição”, como você a chama, tem de chegar algum dia, Von Helrung. Melhor que seja no auge da minha carreira que nos resíduos finais e amargos dela.

Von Helrung aspirou o charuto e observou o antigo pupilo tomar as últimas gotas de seu chá.

— Pode ser — disse ele em voz baixa. — Pode ser.

TRÊS

Os resíduos finais e amargos dela.

Dezenove anos depois de proferir essas palavras, ele estava sentado ao pé da cama enrolado numa toalha. Eu podia contar cada costela de seu peito ossudo, e com aquele cabelo molhado e aquelas feições desfiguradas ele me fazia lembrar, por algum motivo, uma das bruxas de *Macbeth*.

O bonito é feio e o feio é bonito!

— Você fez chá? — perguntou ele.

— Não.

Fui olhar no guarda-roupa se ele tinha alguma roupa de baixo limpa.

— É verdade? Pensei que estivesse fazendo, com todo aquele barulho e todo aquele bater de portas lá embaixo. “Meu querido Will deve estar me preparando um chá” pensei.

— Bom, eu não estava. Eu estava vendo se você tinha alguma migalha de comida em casa. O que você não tem. Do que está vivendo, Warthrop? Das velhas carcaças da sua coleção?

Vesti camiseta e cueca limpas nele — a gaveta estava cheia delas; ele não se trocava provavelmente havia um mês. A cueca subiu quase até o pescoço e ele riu como criança.

— Você sabe que não tenho apetite quando estou trabalhando — disse. — Agora, uma xícara de chá Darjeeling bom, forte, isso é realmente distinto! Eu nunca consegui fazer do modo como você o faz, Will, por mais que tentasse. Nunca mais teve o mesmo sabor depois que você partiu.

Peguei uma calça, uma blusa e o colete mais limpo que encontrei no guarda-roupa e coloquei-os na cama.

— Quando voltar, vou preparar um chá para você.

— Quando voltar? Mas você mal chegou aqui!

— O mercado, Warthrop. O mercado fecha daqui a pouco.

Ele assentiu. Sem perceber, o monstrologista estava torcendo a roupa de baixo com a mão.

— Se não for incômodo, traga um ou dois bolinhos daqueles.

— Eu vou trazer os seus bolinhos.

Sentei-me na cadeira. Por algum motivo, estava prendendo a respiração.

— Eles nunca foram tão bons desde que você se foi — disse ele. — Não sei como essas coisas acontecem.

— Pare com isso — disse eu, severamente. — Não seja infantil.

Olhei para o outro lado. A vista dele enrolado na toalha, com o cabelo molhado pingando, os ombros encurvados, o peito afundado, os braços finos e as mãos como patas de aranha — aquilo me deu nojo. Fiquei com vontade de bater nele.

— Você vai me contar? — perguntei.

— Contar o quê?

— No que está trabalhando, essa coisa que está matando você lentamente, a coisa que *vai* matar você, suponho, se eu deixar.

Seus olhos escuros cintilaram com aquele fulgor infernal e familiar.

— Acredito que seja eu quem está às voltas com a minha própria morte.

— Não parece. Na verdade, parece que *ela* é que está totalmente às voltas com *você*.

O fogo se apagou. Ele deixou cair a cabeça.

— Tenho que morrer alguma hora — disse em voz baixa.

Aquilo era demais. Pulei da cadeira com um grunhido gutural e me lancei sobre ele. Ele se encolheu diante do meu ataque, recuando como se esperasse uma explosão.

— Quero que você se dane, Pellinore Warthrop! O tempo das suas tentativas de me manipular e me controlar já acabou. Então guarde o seu choramingo melodramático para outro.

Ele deu de ombros.

— Não existe outro.

— Foi *sua* escolha, não minha.

— Você escolheu me abandonar! — ele gritou na minha cara.

— Você não me deu escolha! — Eu me virei de costas. — Você me dá nojo. “Diga sempre a verdade, Will Henry, sempre a verdade sobre todas as coisas o tempo todo.” Isso vindo de você, o homem intelectualmente mais desonesto que jamais conheci!

Girei sobre os calcanhares novamente. Somos círculos; nossa vida não é um caminho reto.

— Você não passou de um peso nas minhas costas, um albatroz no meu pescoço! — gritei. — Tudo o que lhe diz respeito é repulsivo... Você vive como uma dessas bestas, chafurdando na própria imundície, e para quê? *Para quê?*

— Eu não consigo... Eu não consigo... — Tremia descontroladamente, abraçando a própria nudez, o cabelo molhado caindo na cara como uma cortina de fios.

— Não consegue *o quê?*

— Diga o que eu não consigo... Faça o que eu não consigo... *Pense* no que eu não consigo.

Balancei a cabeça.

— Você ficou louco! — A minha voz tinha tom de espanto. O invencível Pellinore Warthrop, aquele homem único que havia cruzado a fissura fina como a navalha para o outro lado.

— Não, Will. Não. — Ele ergueu a cabeça para me olhar. Eu pensei: *Estas são as pérolas que eram os seus olhos.* — Nada mudou desde o início. Não fui eu quem ficou cego. Foram os seus olhos que se abriram.

QUATRO

Com os olhos bem abertos e a um metro do chão, engatinhei num círculo cada vez mais amplo em volta do cadáver no Monstrumarium.

Cada segundo era precioso, mas me forcei a ir devagar, juntando as peças que o olho podia colher na penumbra.

A marca de um sapato ensanguentado aqui, a um metro e oitenta de onde ele caiu. Outra ali, quando o segundo homem desabou na direção da parede. Mais além, contra a parede, um monte de caixotes empilhados e derrubados. Uma luta encarniçada tivera lugar ali. Com um terceiro homem? Ou com o troféu de Warthrop? Aquele que traíra a vítima ou seu competidor fora vencido dentro da Sala Trancada na tentativa de transferir o troféu para outro recipiente mais adequado ao transporte? Nada encontrei junto à parede que fosse mais útil. Entrei na sala. Em minha rápida inspeção anterior, eu não tinha visto: alguém — ou *algo* — tinha jogado um saco de aniagem no canto mais distante da sala. Tateei-o com o pé. Vazio.

Então era isso: ele tentara retirar a coisa da caixa e ela reagira, repelindo-o, e, quando caíra para trás, ele pisara na poça de sangue, deixando a marca do sapato no chão. Ou ele poderia ter perdido o pé de apoio — não apoiado sobre a *coisa* —, entrado em pânico e escapado, aterrorizado, batendo com força com as costas na parede oposta e derrubando os caixotes antes de fugir do Monstrumarium, o motivo para ter abandonado o local do crime. A segunda hipótese não me pareceu satisfatória. Se ele tinha largado o troféu, este o teria perseguido e deixado alguma evidência de sua ação na mesma poça em que o sapato havia pisado. De volta ao corredor, percorri com os dedos a parede úmida acima da pilha de madeira despedaçada e dos pregos entortados, meio ofuscado pela luz vacilante do gás, me chamando de burro por não ter pegado uma tocha no escritório de Adolphus. Meus dedos passaram sobre uma granulação pegajosa. Cheirei. Sangue. A parede estava salpicada de gotas de sangue, do tamanho de moedas de dez *cents*, na altura dos meus olhos. Teria ele batido a cabeça na pedra dura? Ou já teria sido atingido com picadas em vários pontos antes disso? As gotas

se estendiam ao longo de noventa centímetros em ambas as direções, a partir da parte central dos caixotes quebrados. Por ter batido a cabeça repetidas vezes para a frente e para trás? Ou por algo ter batido *nele* repetidas vezes?

— Onde está você? — sussurrei. — Você ainda não cresceu o suficiente (ainda não) para que eu possa levá-lo a algum lugar, então, onde quer que esteja, você chegou aí carregado por alguém. Você correu *dele* ou *com ele*, nos braços dele? Você já voltou à superfície ou ainda está aqui?

O silêncio respondeu.

O Monstrumarium se estendia pelo comprimento e pela largura do edifício acima dele, que ocupava um quarteirão inteiro. Um acúmulo de túneis interligados e mal-iluminados e centenas de compartimentos de armazenagem de vários tamanhos, alguns tão estufados, tão lotados que apenas os mais durões tinham coragem de navegar entre eles sem precisar de Adolphus a guiá-los. Mais de uma vez eu me havia perdido ali, vagando por um quarto de hora ou mais, até que, nervoso e desorientado, me rendia ao pânico e chamava por ele para que me encontrasse e me guiasse para fora dali: *Adolphus! Adolphus, eu me perdi de novo!*

O provável ladrão podia ter escapado ao confronto com a fera só para se encontrar desorientado ali, como acontecia comigo, desesperado e perdido — e sendo caçado. Ele podia ter voltado para a rua, com seu perseguidor trancado seguramente lá embaixo como o Minotauro do mito. Ou podia ter sido apanhado — não ali, mas em algum outro lugar do labirinto — e agora mesmo, considerando todas as possibilidades, estar sendo consumido.

Voltei à cena do crime uma última vez. Quanto tempo decorrera desde que Lilly saíra para buscar o doutor? Meu sentido do tempo estava distorcido. Parecia que mais de um mês tinha se passado desde que eu a empurrara escada acima com um beijo de despedida. Voltei aos saltos para o escritório do curador, segurando a arma na mão direita enquanto conservava a esquerda à minha frente, com o canivete e o soco-inglês no bolso das calças batendo nas pernas, parando a cada momento e perscrutando cada túnel antes de continuar. Meu sentido do tempo deslizava para o buraco negro abaixo, me levando com ele. Embora o teto fosse se erguendo conforme me aproximava da entrada, senti-me

como se estivesse descendo uma escarpa, no fundo da qual abri a boca de um abismo sem luz, o portão de entrada para o círculo mais baixo, a Judecca, o coração congelado do inferno.

No último túnel antes da última curva, no meio da descida, uma sombra irrompeu dos recessos tétricos de um compartimento de armazenagem e saltou sobre mim, forçando-me a pular para o lado, de encontro à parede. O impacto fez saltar a arma da minha mão. Senti cheiro de uísque e de sangue enquanto ele me envolvia a garganta com os dedos, pressionando minhas costas contra a parede com seu corpo, a respiração quente dele no meu ouvido. Ergui os punhos e dei um soco em sua orelha, o que fez afrouxar um pouco o aperto, mas ele estava enlouquecido pelo medo e pela dor e não queria me largar. Seu rosto brilhou com o sangue fresco, atravessado pelas fissuras profundas de cor rubra onde as garras o haviam rasgado. Seus dentes estavam desprotegidos, seus olhos orlados de vermelho e com o ar selvagem do terror.

Ergui o joelho e o atingi na virilha; ele me largou para se encurvar, e atirei-o para longe. Não havia tempo para usar a pistola: puxei o canivete do bolso e apertei a mola. A lâmina aberta cintilou friamente à luz do gás. Ele caiu para trás, dobrando-se, agarrando as partes pudendas, depois vomitou aos borbotões uma mixórdia de bílis com sangue e de suas próprias vísceras negras e coaguladas — o veneno do monstro já tinha necrosado uma parte de seu estômago. Seus outros órgãos, como eu sabia, também estavam morrendo. É deste modo que o veneno mata: você morre de dentro para fora. Dependendo da quantidade de toxina, o processo pode tomar de minutos a vários dias.

Minha vez.

Peguei-o pelo pescoço, puxei-o para cima, apertei a ponta do canivete no queixo dele. Sua respiração rançosa, fedendo da podridão interna, banhava o meu rosto, sufocando-me.

— Onde está ela? — explodi. — *Onde está a coisa?*

— Dentro...

— Dentro do quê? Onde? No Monstrumarium? Traga-a para mim!

Ele riu. Depois, expeliu uma mistura de sangue e muco borbulhante entre os lábios azulados. Foi então que vi. Eu já tinha visto a mesma coisa muitas vezes, trabalhando para o monstrologista.

O brilho de seus olhos estava sumindo.

— Eu já trouxe.

CINCO

Quase sete mil dias depois daquela noite, saí pela porta dos fundos para a viela atrás do número 425 da Harrington Lane. O monstrologista gritava pedindo o jantar — talvez minha visita inesperada o tivesse feito lembrar que ele, como qualquer outro ser humano, precisava comer de vez em quando. Mas eu me recusei a preparar qualquer comida no chiqueiro que ele chamava de cozinha antes de esfregar o que pudesse ser desinfetado e jogar fora o que não fosse possível. Pus mãos à obra ao voltar do mercado e escondi os bolinhos, ainda que ele me amaldiçoasse por isso.

— Eles ainda são meus enquanto eu não os der a você — ralhei com ele. Ele se esgueirou para longe como uma criança repreendida. Sempre houve algo de infantil no monstrologista, mesmo quando estava no auge, como se parte dele tivesse congelado na época anterior à morte da mãe, o menino que simplesmente parou no tempo, que não conseguiu se libertar do gelo, que permaneceu vivo dentro do homem, esquecido e solitário, mas cujos gritos se liberavam de tempos em tempos como sendo os do menino que ele herdara, o menino que ele prendera no sótão, todos três — o menino, o homem e o menino dentro do homem — presos na armadilha do gelo da Judecca.

Na viela, despejei a primeira carga de lixo no barril mais próximo. O barril de lixo seguinte estava transbordando, não tinha sido ele, com certeza, mas a garota que eu tinha contratado para mantê-lo vivo. Beatrice, era esse o nome dela de verdade? Não consigo lembrar, embora recordasse o rosto muito bem; sou bom fisionomista. Maços do rosto altas, pele clara, cheinha de corpo, sorriso fácil e agradável. Eu a tinha escolhido com muito cuidado entre a lista de candidatas: uma velha senhora sem família na cidade, acostumada a cuidar dos doentes e dos enfermos (ela tinha cuidado dos pais até ambos morrerem). Uma mulher temente a Deus que detestava fofocas e tinha poucas amizades e, o mais importante, com uma paciência maior que o oceano Atlântico e uma cabeça mais dura que o casco de uma tartaruga. Não é de admirar que ele a tenha demitido.

Enchi o barril rapidamente, mas as primeiras estrelas da noite estavam aparecendo e a temperatura caía rapidamente, por isso pensei que seria bom fazer fogo — eu teria de apagar os restos das brasas antes de ir embora —, então fui até o velho galpão e peguei a querosene.

Mais uma vez você me pôs numa enrascada, pensei. Se eu o deixar sem ninguém que tome conta de você, vai sucumbir aos seus demônios. Mas os seus demônios não deixam que ninguém tome conta de você.

Bom, essa é a natureza dos demônios, suponho.

Embebi ambos os barris com querosene. Uma brisa errante apagou o primeiro fósforo, de repente eu tinha treze anos novamente, me erguendo na ponta dos pés na neve congelante, aquecendo as mãos azuladas naquele mesmo barril pela imolação de um cadáver que eu ajudara a desmembrar.

Você tem de ser duro. Se vai ficar comigo, precisa se acostumar com essas coisas.

Tenho, Warthrop? Tenho de me acostumar a “essas coisas”? E se eu tivesse fracassado — se você tivesse fracassado em me acostumar a elas —, o que aconteceria? Teria havido espaço para sentimentalismo, para os absurdos do amor, da misericórdia e da esperança e de qualquer outra coisa humana? Mas você não fracassou; você foi bem-sucedido, além de suas expectativas mais bárbaras, e eu, William James Henry, sou a joia da sua coroa, a mais aberrante das formas de vida aberrantes, sem amor sem misericórdia sem esperança, leviatã rude, frio impiedoso das profundezas sem luz e sem calor.

Acendi o segundo fósforo e o deixei cair no barril. A fumaça se fez; o fogo crepitou. Então o terceiro fósforo no outro barril. E o calor me envolveu o rosto como a toalha quente do barbeiro, e a fumaça de uma cortina salpicada de cinza e preto, e o fedor das coisas orgânicas a queimar, a comida podre e o pão mofado, tudo isso acentuado pelo cheiro fétido de medula assando dentro dos ossos e a tintura acre do cabelo a arder, e eu sabia, sabia antes mesmo de olhar, antes mesmo de chutar o primeiro barril, derramando o conteúdo de seu esôfago na terra úmida e compactada, eu sabia o que iria encontrar, sabia no âmago de meu ego duro, frio, impiedoso, o que ele fizera e a quem ele o fizera, maçãs do rosto alto, pele clara, sorriso fácil, e *seu canalha, seu canalha, o que você fez? O que você fez?*

Ali estava o avental dela, rasgado e ensanguentado, e um pedaço do seu vestido de chita, e os restos da fivela com que ela prendia o cabelo atrás.

As longas tranças emaranhadas pendiam teimosamente do seu crânio, marrom-claras puxando para o cinza, e ela era a Medusa: *eu me transformei em pedra*.

Ela sorria para mim, o buraco dos olhos olhava o meu rosto, e ambos estávamos desprovidos de expressão, o crânio dela, o meu rosto, nada de tristeza, nada de piedade, nada de horror, nada de medo, os olhos vazios e o homem vazio, esvaziados pela mão dele.

FOLIO XII

Arcadia

NEM UMA SÓ DRACMA
DE SANGUE EM MIM RESTA QUE NÃO TREMA; CONHEÇO OS
SINAIS DA ANTIGA CHAMA.
— DANTE, “O PURGATÓRIO”

Canto I

UM

Eu não posso dizer: *Foi aqui que tudo começou.*

Um círculo não tem um ponto de partida.

Aqui estão os segredos que guardei.

Ele me circula, me rodeia. Não há começo nem fim, e o tempo é a mentira que o espelho nos conta.

Estes são os segredos.

A criança de chapeuzinho e o menino no labirinto e o homem ao lado do barril de cinzas formam um círculo sem começo, sem fim.

É difícil, ele me disse certa vez, difícil pensar nas coisas em que não pensamos.

DOIS

Entranhado nas vísceras da Lata de Lixo dos Monstros, o homem se enrijeceu em meus braços. O sangue arterial, vermelho, brilhante, jorrou de sua boca, misturado com bolhas fibrosas de tecido morto, preto — os restos de seu esôfago, creio —, e então ele morreu.

Eu me abaixei até o chão. Guardei o canivete no bolso. Passei a mão ensanguentada no cabelo, ainda duro de brilhantina, embora não mais tão bem-armado.

Traga-a para mim!

Eu já trouxe.

Eu sabia o que ele queria dizer, sabia onde a criatura fora escondida: eu havia transcrito as anotações de Warthrop sobre ela. O desastre fora previsto — nem tudo estava perdido —, mas eu precisaria de algo para guardar aquilo. Voltei à Sala Trancada e peguei o saco de aniagem. O monstro não iria logo para outro lugar. Outros ladrões deviam estar vasculhando, doidos para encontrar a fera, a Lata de Lixo dos Monstros, bem armados, ladrões desesperados com aquilo, mas eu não sentia nenhuma ansiedade, nenhum senso de urgência. Nem me preocupei em pegar a pistola antes de ir buscar o saco.

Voltei para o corredor onde o havia deixado, virei o canto e empurrei um pouco: um homem estava ajoelhado ao lado do corpo. Mais ou menos um metro atrás, uma figura indistinta pairava nas trevas. Por que motivo eu tinha deixado para trás a maldita pistola?

O homem se levantou. A arma que eu havia largado surgiu. Ergui as mãos e disse:

— Sou eu, Warthrop.

A figura que estava em pé atrás de mim se apressou em sair das sombras. Lilly. Ela se assustou ao ver o meu rosto respingado de sangue.

— Will! Você se feriu?

Warthrop a empurrou para o lado e tirou o saco vazio da minha mão.

— Onde está ele? — rosnou.

— Bem aqui — respondi. Tirei o canivete do bolso e o ofereci a ele. —

Podemos fazer uma troca.

Ele entendeu na hora. Balançando a cabeça rapidamente, pegou o canivete, me devolveu o saco e voltou a atenção para o corpo. Eu me agachei ao lado dele. Lilly nos observava, confusa, com os braços cruzados.

— Adolphus está morto — informei ao monstrologista enquanto ele abria com um rasgão a camisa do homem para expor o seu tronco.

— Entendi... — grunhiu Warthrop, abrindo o canivete, apertando sua ponta logo abaixo do esterno do cadáver e endireitando os ombros. — Você está pronto?

Eu me aproximei, abrindo bem a boca do saco.

— Pronto.

Lilly engoliu em seco — não podia se segurar. Percebi na hora: embora ela sempre se gabasse de que iria se tornar a primeira mulher monstrologista, nunca tinha estado tão perto de uma situação real da profissão. O doutor forçou a ponta do canivete e rasgou a carne, inchando os músculos do pescoço com o esforço. Quando atingiu o umbigo, atirou o canivete para o chão e enfiou as mãos, deslizando, com as palmas juntas, dentro do corpo.

— Cuidado — sussurrei, e ele assentiu com rudeza, murmurando:

— Está escorregadio. — Ele suava no ambiente frio, com as sobrancelhas franzidas em concentração, os olhos fechados porque não precisava deles para aquilo; bastavam mãos rápidas e firmes, além da vontade de ferro para guiá-las. — Agora segure firme — ele cochichou para mim, para a coisa enrolada dentro da cavidade no peito do homem. — Agora, Will Henry!

Ele abriu os olhos e se ergueu apoiado nos joelhos, suas mãos saíram do centro do homem com um *plop!* suave, e a coisa que ele pegara balançou e espiralou sensualmente em torno de seus braços, gotejando sangue, estranhamente bela à luz amarelada e nevoenta, tremeluzindo como a superfície de um rio à meia-noite. Com um movimento suave, o monstrologista colocou o troféu, balançando ainda, no saco.

— Agora a parte realmente difícil — cochichou ele. Sem pressa. Estava se forçando a ir devagar. Primeiro uma mão, depois a outra, que segurava a base da cabeça da criatura. O momento crítico em que ele enfrentava o perigo maior de todos, o de ser picado. Assim que ele se

viu livre disso, torci a boca do saco para fechá-lo. Estávamos quase sem respiração.

— Bom, Will Henry — resfolegou, — No fim das contas, acho que devíamos ter colocado alguém de sentinela.

TRÊS

Após ter examinado as duas vítimas e inspecionado a cena do crime — ou crimes, uma vez que tinham ocorrido tanto um assassinato como um arrombamento —, o monstrologista concordou em contar com a minha assistência na sequência seguinte dos eventos.

— Eles não eram rivais nem inimigos — disse ele. — Eram companheiros. Era risco demais para um homem assumir sozinho: um devia ficar de guarda enquanto o outro transferia o tesouro da caixa para o saco. Mas um deles guardava a semente da perfídia no coração; penso que era o que tinha ficado de vigia, porque ele estava com a pistola, que utilizou assim que a Sala Trancada foi aberta. — Tínhamos encontrado a arma no bolso do casaco do ladrão eviscerado. Warthrop cheirou o barril; ele tinha sido queimado recentemente. — Ele vai para a sala. Fica perplexo com a aparente dormência de seu alvo. Talvez tenha acreditado que ela dorme de verdade. Com o saco na mão, ele destranca a porta da gaiola, e a coisa *ataca*. — Warthrop fez o gesto rápido de apertar o punho fechado na palma aberta da outra mão. — As presas afiadas o mordem, penetrando profundamente. Em pânico, ele joga fora o saco bem depressa, a fim de deixar a mão livre para arrancar aquela boca dali, mas as mandíbulas estão travadas num aperto tão forte que nem três homens fortes conseguiriam desfazê-lo. Ele sai cambaleando para fora do quarto, pisando no sangue da vítima pelo caminho, bate na parede oposta, derrubando os caixotes. A essa altura é tarde demais... já era tarde demais no momento em que ele foi picado. O instinto dele é sair correndo, e é o que faz, mas não consegue ir muito longe: o veneno já atingiu o seu cérebro. Ele está desorientado, confuso; o mundo gira; não consegue mais manter o equilíbrio. Ele aderna até o compartimento de armazenagem, onde desaba, e seu coração em falência distribui velozmente a toxina para cada músculo e órgão de seu corpo.

— Mas como foi que a coisa *entrou* nele? — disse Lilly, bruscamente. Ela estava visivelmente chocada com aquilo, era a primeira vez que se via realmente exposta à biologia aberrante. Podemos ter estudado a

matéria em mil livros, assistido a mil aulas sobre o assunto e discutido com mil filósofos especializados, mas nunca *sabemos* o que ela realmente é antes de vê-la... e o que estava tendo era apenas um vislumbre.

Warthrop parecia perplexo com a pergunta dela.

— Bom, o número de orifícios disponíveis é bastante pequeno. Penso que seja mais seguro concluir que ela tenha entrado pelo maior.

— Mas *por que* ela avançou para dentro do corpo dele?

O monstrologista piscou várias vezes. A resposta era óbvia: para ele, racionalmente, e para qualquer outro ser racional. Mas seu tom de voz era paciente com ela, uma paciência maior do que alguma vez já tivera comigo.

— Para comer, srta. Bates. E para se esconder de qualquer coisa que quisesse comê-la.

Ele bateu as mãos delicadamente.

— Bom! Precisamos dar uma olhada em Adolphus agora, suponho. Tome conta desta pistola, sr. Henry; vou ver o que houve e voltamos a nos encontrar aqui. Fique nesta sala e não se arrisque a sair antes que eu volte ou a menos que sua vida dependa disso. Vá na frente, srta. Bates.

Lilly passou o braço por baixo do meu e disse:

— Vou ficar aqui, se o senhor não se importa.

— Pode ser um pouco demais para ele — respondeu Warthrop, acenando para o saco na minha mão. — Eu não gostaria de ver o rapaz na triste situação de ter de escolher entre vocês.

Eu ri. No entanto, Lilly não percebeu a graça daquilo e disse: — Eu sei me virar.

O doutor começou a dizer alguma coisa, sacudiu a cabeça, encolheu os ombros e saiu pela porta sem dizer mais nada. Estávamos sós, Lilly, o monstro e eu.

Sentei-me no chão e encostei as costas numa caixa decorada com o brasão da Sociedade. *Nil timendum est*. Com o saco retorcido entre as pernas, olhei para cima, para Lilly, que parecia muito alta, com a aparência de uma deusa, olhando de baixo, arrogantemente nobre em seu vestido púrpura, apesar das manchas em um ou dois lugares.

— Posso dizer como a sua aparência está irresistível neste momento? — perguntei. — Não consigo decidir se é devido ao ângulo ou por causa

da luz. Talvez pelas duas coisas. Estou muito cansado. Acho que o efeito do álcool passou.

— Você costumava ser tão sério... — observou ela, depois de um silêncio estudado. — Você era sério até quando estava tentando fazer uma brincadeira.

— O trabalho nos dá outras perspectivas.

— Que perspectivas seriam essas?

Apertei os lábios para pensar no assunto.

— As mais elevadas possíveis. Ou as simplesmente possíveis, ponto-final.

Ela balançou a cabeça.

— Onde está a pistola?

— No meu bolso. Por quê?

Ela se agachou ao meu lado e procurou no meu bolso.

— Não pegue na minha arma de fogo, srta. Bates — avisei.

— Você está com as mãos ocupadas.

— Se pegar na minha arma de fogo, serei forçado a atirar em você.

— Quanto mais tenta ser engraçado, menos engraçado você é.

Ela segurou a arma com ambas as mãos contra o próprio estômago. Ela com a arma. Eu com o saco ondulante.

— Não é minha culpa se você não tem senso de humor — disse eu.

— Por favor, não fique preocupada; você está me deixando nervoso.

Ela se sentou ao meu lado, olhando para o saco de aniagem.

— Pensei que elas ficassem cinco vezes maiores que isso quando cresciam.

— Mais de dez. Essa ainda é filhote, Lilly.

— O que você vai fazer com ela?

— Bom, eu não estava pensando em pegar como bicho de estimação...

Ela soltou a pistola e ficou à distância de um braço.

— Quero dizer, depois que isso tiver acabado.

— Ele vai apresentar a coisa diante de um grupo de homens com as mesmas ideias, que irão sacudir a cabeça de admiração e aprovação, dar tapinhas nas costas dele e conceder-lhe uma medalha ou talvez até encomendar uma estátua em sua honra...

— Alguns meninos crescem *para cima* — observou ela. — Outros crescem *para trás*.

— Vou ter de refletir sobre isso antes de dar a minha opinião sobre o assunto a você.

— Mas o que ele vai fazer com essa coisa *depois* que o congresso for adiado? Era isso que eu queria dizer.

— Ah, entendi. O gato, como se diz, apareceu no telhado, por isso não pode mais ficar aqui. Acredito que esse era o plano original dele. Talvez ele a leve de volta a Nova Jerusalém, construa um buraco especial para ela e a alimente com cabras. Não acho que ele tenha planos de levar a coisa de volta à natureza.

— Mas isso não seria o melhor a fazer?

— Não para a natureza. Nem para Warthrop. A coisa é muito mais importante, como você sabe.

— Eu a libertaria.

— Ela é a última da espécie, Lilly. Está condenada, não importa o que façamos.

— Então por que não matá-la simplesmente? — disse, olhando para o saco ondulante. — Ele poderia empalhá-la como um troféu de caça.

— Essa é uma ideia — concordei, para encurtar a conversa. O assunto já estava cansativo. — Diga-me uma coisa: você o beijou?

— Beije... o dr. Warthrop?

Ri ao imaginar a cena.

— Warthrop não beija ninguém desde 1876. Eu estava me referindo à mediocridade.

— Samuel? — Ela baixou os olhos; não queria encarar o meu olhar.

— O que você tem a ver com isso?

— Suponho que nada.

— Não sei.

— De verdade? Então ele deve ser mesmo medíocre, porque você nem sabe se o beijou!

Ela tentou não rir.

— Você não tem metade da inteligência que pensa que tem, sabe?

Concordei com a cabeça.

— Tenho mais ou menos um terço. Você o conheceu na Inglaterra? Não estava se sentindo sozinha lá, Lilly? Não sentia falta de Nova York? Que tipo de pessoa você *quer* como aprendiz de Sir Hiram Walker? Ninguém que tenha um terço da inteligência que pensa ter, portanto ele só pode ser mesmo uma mediocridade.

— Ele é um amigo.

— Um amigo?

— Um amigo muito bom.

— Ah. Hmm. Muito bom com certeza não é medíocre.

Ela sorriu.

— Nem um terço.

— Eu gostaria muito de beijar você agora.

— Isso é mentira. — Ainda sorria.

E eu, fazendo cara de espantado:

— Por que alguém iria mentir a você sobre uma coisa dessa?

— Se você quisesse me beijar de verdade, teria me beijado, não...

Eu a beijei.

Querido Will, espero que esta o encontre bem.

Ela fechou os olhos, abrindo os lábios levemente.

— Will — sussurrou. — Eu gostaria muito de que você me beijasse outra vez.

Obedeci, e a coisa se revirou dentro do saco, raspando, raspando o vidro grosso, e *você tem de ser durão nessas horas*, não havia espaço para amor ou piedade ou qualquer outra coisa, e *nunca se apaixone, nunca.*

Nos rosnados dos corredores sinuosos, das salas empoeiradas e das prateleiras sobrecarregadas de coisas que davam pesadelo e *Acho isso belo — mais esplêndido que a campina na primavera.*

Há uma última coisa que eu preciso dizer antes de partir.

Nas câmaras sacolejantes, arranhadoras, empoeiradas, sobrecarregadas, mortais, pesadelos das profundezas sem luz e sem calor.

Uma última coisa eu preciso dizer lábios ligeiramente entreabertos
Estes são os segredos os segredos os segredos.

QUATRO

A luz da lanterna do monstrologista roçou levemente a superfície áspera do ovo; ele se inclinou aproximando a lupa para ver melhor, e sua respiração não passava de um suspiro de brisa através da bela campina da primavera. Ele tomou as medidas — massa, circunferência, temperatura — e auscultou através do ovo com o estetoscópio. Fez tudo rapidamente. Não queria expor o ovo por tempo demais à atmosfera do porão. Como observara Maeterlinck, a Nova Inglaterra podia ser tudo, menos tropical.

— Bom, com certeza confirma as descrições da literatura especializada — ele me disse —, por mais escassas e imprecisas que sejam. *Pode ser* o ovo de uma *T. cerrejonensis*. Certamente não é de tartaruga nem de crocodilo... é grande *demais* para ser de um deles. Definitivamente, é reptiliano. Talvez de um parente distante, uma sucuri gigante, uma anaconda, mas também nesse caso o tamanho é maior. Então... Nesta instância devemos nos ater ao velho adágio de que o tempo é que dirá. — Ele se endireitou e empurrou a lupa para o alto da testa. Suas maçãs do rosto estavam avermelhadas. Ainda não sabia ao certo o que tinha nas mãos, mas ao mesmo tempo *sabia*. — Vamos alimentá-lo, conservá-lo aquecido e ver o que eclode daqui a algumas semanas.

— Bem a tempo para o congresso anual — assinalei. — É desde já um compromisso, doutor.

Ele se enrijeceu levemente.

— Não tenho muita certeza do que você quer dizer com isso.

— É a última da espécie — disse eu. — Como se o seu chapéu já não tivesse plumas suficientes...

— Sabe de uma coisa, Will Henry, daqui a um ano, se você fizer uma observação desse tipo, não saberei se está me elogiando ou zombando de mim ou as duas coisas.

— Estou apenas reconhecendo o óbvio, senhor.

— O procedimento usual dos políticos e dos romancistas. Sugiro que evite isso.

Ele voltou a pôr o ovo no ninho de palha e pelos trinta minutos seguintes fuçou-o com a lanterna pequena, usando o termômetro para medir a temperatura ambiente junto à sua superfície.

— Devemos mantê-lo cuidadosamente em observação — disse Warthrop. — Verifique-o sempre até a hora de eclodir. Não podemos deixá-lo desacompanhado. Para a sua proteção, bem como para a dele. Pelo menos duas outras pessoas sabem da existência e da localização dele, talvez mais. Se o conhecimento do nosso achado cair nos ouvidos errados... isso poderia trazer grande perigo para a coisa em si.

Ele estava falando comigo mas olhando para “a coisa em si”.

— O veneno dela é o mais tóxico conhecido, cinco vezes mais potente que o do *Hydrophis belcheri*. Uma gota do tamanho de uma cabeça de alfinete seria suficiente para matar um homem adulto.

Soltei um assobio.

— Não admira que seja tão valioso. Seria possível varrer um exército inteiro com um copo cheio...

Ele assentiu com a cabeça e deu um sorriso triste.

— E é dessa maneira que a nossa própria natureza determina os nossos próprios fins.

— O que o senhor quer dizer com isso?

— Ele é valioso não pelo que tira, Will Henry, mas pelo que dá.

— Foi isso que eu quis dizer, doutor.

— A morte é algo que se dá?

— E que se recebe. Ambas as coisas.

Ainda sorrindo:

— Eu fracassei mesmo, não? — Voltou a olhar para o ovo. — Pegue aquela mesma gota do tamanho da cabeça de um alfinete. Vamos diluí-la numa solução a dez por cento. Ela pode ser injetada diretamente na veia; alguns preferem curti-la no fumo e ingeri-la pelo cachimbo. O efeito, pelo que ouvi dizer, é de uma euforia indescritível... um orgasmo, na falta de outra palavra. Uma tragada... uma baforada... é suficiente para fazer o usuário ficar mais irremediavelmente viciado que um dependente de ópio incurável. A coisa não tem retorno, como o fruto da árvore do Éden: uma vez provado, não existe volta atrás. Quanto mais utilizado, mais se precisa usar de novo... cada vez mais... até o cérebro ficar revirado do avesso. O corpo sente falta da substância como os pulmões precisam de ar e as células necessitam glicose.

Eu entendi imediatamente. Um traficante desse superópio se tornaria milionário com extrema rapidez. Mais rico que os mais ricos barões da bandidagem juntos, Warthrop havia dito. Maeterlinck não mentira: o preço que seu cliente pedira era ridiculamente baixo — *suspeitamente* baixo, para mim.

— Há algo que não bate aqui — disse eu. — Se esse cliente de Maeterlinck estava querendo dá-lo praticamente de graça...

— Muito perspicaz da sua parte, Will Henry. Talvez minha opinião esteja sendo precipitada. Sim, o preço era baixo demais se ele entendeu o que tinha em mãos... mas alto demais se não entendeu!

— A menos que Maeterlinck não tivesse intenção nenhuma de permitir que ficasse com o senhor. O senhor estava qualificado a verificar a autenticidade da coisa.

— A que propósito serviria isso? Tudo o que teria a fazer seria esperar a coisa eclodir, colher o veneno e... perdoe a expressão... ter um barato com ele.

— Quem quer que o tenha contratado conhece o senhor, ou a sua reputação...

Ele cruzou os braços e atirou a cabeça para trás, me considerando de alto a baixo com seu nariz patricio.

— E..? O que isso significaria para você?

— Existe outro motivo aqui além do lucro.

— Excelente, sr. Henry! É verdade: preciso reavaliar até a última premissa as minhas conclusões sobre a sua perspicácia. Mas qual poderia ser esse motivo? — Ergueu a mão assim que abri a boca. — Tenho umas ideias sobre isso, que vou deixar em suspenso e guardar para mim por enquanto. Há muita gente que serve o bolo antes que ele esteja bem assado.

Eu franzi a testa.

— Isso é uma citação de alguma fonte?

Ele riu.

— Agora é.

A vigília durou quase um mês. Conforme o “grande dia” se aproximava, a ansiedade dele foi crescendo — assim como a barba e o cabelo —, e seu apetite diminuiu. Ele rondava o ovo durante horas, perscrutando-o com a lanterna, rearrumando a palha, tentando escutar a vida que se desenvolvia dentro do envoltório coriáceo com o

estetoscópio. Entre as minhas obrigações principais, excluindo as cotidianas — cozinhar, fazer a faxina, lavar, sair para as compras, responder às cartas e outras do gênero —, estavam a vigiar o porão, com o revólver carregado do doutor sempre comigo. Ele ficava alerta ao menor ruído, não dormia mais do que trinta minutos seguidos e geralmente regredia da condição de filósofo da biologia aberrante à de mãe substituta. Mais de uma vez, quando eu me esgueirava escada abaixo para verificar, encontrei Warthrop sentado no banquinho em condição de quase estupor, com o queixo apoiado na mão e os olhos semicerrados fixos na coisa pousada sobre a palha.

— Volte para a cama — uma vez eu disse para ele. — Eu fico de vigia.

— E se você dormir?

Ele não disse mais nada. Mudei de assunto:

— Posso perguntar uma coisa?

Ele ergueu uma sobrancelha; o olho abaixo dela permaneceu coberto pela pálpebra.

— O ovo não caiu do céu, não ficou preservado na tundra congelada durante cem anos nem, ao que eu saiba, foi posto um século antes do momento de eclodir. Como pode ser a última da espécie? Onde está a mãe dele?

Ele pigarreou. Sua voz soou como um sapato rangendo sobre vidro quebrado.

— Morta, segundo Maeterlinck. Assassinada pelo mesmo mineiro de carvão que descobriu o ninho.

— Então, não seria razoável concluir...?

— O macho tinha sido morto uma semana antes. É razoável concluir que fosse o macho dela: um macho grande, com quase quinze metros da ponta da cauda ao focinho.

— É isso que me intriga. Onde existe um; mais especificamente, onde existem *dois*...

— Claro, eu suponho que qualquer coisa seja *possível*. É *possível* que uma tribo de neandertais tenha sobrevivido nas regiões inacessíveis do Himalaia. É *possível* que os *leprechauns* surjam das matas irlandesas e dançam nas terras altas quando a lua está cheia. É igualmente *possível* que você seja o filho de dois macacos que copularam e trocaram o filhote com o dos seus pais. Também é *possível* que toda

esta conversa... não, a sua existência inteira... não passe de um sonho, e você irá despertar só para descobrir que é um velhote numa casa de fazenda ao lado de uma esposa corpulenta, mas de muito senso prático e se maravilhar com o poder dos sonhos enquanto ordenha sonolentemente a vaca da família!

Ponderei esse argumento por alguns minutos e então disse:

— Tem de ser fazendeiro?

Em uma ou duas ocasiões, ele cedeu ao imperativo humano e me permitiu ajudá-lo a subir as escadas e a se deitar.

— Então, por que fica aí me rondando como um anjo macabro da morte? — perguntou, estalando os dedos para mim. — De volta ao porão, Will Henry, e já!

Ah, se eu ouvir essa frase nojenta associada ao meu nome mais uma vez que seja...!

Coloquei a arma ao lado do ninho e contemplei a *T. cerrejonensis* em gestação. O ovo brilhava à luz laranja da lâmpada. O porão era frio; o lugar em que ele chocava era quente. Três dias antes, havia começado a tremular, ainda que levemente, quase que imperceptivelmente. Quando escutávamos pelo estetoscópio, podíamos ouvir um som esponjoso e úmido, como se o organismo se contorcesse e retorcesse na bolsa amniótica. Ouvi-lo dava uma certa excitação: aquilo era vida, frágil e elementar, tenra e implacável. Entropia e caos reinam sobre toda a criação, a destruição define o universo, mas a vida persiste. E não é essa a essência da beleza? Ocorreu-me, enquanto observava aquela coisa tremular com a antiga força, que a aberração é um construto totalmente humano. Não existem coisas fora da mente humana que possamos chamar de monstros. Somos vãos e arrogantes, o mais alto feito da evolução e seu fracasso mais deprimente, prisioneiros de nossa autoconsciência e da ilusão de que constituímos o centro, estamos no centro, de que existe um *nós* e então *todo o resto*, que não faz parte desse *nós*.

Mas nós não existimos à parte nem acima nem no meio de coisa alguma. Não existe nada à parte nem acima, e o meio é em todos os lugares — e em lugar nenhum. Não somos mais belos ou essenciais ou magníficos que uma minhoca.

Na verdade — e ousamos chegar até aí, você e eu? —, podemos dizer que a minhoca é *mais* bela, porque é inocente e nós, não. A

minhoca não tem motivação que não seja a de sobreviver o suficiente para procriar filhotes de minhoca. Não existe traição, nem crueldade, nem inveja, nem desejos, nem ódio no coração da minhoca, e, assim, quem são os monstros e que espécie podemos chamar de aberrante?

Sentado no porão frio diante de um ovo quente, meus olhos se encheram de lágrimas. Pois a beleza verdadeira — beleza com B maiúsculo — é aterrorizante; ela nos põe no nosso devido lugar; ela reflete de volta para nós a nossa própria feiura. Ela é o troféu que está além de qualquer preço.

Estendi a mão e a pousei levemente sobre o envoltório pulsante.

Perdão, perdão, pois você é maior que eu.

Canto II

UM

Perdão.

O olho vazio e os fios emaranhados dos cabelos ainda pendentes do crânio ao lado do barril de cinzas.

E do que o dr. Pellinore Warthrop poderia estar precisando, sr. Henry?

Ah, o de sempre. Ele não é um inválido, mas cuida mal da casa e nunca cozinha para si próprio. Ele precisa de alguém para atender à porta, mas talvez isso não seja preciso... o doutor quase não recebe mais visitas.

Sim, senhor. Meio recluso ele, não?

Algo entre isso e ermitão.

Quer dizer que ele não pratica mais a medicina?

Nunca praticou. Ele não é doutor nisso.

Ah, não?

Ah, não. Ele é doutor em filosofia, mas eu recomendo que você não aborde esse assunto com ele — ou nenhum outro assunto, por sinal. Se ele quiser falar, falará. Se não quiser, não falará. Espere ser ignorada a maior parte do tempo. Na verdade, quase que o tempo todo.

E no resto do tempo, sr. Henry? O que eu posso esperar?

Bom, vejamos. Ele tem um temperamento difícil. Digamos que ele tem a cabeça um pouco quente demais para um filósofo.

Um filósofo de cabeça quente? Ah, sr. Henry, isso é engraçado!

O humor dele é mais abstrato, creio. A melhor estratégia é concordar com tudo o que ele diz. Por exemplo, se ele diz indiretamente ou afirma explicitamente que a inteligência de uma minhoca é maior que a sua, uma boa resposta pode ser: “Sempre pensei isso de mim mesma, dr. Warthrop”. Outras vezes, ele pode dizer alguma coisa sem sentido. Não quer dizer que esteja pensando algo fora de órbita; ele está apenas sendo Warthrop. Ele diz coisas fora do contexto. Quero dizer, o contexto está oculto.

Oculto, sr. Henry? Oculto onde?

Dentro da cabeça dele.

Ele esconde coisas... dentro da cabeça?

Mas nós todos não fazemos isso, Beatrice?

Dei uma batidinha no rosto do crânio com a ponta do meu sapato.

Eu sabia que devia ter chamado a polícia para prendê-lo.

Seria um final adequado para um doutor em monstrologia, cuja atividade conduz inevitavelmente ao assassinato. Ambos estávamos mergulhados até os cotovelos em sangue, Warthrop e eu.

Mas não chamei a polícia. Somos escravos dos nossos hábitos, e eu tinha sido o companheiro indispensável dele por tempo demais.

Pus em pé o barril que estava virado, recoloquei nele o seu conteúdo macabro, o crânio dela por último, e deixei o momento passar; não parei para contemplar o olho vazio como se fosse algum dinamarquês no palco para quem a vida humana representasse uma medida de valor. Atirei o crânio no barril com o resto do lixo; ele fez um barulho metálico ao bater no latão da parede interna, e o ruído repercutiu no ar frio.

Mais querosene. Outro fósforo. E uma lufada de calor delicioso no meu rosto. Não há ninguém no mundo que não goste de uma boa fogueira. A memória está incrustada nos nossos genes: o fogo é nosso amigo há milênios. Ele fez de nós o que somos. Não é de espantar que os deuses tenham punido Prometeu. Domine o fogo e em poucos milhares de anos você estará caminhando na Lua.

Atravessei o quintal até o velho estábulo. Eu precisava de uma pá. Alguns ossos tinham sobrevivido ao fogo e teriam de ser enterrados. Todos os galpões tinham sido removidos em 1909 para dar lugar à garagem do automóvel Lozier, o mais caro no mercado naquele tempo, oferecido pelo presidente da companhia a Warthrop por sua ajuda no projeto inicial. Assim que entrei no estábulo empoeirado, escutei um balido suave que vinha do galpão remanescente na ponta e fui dar uma olhada. Lá dentro, os carneiros estavam amontoados na palha. Eles se levantaram quando me viram e correram como se fossem um só para o canto mais distante. Olhos negros nas caras brancas. Choramingos surpresos nos lábios escuros. Pateando ansiosamente a palha que estalava no ar seco.

Para mim isso não é problema, sr. Henry. Temperamento ruim quer dizer coração forte; era isso que a minha mãe sempre dizia.

E os olhos negros nas caras brancas e os lábios choramingas e a palha que estalava como ossos secos num ossuário.

DOIS

Arranha, arranha.

A coisa atrás do vidro grosso. A coisa no saco de aniagem.

Arranha, arranha.

A forma produz sombras e todas as sombras são a mesma: não existe diferença entre a coisa atrás do vidro e a coisa no saco. Sua essência — *to ti estí* [“Aquilo que é”, em grego. (N. do T.)] — é a mesma. Toda vida é bela; tudo é monstruoso. E Lilly com seus olhos como um lago de montanha, sempre puros, com os lábios levemente entreabertos.

— Você é a primeira garota que eu beijo na vida — eu disse naquela noite.

— Você está mentindo, William Henry — disse ela. — Você beija bem demais para ser verdade que é a primeira vez.

— A mentira é o pior tipo de tolice — citei Warthrop. — Não é costume aparecerem garotas no laboratório de um monstrologista.

— Não garotas vivas, pelo menos...

Eu ri.

— Sou melhor que Samuel?

— Eu me recuso a responder. — Sua respiração aqueceu o meu rosto.

— Por causa dele ou por sua causa?

Ela se levantou tão repentinamente que eu me encolhi. Warthrop estava de pé, junto à porta.

— Will Henry — disse ele calmamente. — Onde está o revólver?

— Comigo — respondeu Lilly, agarrando-o bem com as duas mãos.

— Coloque-o no chão à sua frente, bem devagar, e caminhe para longe dele.

Eu me levantei, continuando a segurar o saco com uma das mãos enquanto colocava a outra no bolso. Warthrop balançou a cabeça. Entrou na sala, seguido de perto por um homem de chapéu-coco com a aba abaixada sobre o rosto repleto de escaras e crateras, devastado pela varíola. Ele fez um gesto para mim com a mão livre, a mão que não

estava segurando uma arma contra a cabeça do doutor.

— Passe isso para cá, rapaz — disse ele, com um forte sotaque irlandês.

— Faça o que ele diz, Will Henry! — ordenou Warthrop em tom severo. — Deixe que o homem o pegue.

Ele veio pegar o saco da minha mão. Atrás de mim, Lilly sibilava entre dentes. Os olhos de Warthrop queimavam de fúria.

— Muito obrigado! — disse o homem, recuando para o corredor. — Agora, um problema para vocês resolverem...

Ele disparou uma vez, atingindo o doutor na perna, antes de sair correndo. Eu girei na direção de Lilly, que já tinha pegado o revólver; ela o passou para mim, e eu saltei por cima de Warthrop, que se contorcia no chão; não dei ouvidos aos gritos dele para que eu ficasse parado. Disparei quando o homem de chapéu-coco virava o canto em direção ao escritório do curador. A bala arrancou um fragmento da parede do Monstrumarium. Cheguei ao pé da escada; uma bala passou zunindo pela minha orelha e foi se alojar num caixote. Então escutei o barulho forte da porta de cima batendo ao se fechar e subi correndo para o primeiro andar pelas escadas em curva, descí para o salão rumo à saída, a porta estava quase se fechando e vi de relance o marrom do saco de aniagem, em seguida passei pela porta; já na rua, vi o homem pulando para um cavalo atrás de outro homem também de chapéu-coco, atirei novamente quando o cavalo partia, os cascos retinindo no granito abaixo das luzes enevoadas do arco e dos galhos nus das árvores riscadas contra o céu de inverno.

TRÊS

Corri de volta para o Monstrumarium. Olhando em retrospectiva, usei cada segundo, fazendo tudo o mais rápido possível.

Ele estava sentado, apoiando-se no mesmo caixote que me servira de apoio. Lilly fazia um torniquete acima da ferida na barriga da perna dele com o laço de cor púrpura de seu cabelo. O rosto de Warthrop, brilhando de suor, se tornou sombrio assim que passei pela porta.

— Então? — berrou ele. — Onde é que ele está?

— Foi embora — disse eu, ofegante.

Por um momento irracional, temi que ele fosse erguer o revólver, apontá-lo para a minha cabeça e puxar o gatilho. Dava para ver essa ideia rondando a sua mente como um raio a se mover na atmosfera. Em vez disso, ele se inclinou sobre os próprios pés.

— O quê? — perguntei, dando um passo atrás por reflexo. — O senhor me disse para entregá-lo a ele...

— Não — replicou ele, com a voz apertada como o nó de uma sucuri. — Eu lhe disse que *o deixasse pegá-lo*, o que é uma coisa completamente distinta... na verdade, o *oposto*.

Ele estava pálido como um morto, balançando sobre os próprios pés. Lilly se aproximou para se oferecer como muleta, mas ele a afastou com um gesto.

— Isto é uma calamidade da classe mais elevada, e você é a Pandora da nossa época, sr. Henry.

— Bom, ele *estava apontando* um revólver para a sua cabeça — consegui dizer. — O que queria que eu fizesse?

— Que lhe permitisse estourar o meu cérebro antes de entregar a *T. cerrejonensis*! — explodiu ele, espantado com a minha estupidez. — A minha vida não vale nada...

Assenti com a cabeça. Eu concordava plenamente. Mesmo assim, sugeri que fôssemos para o Bellevue Hospital o mais rápido possível.

— Para quê? — perguntou ele, pálido, com o corpo oscilando. Seu sapato estava manchado com seu próprio sangue.

— Para tentar retirar a bala da sua perna...

— Não. Preciso falar com Von Helrung imediatamente, e você vá procurar os outros. Não temos tempo a perder.

Ele cambaleou na minha direção — ou, melhor, em direção à saída, que eu bloqueava. Não me mexi. Ele parou. Nessa época era uns três centímetros mais alto que eu, e seus olhos escuros me fitaram com rudeza, mas não me mexi.

— Saia da frente — ordenou ele.

— Não vou sair — respondi.

— Saia ou atiro em você. Juro por Deus que atiro.

— Então atire, por Deus, mas tenha certeza de que a bala me atinja, dr. Warthrop.

— Você não é uma caça tão boa assim — disse Lilly, tentando dissipar a tensão... ou talvez para evitar que eu levasse um tiro. — Eu vou levá-lo para o hospital, dr. Warthrop. Will e o tio Abram podem ir procurar os outros... e prestar queixa na polícia, claro.

Então Warthrop e eu dissemos simultaneamente:

— Não! Nada de polícia!

O monstrologista cedeu à sugestão de Lilly, aceitando a oferta — e o braço — dela para ajudá-lo nas escadas.

— Você falhou comigo — ele me disse. — De novo!

Eu devia ter respondido que minha “falha” era resultado da continuidade de minha desagradável existência, mas segurei a língua — como fazia com tanta frequência. Réplicas desse tipo só serviam para conduzir a uma escalada de contrarréplicas e contracontrarréplicas *ad nauseam*, e ultimamente eu havia me dado conta de como as nossas discussões tinham se tornado embaraçosamente iguais às de um casal junto há muito tempo. Também me ocorreu que a continuidade de minha desagradável existência poderia ser mesmo a falha a que ele se referia.

Pellinore Warthrop sempre fora um pouco apaixonado pela morte.

QUATRO

Plop. *Tac!* Plop. *Tac!*

No porão da Harrington Lane.

Plop. *Tac!* Plop. *Tac!*

O movimento é fluido e rápido, a agilidade da mão treinada apanhando com firmeza, com o polegar e o indicador, a cauda fina e sem pelos, erguendo o roedor da gaiola, soltando-o na mesa de madeira, o brilho cintilante do martelo ao subir e o *tac!* surdo do golpe mortal na cabeça do rato.

Plop. *Tac!* Plop. *Tac!*

E as minúsculas mandíbulas arranhando o ar vazio, a boca que se mexe sem som, o toque de seda do pelo cinza à luz opaca.

— Os primeiros dias de vida dependem de saber cavoucar — explica ele. — Até ele se tornar grande e rápido o suficiente para caçar presas vivas.

Plop. *Tac!* Com a rapidez bastante para matar instantaneamente, mas não com tanta força que faça sangrar. Uma martelada delicada, um estraçalhamento suave. E uma fila de corpos mortos, cadáveres roliços, cabeças esmagadas.

Ele eclodiria antes do amanhecer e, como qualquer boa mãe, o monstrologista sabia que o recém-nascido estaria com fome.

— Com a dieta apropriada, poderemos contar com um crescimento exponencial — ele prossegue. — Trinta centímetros por semana... Ele estará mais comprido que a sua altura quando chegar a hora de eu apresentá-lo à Sociedade.

— E que tamanho alcançará na maturidade plena?

Os olhos dele brilham, refletindo a luz da luminária — e a exultação monstrológica.

— Bom, essa é uma das grandes questões ainda sem resposta da biologia aberrante. O maior espécime encontrado media treze metros e pesava perto de duas toneladas, e calculou-se que tinha apenas um ano de idade. Há quem argumente com toda a seriedade que *não existe* limite máximo para o crescimento da *T. cerrejonensis*. Ela continua a

crescer durante a vida inteira, e assim, se não houver predador nem constrição causada pelo *habitat* ou por falta de alimento, pode deixar para trás qualquer coisa viva na Terra, inclusive a baleia-azul.

— Predador? Quem poderia preda uma coisa desse tamanho?

Ele revirou os olhos.

— O *Homo sapiens*. Nós.

Plop. *Tac!* Como se estivesse apagando uma vela com os dedos.

— Então, se não houver controle, a nossa cria poderá crescer o suficiente até devorar o próprio planeta?

Ele deu uma risadinha.

— Pode acontecer... com quem a devorar, conosco ou com ela ou com qualquer outra espécie, é o que eu quero dizer. Que *alguma coisa* irá devorá-la algum dia, não tenho dúvida disso. A esta altura, já deve ter ocorrido a você que a vida é uma proposta que pode anular a si própria.

Plop. *Tac!*

E o monstrologista, com as mãos ágeis e firmes, aquecido pelo brilho do sol artificial, cita um de seus livros favoritos:

— “Pois que isto fizeste, estás condenada, mais que qualquer besta dos campos; sobre a barriga rastejarás e o pó comerás por todos os dias da tua vida”.

Ele ri.

— Isso sem mencionar a nossa cota de ratos e homens!

CINCO

E a crosta se rompeu, um líquido espesso e amarelado fluiu para fora pela rachadura, então a boca vermelho-rubi e a cabeça redonda e preta do tamanho das minhas juntas emergiu, com dentes da cor branca de um osso polido: a vida, inexorável e que podia anular a si própria, o fim contido no começo, e a dor pungente de terra recém-escavada e o olho cor de âmbar a piscar.

Ao meu lado, o monstrologista soltou a respiração longamente contida.

— Contemplai: a terrível graça divina, de onde toda a sabedoria procede!

SEIS

Contemplai a terrível graça divina.

Os carneiros no velho galpão baliavam queixosamente, com os olhos negros ofuscados a piscar na luz fraca do inverno. Não era a fome que causava seus gritos; eles eram bem-alimentados, estavam perfeitamente roliços; a cabeça de cada um parecia pequena para o corpo gordo. Eles não estavam com fome; estavam assustados. Eu era um estranho. Um intruso. As narinas deles se contraíam, ofendidas pelo meu cheiro estranho. Eu não era o homem magro de ombros encurvados e de guarda-pó branco encardido que trazia o feno fresco, a aveia e a água. Aquele que limpava a manjedoura e arranjava a palha quente. Aquele que tomava conta deles, protegia-os, alimentava-os tanto que seus corpos ficavam inchados e doloridos.

Peguei a pá no gancho e saí.

O chão era duro; minhas mãos eram macias. Eu não estava acostumado ao trabalho físico. Meus ombros doíam; as palmas das mãos ardiam. Meus pés e meu coração se entorpeciam.

Que graça terrível orientou você, Warthrop? Beatrice era um carneiro como aqueles no galpão? Ou teria enxergado demais? A misericórdia dos monstrologistas é tão fria como a de Deus... Você a matou para poupar a ela um fim mais indescritível?

O vento seco remoinhava nas cinzas, uma veneziana solta bateu no tapume descascado, eu ainda tinha duas latas de querosene, uma pilha de tábuas e pregos, e a coisa podia ser feita: vedar as portas com tábuas, com ele trancado lá dentro; a casa velha e podre seria engolfada em minutos.

Corra, Willy, corra!, minha mãe gritava do fogo.

Não há espaço para pena nem para piedade nem para nenhum sentimentalismo humano, pois a justiça não é sentimental. A justiça é tão fria e imutável como o gelo da Judecca.

Diga-me, Pai; diga-me o que você viu.

Canto III

UM

Abram von Helrung aspirou profundamente o charuto, com as pernas grossas bem abertas e as mãos rechonchudas nas costas, enquanto olhava pela janela da mansão de pedra marrom da Quinta Avenida para o primeiro raio de sol daquele dia. A luz recortava longas sombras na paisagem sulcada de seu rosto. Seus olhos, normalmente tão brilhantes como os de um pássaro, tinham o azul-lavado de um céu de inverno.

— Calamidade — murmurava ele. — Calamidade!

— Calamidade implica desastre não previsto. — Hiram Walker puxou a fumaça de seu cachimbo, no sofá atrás dele. — Eu bem que falei desde o início que manter a *T. cerrejonensis* no Monstrumarium era...

— Walker — disse o monstrologista rangendo os dentes. Ele estava em pé junto à lareira, o estudo para um quadro sobre a fúria mal contida. — Cale essa boca.

O inglês fungou ruidosamente. Ao lado dele, Samuel, a mediocridade, estava olhando para mim. Todo o lado esquerdo de seu rosto estava inchado. Talvez eu tivesse quebrado o queixo dele; esperava que sim. Há pessoas pelas quais não conseguimos evitar sentir aversão à primeira vista. Creio que o teria detestado mesmo se ele não tivesse se recusado a ceder a vez no baile.

— Apontar o dedo para os outros não vai ajudar a resolver nada a esta altura — disse o dr. Pelt. Ele tinha aninhado sua figura esquelética numa poltrona e sorvia café de uma xícara que parecia de brinquedo em sua mão grande. Gotas marrons brilhavam em seu enorme bigode.

— É verdade — concordou Sir Hiram. — Vamos distribuir as culpas só depois de terminar o caso.

— Culpas? O que você quer dizer? — questionou Warthrop. — Eu não fiz nada de errado.

— Você trouxe a coisa para cá. Você decidiu guardá-la no Monstrumarium. É o seu “troféu”, não é?

O rosto de Warthrop perdeu a cor. Os doutores que o haviam tratado no Bellevue tinham-no avisado de que devia evitar atividades que

exigissem muito — na verdade, eles tinham recomendado descanso na cama urgentemente —, ou ele poderia ter golpeado a cabeça do homem com o busto de Darwin ao lado de seu cotovelo.

— Hiram — disse ele, subindo o tom de voz —, você é um homem sem coluna vertebral, duas caras, uma esponja mutante humana, com a acuidade mental de um marisco, mas eu lhe perdoo por isso. Ninguém pode escolher a própria mãe, afinal de contas.

Os olhos de Walker, que pareciam duas contas de colar, se arregalaram, parecendo contas ainda maiores, e sua boca se mexeu sem som, deixando ver a fileira superior de dentes amarelados e desiguais. Ao meu lado, Lilly tentou segurar uma risada. Eu não contive a minha.

— Zombe de mim enquanto pode, Warthrop. Vamos ver até onde o seu riso vai mantê-lo distante do sanatório da ilha de Blackwell.

— A culpa foi sua, Von Helrung — disse o monstrologista, virando-se para o idoso austríaco.

— Minha? Que culpa tive eu?

— Você o convidou.

— Ah, pensei que você quisesse dizer...

— O homem é tão inútil quanto... — Warthrop ficou procurando a metáfora mais adequada.

Pelt arriscou uma sugestão:

— Tetas num touro.

— Cavalheiros, cavalheiros — admoestou Von Helrung com gentileza. — Nós não nos reunimos aqui para discutir as tetas do dr. Walker.

Os ombros de Lilly se sacudiram com força. Ela estava tendo dificuldade para se controlar. Dei um tapinha tranquilizador na mão dela.

— O que está feito está feito — disse o monstrologista argentino sentado ao lado de Pelt, cujo nome (Santiago Luis Moreno Acosta-Rojas) parecia mais comprido que a altura do homem. Ele era, segundo Warthrop, um argumentador de pouca sensibilidade e teimoso incurável, mas mesmo o doutor reconhecia a competência de Acosta-Rojas em tudo o que dizia respeito à *T. cerrejonensis*. — Apontar o dedo, distribuir as culpas, tudo isso são tetas autênticas no nosso touro hipotético. Nada disso trará de volta o que foi perdido. E nós precisamos trazê-lo de volta, e rapidamente! Estamos à beira do abismo de duas possibilidades distintas e igualmente perturbadoras: o fracasso desses patifes em

guardar a criatura em segurança... ou o fracasso deles! Se ela escapa, muitos morrerão. Se não, muitos serão atingidos pelo seu veneno potente.

— Você está deixando a pior possibilidade de fora — disse Warthrop. — A de que alguém a mate.

— Bom, nós sabemos *por que* eles a pegaram — contrapôs Pelt. — A questão é saber *quem é* “eles”. Ou melhor, *quem são*.

— Elementos do submundo do crime — fungou Walker, como se a resposta fosse óbvia. — Eu diria que se trata dos Coelhos Mortos, baseado no sotaque irlandês que Warthrop descreveu.

— Ach! — bufou Von Helrung. — Os Coelhos não apareceram mais desde os anos setenta.

— Os Esquilos — era a hipótese de Pelt. — É neles que aposto. Pellinore?

O monstrologista se enrijeceu; seu rosto escureceu como se Pelt o tivesse insultado.

— Eu nunca aposto. Pode haver uma quadrilha envolvida... ou duas, dado que um dos ladrões foi atingido na nuca por outro. No entanto, prevalece o fato de que com vinte dólares e dez minutos em Five Points eu seria capaz de encontrar uma dúzia de escroques ávidos para agir sem nenhuma conexão com o crime organizado. — Ele não estava olhando para mim, pois fitava pensativamente os olhos brancos de Darwin, passando o dedo para cima e para baixo no rosto de mármore de seu herói. — A questão principal não é *por quê* ou *quem*, mas como. Como esses moleques mal-educados souberam do tesouro escondido no *sanctum sanctorum* da Sala Trancada?

A pergunta dele ficou suspensa, pesando no ar. Von Helrung compreendeu imediatamente, e o barril de seu peito se expandiu, alargando as casas dos botões de sua roupa. Ele franziu os lábios grossos e segurou a língua enquanto Warthrop prosseguia:

— O dr. Von Helrung me corrigirá se minha conta estiver errada, mas em meu conhecimento apenas seis homens sabiam de minha apresentação especial no colóquio deste ano. Um deles está morto. Os restantes se encontram nesta sala.

Acosta-Rojas se ergueu como um rojão; sua cadeira estalou no chão:

— Estou profundamente ofendido por ter aventado hipótese semelhante.

— O que é mais ofensivo? — Warthrop disparou de volta. — A traição de uma confiança sagrada ou a mera hipótese de que ela tenha ocorrido?

— Ora, ora, não vamos pular para as conclusões, *mein Freund* — protestou von Helrung, balançando as mãos gorduchas à sua frente. — Somos homens honrados, todos cientistas, não especuladores.

— Para mim não é surpresa — informou Walker com suavidade. — Contemplar o pior da natureza perverteu a percepção que ele tem dos homens.

— Ora, poupe-nos de suas banalidades, Walker! — exclamou o doutor. — Somos estudiosos do *melhor* que a natureza tem a oferecer, mas isso não vem ao caso. A razão não é boa nem má; por que você pensa que tão poucas pessoas são racionais? Penso que podemos descartar com segurança a ideia de que o traidor tenha sido Adolphus. Ele não tinha motivos. Durante sessenta anos, ele teve acesso a grandes e pequenos tesouros e nem uma única vez tentou se aproveitar disso.

— Para mim, o suspeito mais provável é óbvio — afirmou Pelt.

— O tal de Maeterlinck... ou o tal cliente misterioso que fez a encomenda a ele. Ninguém poderia ter ficado muito feliz com o resultado que a oferta dele conseguiu. Não deve ter sido muito difícil seguir você aqui em Nova York e garantir a localização da *T. cerrejonensis*.

— Impossível. Maeterlinck está em Londres — falei em voz alta.

— E como você sabe onde ele está? — perguntou Acosta-Rojas, apertando os olhos.

— Ele não tinha outro lugar para ir — respondi cautelosamente.

— Que estranho! — observou Walker. — Esse aprendiz de Warthrop sabe do paradeiro do misterioso sr. Maeterlinck. Que outra informação do serviço de inteligência ele tem?

— Walker, eu não sei o que acho mais ofensivo — grunhiu Warthrop. — A insinuação de que o sr. Henry é um traidor ou a incongruência de escutar a palavra “inteligência” saindo dos seus lábios.

— Já basta! — gritou Von Helrung batendo no peito, consternado. — Essas querelas, esses insultos infantis... isso não leva a nada. Aqui somos todos amigos, ou pelo menos colegas, e pelo menos eu quero ser coerente com minha reputação (com minha vida inteira, na verdade) diante da honra dos homens reunidos nesta sala. Com todo o respeito

devido, Pellinore, *não* se trata de por quê nem quem nem como, mas *onde* isso pode dizer respeito a nós. O resto pode esperar até que tenhamos recuperado o que perdemos.

— O melhor que temos a fazer é sair daqui e ir atrás dela, e rapidamente — advertiu Pelt. — Os laráprios já podem estar a meio caminho de Roanoke a esta hora.

— Roanoke? — indagou Warthrop.

— É só uma expressão.

— Que estranho, nunca ouvi essa — disse Acosta-Rojas.

— Bom, você é da Argentina; é por isso.

— Eu também achei estranho — disse Walker, suspeito. — Por que Roanoke, entre todos os lugares do mundo?

— Só peguei uma cidade ao acaso — exclamou Pelt. — O que tem isso?

— As expressões não saem ao acaso — disse Acosta-Rojas. — De outro modo, não seriam expressões.

Até Warthrop estava farto daquilo. Ele percebeu, creio, a improdutividade de apontar o dedo para alguém naquela hora crucial.

— Von Helrung, suponho que não tenhamos como evitar isso — disse ele bruscamente, virando-se para seu velho mestre. — Algumas perguntas indiscretas podem ser feitas na chefatura de Nova York.

Meister Abram assentiu, com o rosto grave, enquanto rolava com o lábio inferior a ponta do charuto acabado de fumar:

— Eu conheço o homem; discreto, mas não abertamente inquiridor. Foi promovido a detetive recentemente.

Warthrop deu uma risada que parecia um latido:

— Claro que foi!

— Um momento. — Acosta-Rojas parecia atemorizado. — Vocês planejam levar o assunto para a *polícia*?

O monstrologista o ignorou. E disse a Von Helrung:

— Uma investigação por assassinato seria... um incômodo.

— Seria, *mein Freund*, se eu fosse idiota o suficiente para denunciá-lo!

DOIS

O monstrologista e eu retornamos ao Plaza para trocar nossos trajes de noite enquanto Von Helrung saía para a delegacia, rebocando Lilly; ia deixá-la na casa dele, no Riverside, antes de rumar para o centro da cidade. Embora não tivesse quase dormido nas últimas vinte e quatro horas, Lilly estava com energia de sobra; a resistência dela rivalizava com a de Warthrop naquele momento em que a caçada começava.

— Agora vamos mandar esta garotinha para a cama com um tapinha e um beijinho! — ela miou para mim à porta. O vestido dela estava manchado pela imundície do Monstrumarium, o penteado murcho, os anéis do cabelo fazendo curvas exaustas e negras como um corvo. Dei um tapinha no ombro dela e beijei-a na bochecha. Ela não percebeu o humor na minha resposta, e replicou com um pisão forte do salto do sapato no meu pé.

— Você tinha muito mais charme quando não tinha nenhum — observou ela.

— Vá descansar, Lilly — disse eu. — Vou dar uma passada lá assim que puder.

Ela virou o rosto para cima, para mim, e disse:

— Por quê?

Se eu tivesse uma resposta pronta — coisa que não tinha —, não seria capaz de dá-la: Samuel apareceu nesse instante, ainda garboso em seu *smoking*, apesar do queixo horivelmente inchado.

— Você ainda me deve uma dança, srta. Bates. Eu não esqueci — disse ele, arrastando levemente as palavras. Então ergueu a mão dela até os seus lábios, depois se virou para mim. A boca dele, machucada, se sacudiu na paródia obscena de um sorriso.

— Acho que não fomos apresentados devidamente, meu velho. — Ele parecia incapaz de abrir a boca em mais de um centímetro. — Meu sobrenome é Isaacson.

Nem vi o soco. Ele mexeu os quadris, preparando-se claramente para o golpe; talvez tivesse tomado umas aulas de boxe. O vestibulo da casa de Von Helrung girou em volta de mim; caí no tapete persa, apertando o

estômago com as mãos. O mundo tinha sido esvaziado de todo o oxigênio. Ele se agigantou diante de mim, preto e branco, com cabeça de abóbora.

— O cão de caça de Warthrop. — Ele riu para cima de mim. — O assassino pessoal dele. Já ouvi falar em você e em Áden (os russos da Tour du Silence), e nos ingleses nas montanhas de Socotra. Quantos outros você matou a mando dele?

— Só um, mais ou menos — disse, engolindo em seco. — Mas não foi a *mando dele*.

É extremamente difícil rir com vontade sem abrir a boca, mas Isaacson conseguiu, não sei como.

— Espero que goste da Lata de Lixo dos Monstros, Henry. Você vai ser um item em exibição algum dia.

Ele ergueu a perna e deu um passo por cima de mim, delicadamente, e saiu para chamar um táxi. Lilly me ajudou a levantar-me; eu não saberia dizer se ela estava a ponto de rir ou de chorar. Ela lutava claramente contra alguma coisa.

— Ainda acha que ele é uma mediocridade? — perguntou ela.

— Não foi como o otário me socou — informei-lhe —, mas como eu caí.

— Ah, você caiu maravilhosamente — disse rindo. — Foi a entrada em colapso mais impressionante que eu já vi.

Não sei por quê, talvez fosse a risada dela, o tilintar agradável da gorjeta de moedas atiradas numa bandeja de prata, mas então a beijei, ainda com falta de ar, num prazer misturado com sufocamento.

— Estou um pouco perturbada, sr. Henry — disse, respirando na minha orelha —, por essa associação curiosa que você faz entre violência e afeto.

Fiquei agradecido, de certa forma, por não ter respiração suficiente para dar a resposta.

TRÊS

— É Walker — eu disse a Warthrop, a caminho do Plaza.

— A escolha óbvia — reconheceu ele. — O gosto do homem pelas melhores coisas excede sua capacidade de consegui-las... uma das razões por que sempre me perguntei por que ele terá escolhido esta profissão. A monstrologia não é o caminho mais curto para a riqueza.

— A menos que a pessoa caia em cima de uma espécie cujo veneno seja mais valioso que os diamantes.

Ele assentiu sem muita ênfase e grunhiu.

— Não podemos contar com Acosta-Rojas. Ninguém caçou com tanto empenho uma *T. cerrejonensis* viva.

— Precisamente o motivo pelo qual devíamos contar com ele. Acosta-Rojas não teria nenhuma razão nem necessidade de mandar uma para o senhor.

— Bom, pode ser um deles ou nenhum — disse ele, ficando mais irritando. — Von Helrung é famoso por não ter freio na língua. E eu tenho receio de que ele possa não lembrar a quem fez a inconfidência ou até se chegou mesmo a fazê-la. — Ele suspirou. — Quadrilhas irlandesas! Mas é igualmente idiota presumir que Maeterlinck ou seu cliente, se é que existe algum, seja o responsável.

Batucou nos joelhos com os dedos enquanto olhava pela janela. A carruagem se desviava do automóvel; a bicicleta e o pedestre se esquivavam de ambos. O sol matinal começava a brilhar nos edifícios ao longo da Quinta Avenida, polindo o granito da pavimentação com um dourado bruxuleante.

— Por que você foi até lá? — perguntou ele, de repente. — Por que você e Lilly Bates apareceram no Monstrumarium?

Meu rosto se avermelhou.

— Eu queria dar um alô para Adolphus. — Depois suspirei. De que adiantava...? — Foi para mostrar a *T. cerrejonensis* a ela.

— Para mostrar a ela...? — Ele claramente não acreditava em mim.

— Ela tem uma certa... fascinação por essas coisas.

— E você? O que fascina você?

Eu sabia aonde ele queria chegar.

— Pensei que tivéssemos esgotado esse assunto no baile.

— No exato momento em que você resolveu quebrar a cara do parceiro de dança dela. — Por algum motivo, ele achou divertida a minha desculpa. — De qualquer modo, o assunto, como o compreendo, é praticamente inesgotável.

— O *senhor* o esgotou — fiz questão de lembrar a ele.

— Depois que ele me levou até o Danúbio.

Eu poderia ainda ter lembrado a ele que não foi o amor que o arremessou por cima daquela ponte em Viena... pelo menos não o amor por outra pessoa. O desespero é uma resposta inteiramente individual às ciladas do destino.

— Bom, era uma entrada propícia no terreno da monstrologia — observou Warthrop secamente. — Numa fenda do tempo, e no entanto tão tarde... Não como o meu amigo ao me tirar da água antes que a correnteza me levasse...

— “É melhor ter amado e perdido...”

Ele retomou a verve:

— Agora é você que vai citar poesia para mim? — perguntou ele, o poeta fracassado. — Qual é o propósito disso... Zombar de mim? Quem é mais patético, Will Henry, o homem que amou e perdeu o seu amor ou o ser amado, que nunca se permitiu amar de forma alguma?

Virei as costas, apertando os punhos espasmodicamente no peito.

— Vá para o inferno — resmunguei.

— Você pode se consolar dizendo que é melhor amar e perder no fim, mas não esqueça que até o mais casto dos beijos carrega um risco inaceitável para quem você ama. Ninguém sabe como o *Biminus arawakus* é transmitido de hospedeiro para hospedeiro. A sua paixão leva consigo as sementes da danação, não da salvação.

— Não venha me fazer um sermão sobre a danação! — gritei. — Eu conheço a cara da danação melhor do que qualquer um... e com certeza melhor do que você!

Então ele citou o *Satíricon*, para levantar o meu ânimo... e, penso, também para zombar de mim:

— “E então entra a Sibila: Com meus olhos eu a vi, em Cuma, erguendo uma jarra, e, quando os meninos lhe perguntavam: ‘Sibila, Sibila, o que você quer fazer?’, ela respondia: ‘Eu quero morrer’”.

O menino de chapeuzinho e o homem de guarda-pó encardido e a coisa no vidro.

Arranha, arranha.

Continuei de rosto virado para o outro lado, mas ele tinha voltado a falar comigo com sinceridade, perto o bastante para eu sentir sua respiração acima do meu pescoço.

— Ignore todos os outros conselhos que eu lhe dou, Will, mas grave isto nas veredas do seu coração: você *não pode* escolher por quem se apaixona, mas pode escolher se vai deixar o seu amor ir embora, em benefício do amor. *Deixar partir*. Decida nunca mais ver essa garota, essa ou qualquer outra, pois os deuses não são sábios, e a própria natureza detesta a perfeição.

Ri com amargura.

— Quando era menino, eu confundia esses seus pronunciamentos opacos com profundezas impenetráveis. Agora estou começando a pensar que o senhor simplesmente só tem merda aí dentro.

Fiquei tenso, preparando-me para a explosão. Que não veio. Em vez disso, o monstrologista riu.

De volta à nossa base, o doutor lavou o sangue seco da roupa e a brita do Monstrumarium, trocou de roupa e mandou vir um café da manhã reforçado, que ele não tocou mas deixou para o prodigioso apetite de seu companheiro adolescente: eu estava faminto.

— Sugiro que você durma um pouco, se conseguir — ele me avisou. — Você tem uma longa noite pela frente.

— O senhor também deve descansar — disse eu, recaindo no velho costume de ser sua memória auxiliar. — A sua ferida...

— Os ferimentos de bala estão perfeitamente limpos — respondeu ele, descuidadamente. — E não perdi muito sangue, graças aos cuidados de sua paixão.

— Ela não é minha “paixão”.

— Bom, o que quer que seja.

— Ela é um pé no saco...

— Isso você já disse mais de uma vez. E o que são esses expletivos chulos agora? O baixo calão é a bengala da mente sem imaginação.

— Eu gosto de falar assim — repliquei. — Um dia vou reunir todos os seus ensinamentos piedosos num volume para consumo das massas: *A sagacidade e a sabedoria do dr. Pellinore Warthrop, cientista, poeta,*

filósofo.

Os olhos dele se acenderam. Ele pensou que eu estivesse falando a sério. Talvez já tivesse esquecido meu comentário de merda no táxi.

Mas:

— Isso seria extraordinário! O senhor me lisonjeia, sr. Henry.

Ele saiu depois de ter se recusado a dizer aonde ia. Quanto menos eu soubesse melhor, falou, enigmaticamente. Ele tendia para o enigmático na maior parte de suas explicações, eu não pensava muito nisso na época. Eu estava consumido pelo exagero do café da manhã, muito cansado e começando a pensar no trabalho pavoroso que iria começar. Olhando em retrospecto, deveria ter percebido que a mania de segredo dele não prenunciava coisa boa; nunca renunciou.

QUATRO

E a Sibila respondeu: “Eu quero morrer”.

A coisa em suspensão na jarra *arranha, arranha*.

Suave como a asa de uma mosca adejando no vácuo.

E nós, as palhas descascadas, uma chocalhando dentro da carapaça cinza da velha casa e a outra chocalhando dentro da carapaça de sua própria pele.

Caí exausto enquanto o dia se desdobrava na noite, com minhas mãos cantando de dor, escalavradas de tanto escavar; eu não estava acostumado ao trabalho manual.

Você tem de ser duro... Precisa se acostumar com essas coisas.

Era impossível determinar como a mulher chamada Beatrice tinha morrido. Não havia nenhum resto de tecido mole, e não se viam lesões no que sobrara dos ossos, a não ser as marcas do serrote com que ele desmembrara o corpo. Ele podia tê-la matado, mas, se o tivesse feito, então o Warthrop que eu conhecia desde a infância não existia mais. Aquele Warthrop era cruel quando devia ser gentil e gentil quando se requeria crueldade.

— É culpa minha — cochichei para os ossos embaixo dos meus pés.
— Quando o deixei, eu devia saber que ele iria despencar para fora da beirada deste mundo maldito.

O dia estava desaparecendo, mas eu permanecia ali fora. Resisti ao instinto de voltar correndo para dentro e confrontá-lo. Ele era um estranho para mim, o homem que havia sido minha única companhia durante quase vinte anos, o homem cujo estado de espírito eu era capaz de ler como um antigo místico decodificando as entranhas sangrentas do cordeiro sacrificial. Honestamente, não sei como ele poderia reagir.

Apertei o meu casaco contra o peito. As cinzas dançavam no cinza do ar. Uma ideia esvoaçou através da paisagem violada:

Seria melhor se ele morresse.

O choramingo subiu do fundo do meu peito, e lembrei-me dos carneiros de cara branca e olhos negros balindo na obscuridade.

CINCO

A Riverside Drive ao crepúsculo: os apitos fúnebres dos rebocadores e as bonitas fachadas fronteiras à água escura, lares robustos de homens sombrios engajados em trabalhos sérios. Associações cívicas, igrejas, casacas: a atividade política de pessoas respeitáveis. Cristais finos e roupa de cama de primeira. Seda da China, chá da Índia, boas maneiras da Inglaterra. E as lâmpadas que espantam as sombras mas não iluminam nada, e os vestidos longos que varrem pisos sem poeira, e as vozes delicadas que vêm da outra sala: *Ça ne veut dire rien. Je ri'y peux rien*. [“Isso não quer dizer nada. Não posso nada contra isso”, em francês. (N. T.)]. Eu tinha um cartão?, o mordomo queria saber.

Não, não, só diga à srta. Bates que o homem de nove dedos está aqui.

E então, talvez porque tivesse escutado a minha voz, a mulher elegante deslizou até o vestíbulo, a mulher cuja voz angelical tinha me acalentado ao dormir com palavras que eu não compreendia, as mesmas que ela havia dito na última vez que nos encontráramos: *Não foi por nenhuma coincidência ou acidente de circunstância que você veio até mim... Foi pela vontade de Deus*.

— William? — Ela pôs a mão diante da boca. — William!

Ela deixou de lado qualquer pretensão de formalidade, a cola que mantinha unido o seu pequeno universo burguês, e me apertou contra o peito com a força dos abraços maternos. Então, espalmou as mãos nas bochechas enquanto seus olhos buscavam os meus, que já tinham visto muito mas não o suficiente.

— Como você cresceu! — exclamou. — Lilly não contou como você está *alto*!

— Como vai, sra. Bates?

Ela descia correndo para a sala, pronta a afugentar os gritos de pesadelo do seu queridinho, pegava-o nos braços, passando as mãos no cabelo dele e apertando os lábios dela em sua cabeça, e sua voz, ao cantar para ele, soava como algo que ele nunca tinha ouvido, e, às vezes, imerso na confusão e na tristeza, ele esquecia e a chamava de

Mãe. Ela nunca o corrigiu.

Ela me deu o braço e me levou para a sala de estar, onde eu esperava encontrar seu marido na poltrona de leitura, com o nariz patricio enterrado nos jornais da tarde. Mas a sala estava vazia — e intocada nesses três anos desde que eu partira. Ali, por algum tempo, eu havia sido um menino comum participando de brincadeiras de salão, escutando música e lendo livros que não tinham uma única referência a monstros. Não havia monstros nessa época, a não ser o que se escondia um décimo de milésimo de centímetro fora do meu campo de visão.

Eu tinha comido? Não queria alguma coisa para beber? E a mulher sentada na beira da poltrona, com os joelhos recatadamente apertados um contra o outro, inclinada para a frente, com o fulgor dos olhos de uma Von Helrung iluminando até o recanto onde as trevas mais se juntavam. Ela me abraçava e cantava para mim, e eu não sentia nada, nada, nada mesmo, e ficava zangado comigo mesmo por causa disso.

— Lilly está? — perguntei, depois de um silêncio embaraçoso, Ela foi buscar Lilly e fiquei sozinho, a não ser pelos retratos junto à lareira que sorriam para mim atrás dos vidros: Lilly e o irmão, e o impassível sr. Bates com a mulher que valia muito mais que ele. Baixei os olhos com um pouco de vergonha.

— Ora, ora, você é a última pessoa que eu esperava encontrar — disse Lilly ao me ver. Sua mãe estava alguns passos atrás dela, sem saber direito onde se colocar.

— Talvez eu deva deixar vocês dois sozinhos — murmurou a sra. Bates, tímida de repente.

— Deve, sim — disse Lilly, curto e grosso. E deslizou para a sala. Seu rosto estava sem maquiagem e eu vi um eco dela nesse instante, um eco da Lilly que descera aos saltos a escada da casa de seu tio-avô com as palavras *eu sei quem* você é.

— Por que isso? — perguntei. — Eu disse que viria até aqui.

— Pensei que você tivesse uma tarefa *científica* importante esta noite.

— E tenho — repliquei. — Mais tarde.

— E veio me convidar?

— Não quero você implicada nisso, Lilly.

— O que significa que você vai ser pego. Você acha que vai ser pego?

Ri como se ela tivesse dito uma piada e mudei de assunto.

— A verdade é que eu me esqueci de perguntar uma coisa ontem à noite.

— Bom, você estava bêbado e foi atacado e ameaçado com um revólver. Acho que posso perdoá-lo.

— Eu não estava bêbado.

— Você estava alegrinho, então.

— Mais ou menos alegrinho. — Eu a corriji, e consegui ganhar uma risada dela com isso. — Por que você voltou?

Ela compreendeu no ato.

— Eu sei a resposta que você gostaria de ouvir — e fez uma pausa. — Estive fora durante mais de dois anos — disse ela, finalmente. — Estava com saudade.

— A hora de voltar não teve nada a ver com o congresso anual?

— E se tivesse?

Limpei a garganta com um pigarro.

— Eu nunca lhe disse isto...

Ela riu:

— Eu sei que há muitas coisas...

— ... mas houve ocasiões em que as suas cartas eram o único...

— ... que você nunca me contou.

— ... alívio que eu tive.

— Alívio?... — Ela respirou fundo.

— Consolo.

— A sua vida é desconsolada?

— Incomum.

— Então receber uma simples carta deve ser uma coisa extraordinária.

— Sim. É.

— E agora? Você se sente desconsolado?

— Sim, um pouco.

— Isso é incomum. Ou é comum? — E franziu o rosto como se estivesse confusa, coisa que não estava.

— Creio que me daria mais consolo se você tivesse pena de mim por isso.

— Eu não tenho pena de você, Will. Eu tenho é ciúme. Eu invejo você. A minha vida é mais *comum*, *consolada* que se possa imaginar.

— Você não sentiria ciúme se soubesse como aquilo era.

— Aquilo?

— A minha vida.

— Ah, meu Deus! Ficou tão dramático agora que cresceu! Você realmente deveria se desembaraçar dele. Você devia perguntar a mamãe se a oferta dela ainda está em aberto.

— Oferta?

— De adotar você! — Seus olhos faiscavam. Ela estava se divertindo.

— Eu não quero ser seu irmão.

— Então o que você quer ser?

— De você?

— De qualquer coisa?

— Eu não quero ser *de qualquer coisa*...

— Então por que você não o deixa? Ele acorrenta você à noite?

— Eu tenho planos de deixá-lo quando chegar a hora certa. Não tenho interesse em ser aquilo em que ele se transformou.

— E no que ele se transformou?

— Não em alguma coisa que eu queira ser.

— Essa é a questão, Will. O que você quer ser?

Esfreguei as mãos, olhando para o chão. E os olhos dela, brilhando como os de um passarinho, no meu rosto.

— Você me disse uma vez que era indispensável para ele — disse ela com suavidade. — Você acha que pode ter mudado de ideia.

Fiquei imóvel.

— Quando você parte? — perguntei.

— Logo.

— *Quando?*

— Domingo. No *Temptation*. Por quê?

— Talvez eu queria me despedir.

— Pode se despedir agora.

— O que foi que eu disse que acabou aborrecendo você, Lilly, me diga.

— Foi o que você não disse.

— Diga-me o que eu devo dizer, e eu direi.

Ela riu:

— Você é o aprendiz perfeito, não? Sempre ansioso para estar à disposição, sempre pronto a agradar. Não é de espantar que ele

mantenha você amarrado desse jeito. Você é a água que já vem no formato da xícara dele.

Várias horas depois, a água humana em forma de xícara iria descer as escadas para o Monstrumarium, completamente sozinha.

— Venha comigo esta noite — disse eu antes de sair.

— Eu tenho outros planos — respondeu ela.

— Mude de planos.

— Não tenho vontade de mudá-los, sr. Henry.

— Sou uma pessoa que pensa à frente — garanti. — Acredito na igualdade plena entre os sexos, no direito de votar, no amor livre, tudo isso.

Ela riu:

— Eu lhe desejo sorte esta noite, e na caçada. Agora que você precisa muito... Ele é o maior que já existiu ou existirá. Há algo emocionante e trágico nisso, se você pensar na coisa.

— É. Emocionalmente trágico. Quando vou ver você de novo?

— Vou ficar aqui até domingo. Achei que já tivesse dito.

— Amanhã.

— Não posso.

— Sábado, então.

— Vou precisar ver minha agenda.

Em pé, no vestíbulo, cerrando as mãos, com o sangue rugindo nos meus ouvidos. E a voz dela: *Até o mais casto dos beijos carrega um risco inaceitável.*

— Você não vai me beijar outra vez, vai? — perguntou ela, com os lábios levemente separados.

— Eu devia — sussurrei em resposta, aproximando-me de seus lábios levemente separados.

— Então por que não beija? Falta o vinho ou falta o sangue?

Queima, tinha dito o meu pai. *Isso queima.*

— Há uma coisa que preciso dizer a você — sussurrei, com os lábios a um fio de cabelo dos lábios dela, perto o suficiente para sentir o calor deles e o aroma doce e cálido dela.

— Tem a ver com amor livre? — perguntou ela.

— De certa forma — respondi, com as palavras me espetando a garganta. Eu podia ver meus pais dançando no fogo azul dos olhos dela. — Existe algo dentro de mim.

— Sim?

Não consegui seguir adiante. Meus pensamentos não se concentravam. *Isso queima, isso queima, e os vermes que saíram dos olhos dele e o medo de agulhas e você e o que você poderia fazer, e Lilly, Lilly, não me dê o sofrimento de viver mais do que você, não me dê o sofrimento de ver você sofrer, e a coisa na jarra e a coisa no ladrão o peito dele explodindo como a casca do ovo da T. cerrejonensis eclodindo e o olho cor de âmbar que não piscava e a infecção esta é a minha herança e cada beijo a bala, cada beijo o punhal mergulhando e eu devia morrer, eu devia morrer e nunca me apaixonar, Will Henry, nunca, nunca e a insubstancialidade da água e ela a xícara, Lilly o recipiente que carrega os anos incontáveis, não sofra não sofra não sofra.*

— Até logo, William James Henry.

SEIS

Uma silhueta forte emergiu das sombras acumuladas na base das escadas. Ele falou alto antes que eu soprasse para separar aquela cabeça disforme dos ombros.

— Baixe essa arma, camarada. Sou eu, Isaacson.

— O que você está fazendo no Monstrumarium? — exclamei. — Pensei que o trabalho do seu mestre estivesse terminado.

Ele apontou a cabeça inquisitivamente, como um abutre ao detectar um pedaço saboroso de carniça.

— Disseram que eu encontraria você aqui.

— Quem disse? E com que fim?

— O dr. Von Helrung... para ajudar a eliminar as provas.

— Eu não preciso de ajuda nenhuma.

— Não? Mas com mais mãos o trabalho fica mais fácil.

— É, e com cozinheiros demais o prato fica estragado. E qual é a idiotice seguinte, por favor?

Segui em frente sem olhar para ele; ele veio atrás. Parou quando eu parei no cubículo da faxina para pegar o esfregão e o balde.

— Tenho a sensação de que entramos no assunto com o pé errado, Will. Eu realmente não sabia que você já conhecia Lilly; ela nunca mencionou você, nenhuma vez, em todo esse tempo que passamos juntos em Londres.

— É estranho. Eu a conheço desde que éramos crianças, nós trocávamos cartas regularmente, e ela tampouco mencionou você alguma vez.

— Você acha que estamos sendo feitos de bobos?

— Duvido. Lilly adora um desafio.

Ele permaneceu vários passos atrás de mim enquanto eu arrastava o esfregão e o balde até a Sala Trancada. Eu faria o caminho de olhos fechados: o fedor de putrefação aumentava a cada passo.

— Ela é uma boa garota; não é como as outras meninas da mesma idade, pela minha experiência. Duro. Você não acha que é a palavra perfeita para ela? Duro?

— Ela beira a ferocidade.

— Ah, ela é uma garota marcante, nada daquilo que se vê lá na minha terra. Mais ainda... como é que eu posso dizer?... *ela não tem freio.*

Eu parei. Ele parou. Se eu desse um golpe com o cabo do esfregão no queixo dele, não iria só machucá-lo; o osso se estilhaçaria, encaixando os cacos no queixo e na gengiva, talvez até na língua. O desfiguramento permanente não seria improvável, e as complicações de uma infecção que lhe ameaçasse a vida não deveriam ser descartadas. Eu poderia dizer que tínhamos caído na cilada de outros ladrões ou que eu o havia atingido em autodefesa. Na periferia tenebrosa do mundo em que vivíamos, poucos questionariam a minha história. Von Helrung a tinha articulado: Quando eu era mais jovem, sempre me perguntava se a monstrologia trazia à tona a escuridão no coração dos homens ou se ela atraía homens com corações cheios de escuridão.

— O que é isso? — cochichou Isaacson.

Balancei a cabeça e respondi:

— *Das Ungeheuer.*

— O quê?

Eu me virei para ele. O seu rosto era grotesco à meia-luz, monstruoso.

— Sabe como ela mata você, Isaacson? Não é com a picada; ela só o paralisa, separando o seu cérebro dos seus músculos. Mas você não perde a consciência nessa hora. Você mantém plena consciência do que está acontecendo enquanto a mandíbula dela se acomoda para acabar de engolir você inteiro. Você morre aos poucos, de asfixia; você se sufoca até morrer porque o oxigênio acabou. Mas permanece vivo o tempo suficiente para sentir a pressão terrível que esmaga os seus ossos; você sente as costelas sendo esmigalhadas e o conteúdo de seu estômago sendo forçado a subir para o esôfago, enchendo a sua boca; você se sufoca no seu próprio vômito, e cada centímetro do seu corpo queima como se você estivesse sendo mergulhado numa tina de ácido, o que, em certo sentido, acontece. Você pode pensar na coisa deste modo: um saco de soda cáustica de treze metros, o antiútero da sua concepção.

Por um longo momento ele não disse nada. Então, suspirou:

— Você está louco.

E eu respondi:

— Não sei o que isso significa. Se você define loucura como o oposto de sanidade, tem de arranjar uma definição de sanidade. Como você a define? Você sabe me dizer o que é ser são? É não manter crenças contrárias à realidade? É sustentar que nossos pensamentos e nossas ações não contêm nenhum absurdo? Por exemplo, a hipocrisia de acreditar que o assassinato é o pior pecado quando nos matamos uns aos outros aos milhares? É acreditar num Deus justo e amoroso enquanto sofrimentos que são imagináveis apenas para Deus continuam a acontecer o tempo todo? Se é esse o seu critério, então somos todos loucos... com exceção daqueles entre nós que não proclamam que compreendem a diferença. Talvez não haja *nenhuma* diferença a não ser na nossa cabeça. Em outras palavras, Isaacson, a loucura é uma doença inteiramente humana que surge num cérebro evoluído demais... ou não evoluído o suficiente... para carregar o peso terrível de sua própria existência.

Eu me forcei a parar; estava gostando em demasia do meu próprio discurso.

— Não posso ter certeza absoluta, Henry — disse ele. — Mas acredito que você acaba de provar a minha tese.

— Por quanto tempo você foi aprendiz de Sir Hiram, Isaacson? — perguntei.

— Nove meses. Por que pergunta?

— Você não ficou nisso o tempo suficiente.

— Tempo suficiente para o quê?

Continuei a descer o corredor. A voz dele disparou pelo corredor sinuoso, à minha procura.

— Henry! Tempo suficiente para o *quê*? — O balde de metal teria sido melhor, pensei. Era mais pesado. Fantasiei que esmagava o lado da cabeça dele. *Não tem freio*. Aquela era boa!

Ele virou o canto atrás de mim e chegou perto do corpo esparramado diante da Sala Trancada. Freneticamente, buscou o lenço no bolso do casaco e comprimiu o tecido branco engomado contra o rosto, caçoando do cheiro que permeava o ar como uma névoa nociva.

— Onde está a *cara* desse homem? — Ele se engasgou, virando os olhos rapidamente para longe, e rapidamente para perto: a ansiedade de se virar, a compulsão de olhar, o desenovelar da coisa enrolada, o não-

eu sem nome, *das Ungebeuer*.

— Está toda em redor de você. Acho até que você esteja em pé em cima de uma parte dela.

Ele não estava. Mas minha “observação” o fez tropeçar para trás, com a mão apertada com força no lenço. Pousei o balde no chão, encostei o esfregão na parede e fui até a pilha de caixotes vazios do outro lado da porta.

— Permita-me arriscar um palpite sobre os seus estudos na tenebrosa arte da monstrologia, Isaacson. Pelos últimos nove meses você permaneceu oculto em alguma biblioteca bolorenta na casa dos ancestrais de Sir Hiram, com o nariz enterrado em alfarrábios, textos arcanos e tratados obscuros, bem longe do trabalho de campo ou do laboratório.

Ele assentiu rapidamente:

— Como é que você sabe?

Eu estava espalhando caixotes para todos os lados, procurando o tamanho certo. Joguei os menores para um lado, eles estalaram no piso duro com um barulho satisfatório.

— Que azar — disse eu. — Nenhum é grande o suficiente, e estes são os únicos vazios que estou vendo. Tenho certeza de que existem maiores em algum lugar por aí, mas imagine se vou perder metade da noite procurando por eles. — Olhei para cima, para ele, e disse deliberadamente: — Vamos ter de mudar o tamanho dele para caber.

— M-mudar o tamanho dele?

— Adolphus guarda as ferramentas no escritório. Uma caixa preta comprida embaixo da mesa de trabalho junto à parede da direita de quem entra.

— Uma caixa preta comprida...?

— Embaixo da mesa de trabalho... junto à parede da direita... você de frente para a mesa. Bom, Isaacson, o que você está esperando? Com mais mãos o trabalho fica mais fácil. Depressa!

Eu ainda estava rindo por dentro quando ele voltou arrastando a caixa de ferramentas. Ele tinha amarrado o lenço em volta do rosto como um bandido. Fiz um gesto para que colocasse a caixa ao lado do corpo. Ele se apoiou na parede; eu podia ouvir a expiração saindo da sua boca, e a máscara improvisada ondulava a cada respiração profunda.

— Os caixotes não são compridos, mas são fundos o bastante —

disse eu, abrindo a tampa. Ela fez um barulho metálico ao cair no chão, e ele pulou assustado. — Podemos dobrar os braços se não estiverem rígidos demais, depois acho que dá para pôr as pernas em cima.

— Em cima?

— Dele.

Tirei o serrote da divisória na caixa e passei a polpa do polegar na beira da serra. Estava bem afiada. Depois a tesoura de poda, que abri e fechei várias vezes. Isaacson se encolhia a cada *snic-snic*.

— Tudo certo, Isaacson — disse eu, em tom enérgico. — Vamos tirar essas pernas das calças.

Ele não se mexeu um centímetro. Seu rosto tinha ficado da cor do lenço.

— Você sabe a diferença entre um monstrologista e um pedaço de carniça? — perguntei. Ele fez que não com a cabeça, sem ruído, de olhos arregalados, enquanto me olhava cortar as calças para tirá-las, expondo a perna pálida. — Não? — suspirei. — Eu gostaria de ver se algum dia encontro alguém que saiba.

Expliquei que se tratava de uma simples amputação abaixo do joelho, enquanto forçava o calcanhar do homem em direção aos quadris, levantando o joelho vários centímetros acima do chão.

— Segure em volta do tornozelo com as duas mãos, Isaacson, para não escorregar para cima de mim. A lâmina é muito afiada, e a responsabilidade será sua se eu me cortar.

A carne pálida sendo cortada como uma boca que se abre, a baba de sangue gotejando e o som de protesto do osso quando a lâmina morde. Não sei o que ele estava esperando, mas, quando a perna ficou solta na mão dele, Isaacson deu um grito estrangulado e arremessou-a para longe; ela bateu na parede com um *tunc* tenebroso. Ele se afastou e ficou apoiado nas mãos e nos joelhos. As costas dele se arquearam e eu pensei: *Só existe um cheiro no mundo pior que o da morte: o do vômito.*

Descansei um instante, fitando minhas unhas incrustadas de sangue. Por que eu não havia pensado em trazer luvas?

— Não vai dar certo, sabe? — comentei, tranquilamente.

— O quê? — arfou ele, secando a boca com o lenço. Os seus olhos estavam cheios de desânimo. O que faria em seguida?

— Poderia dar, se ela tivesse picado Rojas... ou mesmo Von Helrung; o velho não é tão ágil como antes. Mas Pellinore Warthrop é o último que

eu escolheria para enrolar.

— Não estou entendendo nada do que você está dizendo, Henry.

— Não que ele *não pudesse* ser enrolado, ele tem pontos cegos como qualquer outro homem, mas o fato é que Pellinore Warthrop não é um homem comum: ele é o príncipe da biologia aberrante, e você lembra o que leu em Maquiavel, não lembra?

— Ah, sem essa. — Ele sacudiu o lençinho na minha direção. — Você está ridículo.

— Ele vai descobrir vocês, os dois, e o que você acha que vai acontecer quando ele fizer isso? Você já disse a si próprio: “O cão de caça de Warthrop. Você sabe o que aconteceu em Áden. Você conhece a história da Ilha de Sangue”.

— Isso é uma ameaça? Você está me ameaçando, Henry? — Ele não parecia com medo. Achei curiosa a reação incrédula dele.

— Foi Hiram Walker que mandou o troféu para ele. Para que ele o trouxesse para cá. Desse modo, Walker poderia roubá-lo de volta, adoçando o seu lucro com uma colher cheia de humilhação e vingança. Eu não estou certo? Diga-me a verdade e eu pouparei você. Não posso fazer nenhuma promessa com relação ao seu mestre, mas você tem minha palavra, de cientista e de cavalheiro, de que não tocarei um só fio de cabelo da sua cabeça levemente disforme.

— Eu não tenho medo de você.

— Então por que está tremendo desse jeito?

— Eu n-n-não est-tou tr-tremendo.

— Você pode sentir medo *dele*. Ele está morto e sem perna.

Puxei um caixote e forcei o corpo dobrado para dentro dele, acomodei as pernas serradas em cima e preguei a tampa. Um a menos.

Ele se virou quando me levantei como se fosse *ele* o próximo a ser encaixotado.

— Eu sou inocente — disse ele. — O dr. Walker é inocente.

Balancei a cabeça e fiz tsc-tsc, imitando o monstrologista quando eu dizia algo particularmente idiota.

— Não sei se acredito em você, colega.

Ele não continuou a protestar inocência, um ponto a seu favor, e duvidei de que Walker tivesse confiado nele, num esquema tão perigoso em tantos níveis. Mesmo assim, eu não devia descartar a possibilidade. Talvez não houvesse uma tribo de neandertais escondida no Himalaia,

mas a improbabilidade não era prova absoluta.

Trabalhei com agilidade no ladrão eviscerado fora do armazém, e depois de outra meia hora estávamos com os dois caixotes na porta lateral, de frente para a Twenty-Third Street. Caía uma chuva fria e leve, a temperatura estava pouco acima do grau de congelamento e os lampiões a gás da rua chiavam, amortalhados em halos de fogo dourado.

Saí primeiro, orientando Isaacson a esperar o meu sinal, e atravessei a rua, com as mãos bem enfiadas nos bolsos. Um grande cavalo de carga, de cor acastanhada, virou a esquina trotando quando eu cheguei ao outro lado, puxando atrás dele uma carroça velha. O cocheiro se inclinou com força para a direita e parou diante da porta lateral. Ele não olhou para mim enquanto eu atravessava de volta. Estava com um chapéu de abas caídas e casacão preto, com as mãos muito grandes segurando as rédeas e as juntas inchadas pela quantidade de brigas que já tivera, mais do que qualquer um — ou mesmo ele — conseguiria lembrar. Era um dos “homens especiais” de Warthrop, conhecidos pela discricção, pelo gosto de se arriscar e pelo desprezo à lei. Personagens repulsivos como aquele eram um mal necessário ao estudo do lado criminoso da natureza. Eram os espiões e os mensageiros de Warthrop, o músculo de sua mente. Eu nunca havia encontrado aquele.

— Sr. Faulk — cumprimentei-o cordialmente.

— Então o senhor deve ser o sr. Henry — respondeu ele em voz rascante devido ao uísque.

— Houve pequena mudança de planos — informei, deslizando uma nota de cinco dólares para a sua mão. Ele enfiou o dinheiro no bolso e deu de ombros, sem expressão.

Cinco minutos depois tínhamos completado o carregamento. Fui no banco ao lado do sr. Faulk; Isaacson ficou sentado atrás, ao lado da encomenda, olhando com cautela para a rua à frente e atrás, agarrado no corrimão lateral como uma criança numa montanha-russa de Coney Island. A temperatura continuava a cair, e pelotas duras de gelo atingiam as nossas bochechas quando passávamos mais perto do rio. À nossa frente se avizinhava a Ponte do Brooklyn, com a parte mais alta desaparecendo na névoa congelante.

E a coisa se desenovelando dentro de mim.

O sr. Faulk parou em cima do vão. Desci com cuidado. O gelo

quebrava embaixo das minhas botas. Bem acima do rio, o vento uivava, e a chuva caindo raspava a pele como se fosse lixa congelada. Isaacson estava esperando por mim, impaciente, atrás da carroça; para ele, a noite já havia sido longa demais. *Pelo menos para você ela vai acabar*, pensei amargamente. Ele pegou uma das pontas do caixote e eu a outra, e caminhamos com dificuldade até o parapeito. Não conseguíamos ver a água lá embaixo, mas podíamos cheirá-la e sentir a queda, o espaço vazio entre nós e a superfície vazia e escura dela.

— Com cuidado agora, Isaacson — avisei. — Preste atenção onde pisa para não cair ao mesmo tempo que ele! Quando eu contar três...

Um, dois... e lá se foi ele para baixo; o barulho da batida na água demorou muito para vir e foi muito fraco, um sussurro queixoso, e eu me inclinei para ele e perguntei: — Você costuma rezar, Isaacson? — Voltei para a carroça sem esperar a resposta.

Permanecemos por um instante junto ao parapeito depois de jogar o segundo caixote. O gelo se agarrava no nosso cabelo, nos casacos; brilhávamos como anjos. Agora que o trabalho estava realizado, Isaacson relaxou um pouco, e parte de sua antiga verve retornou: — Meu velho, esse negócio poderia ser agradável se não fosse tão desagradável.

— Você não respondeu à minha pergunta — disse eu, delicadamente. Ele se enrijeceu. Parecia muito ofendido:

— Claro que eu rezo. Eu não faria uma pergunta como essa a você.

Ele esticou os braços e as pernas, com o bom humor tendo ido embora tão rápido como viera. Precisou andar dois passos até perceber que o sr. Faulk não estava mais no assento.

Ele parou e se virou lentamente para me encarar.

— Cadê o nosso cocheiro? — perguntou, com a voz em nervosismo crescente.

— Atrás de você — respondi.

Ele não teve a oportunidade de se virar outra vez. A coisa que se desenovelava saltou, livre, com força bastante para quebrar o mundo ao meio. Meu punho atacou o plexo solar dele, o ponto preciso em que ele me havia atingido antes. A cabeça dele vacilou; os joelhos se cruzaram. Ele não era nem um pouco baixo, mas o sr. Faulk era maior: ele ergueu Isaacson nos ombros com a facilidade de um carregador de sacos de carvão e o levou até o parapeito. Envolveu os tornozelos dele com as

grandes patas e o pendurou de lado, onde ele balançava de cabeça para baixo, com os braços agarrando inutilmente o ar vazio.

A coisa na jarra *arranha, arranha*.

— Isaacson! — gritei contra o vento. — Isaacson, você costuma rezar?

Ele uivou, eu não conseguia ver o seu rosto.

— Foi o dr. Walker, não foi? — gritei. — O dr. Walker que contratou Maeterlinck para trazer a coisa e que contratou os irlandeses para roubá-la!

— *Não!*

— A verdade, e você sai dessa inteiro, Isaacson!

— Eu estou dizendo a verdade! Por favor, por favor! — Ele não continuou. Seus soluços sentidos se perdiam na chuva indiferente.

O sr. Faulk se virou lentamente para mim, com as sobrelanceiras proeminentes franzidas por uma questão: *Largo?* Fiz que não com a cabeça.

— Está bem, ele não contratou Maeterlinck, mas contratou os irlandeses. Diga que sim, Isaacson, e nós vamos puxar você para cima!

— Ele não fez isso... Juro pela minha mãe, ele não fez isso! Por favor, por favor!

Olhei para o sr. Faulk.

— O que o senhor acha?

Ele deu de ombros:

— Estou ficando com os braços cansados.

— Isaacson! Só mais uma pergunta. Responda a verdade e vamos puxar você. Você foi para a cama com ela?

— O quê? O *quê?* Ah, meu Deus!

— Você transou com Lilly Bates?

Esperei pela resposta. Ele era repugnante, mas não era estúpido. Se tivesse ficado com ela e confessasse, eu poderia não cumprir a minha promessa. Se negasse, arriscava-se a eu não acreditar nele, independentemente da veracidade da sua negativa, o que, em troca, tornava meu dilema não menos desconcertante que o dele.

Ele soltou um gemido do outro mundo, contorcendo-se ao vento.

— Não! Não, isso nunca aconteceu! Juro por Deus, Will; eu juro!

— Jura pelo *quê?*

— Por Deus. Por Deus, por Deus, por Deus!

— Não é Deus que está segurando você agora, Samuel. — De repente, fiquei furioso. — Jure por mim e eu puxo você para cima.

— Juro por você, por você, eu juro por você!

Ao meu lado, o sr. Faulk estava rindo baixinho:

— Ele está mentindo, o senhor sabe.

— Não, sr. Faulk. Só Deus sabe isso.

— Não é Deus que importa, sr. Henry.

— É totalmente verdade, sr. Faulk.

No laboratório no porão, quando a crisálida irrompia, eu me via refletido no olho de âmbar. Eu era o humilde conduto para o nascimento do monstro, o parteiro imperfeito, libertador e presa.

Perdão, perdão, pois você é maior que eu.

Canto IV

UM

Já estava escuro quando cheguei à Harrington Lane, 425. Encontrei o monstrologista à mesa, refeitando-se como um homem que tivesse ficado uma semana sem comer, o que podia muito bem ser o caso.

— Você está sem fome — observou ele, enquanto se empanturrava.

Tirei um frasco de estanho do bolso do casaco (a cozinha estava desconfortavelmente fria), desenrosquei a tampa e fiz descer goela adentro um belo trago de uísque. O monstrologista franziu a testa e deu um estalo desaprovador com a língua.

— Não é de estranhar que a sua aparência esteja tão terrível — opinou ele, levando um pedaço de queijo à boca, o velho rato.

— Talvez eu tenha bebido demais — admiti. — E a sua desculpa, qual é?

Ele ignorou a pergunta.

— Você tem cheiro de cigarro. E as suas unhas estão com terra incrustada.

— Cinzas — disse eu. — Os seus barris de lixo estavam transbordando.

A expressão divertida dele não mudara.

— As suas mãos estão lanhadas.

— Está me acusando de alguma coisa?

Ele sorriu sem humor:

— Há várias luvas no estábulo, mas você sabe disso.

— Eu sei disso.

— Então deve ter esquecido.

— Minha memória não é mais o que era. Bem agora eu estava tentando lembrar o nome daquela moça que contratei para dar banho e comida a você, para mantê-lo com aparência mais ou menos humana.

Warthrop pegou uma faca e cortou uma fatia de maçã. Sua mão estava firme. Ele mastigava sem problemas.

— Beatrice — disse ele. — Já lembrei o nome dela a você.

— Você a demitiu?

Ele deu de ombros. Seu olhar girou pela mesa.

— Onde estão os bolinhos?

— Ou ela foi embora?

— Eu já lhe disse que demiti a moça, não disse? Onde estão os meus bolinhos?

— Por que a demitiu?

— Eu tinha mais o que fazer. Não precisava de nenhuma intrometida barulhenta vigiando cada passo que eu dava.

— Para onde ela foi?

— Como é que eu vou saber? — A paciência dele estava acabando.

— Ela não disse e eu não perguntei.

— Acho tudo isso estranho.

— Estranho?

— Ir embora sem me avisar. Eu era o empregador oficial dela, como você sabe. Por que ela não me contou que você a tinha demitido nem me pediu as contas?

— Bom, suponho que isso você vai ter de perguntar a ela.

— Isso pode ser difícil, já que nenhum de nós dois sabe para onde ela foi.

— Por que você está tão preocupado com o paradeiro de uma empregadinha de dez tostões? — expeliu ele, já perdendo o autocontrole.

Deliberadamente, bebi mais um gole do meu frasco.

— Eu não estou preocupado. Você tampouco deveria estar. O que você acha que deve ter acontecido, então? Eu lhe disse que não queria ninguém. Nem precisava.

— Então a culpa é minha?

— Do quê? Do quê a culpa é sua? O que você quer dizer?

— Do que aconteceu com Beatrice. Sou eu o culpado de ter forçado a moça a vir trabalhar com você.

— Não. Você é o culpado de ter feito disso uma obrigação, uma necessidade. — Ele sorriu como criança, como se tivesse feito uma piadinha infantil. — Você se ocupou de mim por tempo demais, Will Henry. Onde estão os bolinhos? Pode me dar os bolinhos agora ou eu vou me zangar muito com você.

— Bom, nós não gostaríamos disso, gostaríamos? — Peguei a sacola

do esconderijo. Ele a arrancou da minha mão com uma risada que me fez recuar. Meus olhos foram atraídos pela porta do porão atrás dele.

— Foi por causa dela que você colocou um cadeado naquela porta? — perguntei.

— Dela quem? Beatrice? Por que continua me enchendo por causa dela? — E serviu-se de mais uma xícara de chá.

— Eu só perguntei...

— Eu vivo sozinho agora, como você sabe — disse ele enfaticamente. — E meus inimigos são muitos, como você também sabe...

— Quem, Warthrop? Dê o nome deles. Nomeie um “inimigo”.

Ele devorou os restos dos bolinhos que estavam sobre a mesa.

— Como você ousa? Eu não tenho a obrigação de me explicar a você ou a quem quer que seja! O que eu faço e o que eu escolho é assunto meu, e só meu. Eu não pedi a companhia dela nem a sua... nem hoje nem vinte e quatro anos atrás!

Tirei o frasco do bolso e dobrei as mãos sobre a mesa.

— O que há no porão, Warthrop?

Ele moveu a boca sem emitir nenhum som por um momento. Arqueou as sobrancelhas e olhou do alto do nariz patricio a minha cara, como se com aquele olhar pudesse passar por cima dos anos e me fazer voltar ao corpo de onze anos de idade que um dia ocupei.

— Nada — disse ele, finalmente.

— Um sábio me disse uma vez que a mentira é o pior tipo de tolice.

— Todos os homens são tolos. Termine o silogismo.

— Eu vou descobrir, de qualquer forma. É melhor me contar agora.

— Por que eu deveria lhe contar algo que você já sabe?

— Eu já sei *que* aconteceu; mas não sei *o quê* aconteceu.

— Não sabe? Você realmente não progrediu muito na sua educação, sr. Henry.

— O trabalho da sua vida, como você o chamou, mas você permitiu que todo tipo de coisa o consumisse ao longo dos anos. A você... e a um número incontável de outras pessoas.

— É verdade — assentiu ele gravemente, e agora eu podia detectar uma ponta de medo nos seus olhos. — Há vítimas no meu caminho; mais do que no da maioria dos homens, mas dificilmente mais do que no seu, eu aposto.

— Não estamos falando sobre as minhas vítimas, doutor. — Tirei a

faca da mão dele e comecei a limpar a sujeira das minhas unhas. Ele se enrijeceu, como se o som baixo de raspar lhe machucasse os ouvidos.

— Beatrice me deixou — sussurrou ele.

— Beatrice? Quem perguntou sobre ela? Nós estávamos falando sobre as nossas vítimas.

— Ah, você não sabe de nada.

— Eu sei sobre os carneiros — disse eu. — E sei também o que você retalhou e entulhou no barril de cinzas. Eu sei que as duas coisas têm a ver com o cadeado naquela porta e com a sua situação deplorável... E eu sei que você *vai* me mostrar tudo, porque não vai se aguentar, porque sabe quem tem a chave da sua salvação. Você sempre soube.

Ele tombou a cabeça para a frente, enfiando-a nos braços dobrados, e o monstrologista chorou. Seus ombros se sacudiam com força conforme as lágrimas caíam. Eu observava, impassível.

— Warthrop, dê-me a chave ou eu vou arrombar a porta.

Ele ergueu a cabeça, e eu vi que as lágrimas não eram falsas: seu rosto estava contraído em agonia, como se alguma coisa tenebrosa e sem nome estivesse se desenovelando dentro dele.

— Vá embora — disse ele, baixinho. — Você estava certo quando partiu. Certo ao partir, errado ao voltar. Deixe-nos, deixe-nos. É tarde demais para nós, mas não para você.

Ele se contraiu com a minha resposta, a última coisa que ele esperava me ouvir dizer, ou talvez o oposto: ele conhecia o fundo, o lugar secreto de todos os corações, onde se esconde o que eu tinha a dizer: — Ah, Pellinore, faz anos que eu saltei fora do disco.

DOIS

No Egito, era chamado de Mihos, o guardião do horizonte.

É uma linha muito fina, Will Henry, ele me disse quando eu era menino. Para a maioria das pessoas, é como aquela linha onde o mar encontra o céu. Ela não pode ser atravessada; mesmo que você vá na sua direção durante mil anos, ela continuará sempre além do seu alcance. Você imagina que nossa espécie precisou de mais de dez milênios para perceber esse simples fato? Que vivemos num globo e não num disco?

TRÊS

Uma carta estava à minha espera na recepção do Plaza quando voltei das tarefas noturnas. O envelope fora selado à moda antiga, com lacre de cera vermelha. Dentro, encontrei uma mensagem grosseiramente escrita numa simples folha de papel que cheirava um pouco a peixe morto:

*Caríssimo sr. Henry,
Espero que esta o encontre bem. O senhor terá a bondade de me enviar US\$ 10. 000, 00 se a vida do dr. Pellinore Warthrop lhe é valiosa. Assim, solicito-lhe encarecidamente que deixe o dinheiro aqui com o porteiro às cinco da tarde. Se fizer desse jeito, ele vive. Se não, ele morre.
Cordialmente, acredite, eu sou seu amigo.*

A carta não estava assinada. Em vez disso, havia um desenho mal-acabado de uma mão humana pintada de preto e outra de um punhal gotejando o que me pareceu ser sangue.

Deixei o hotel e fui direto para a mansão de pedra marrom da Quinta Avenida.

O dono da casa me recebeu num roupão púrpura e chinelos combinando, com o cabelo branco cor de algodão revoltado em maravilhosa confusão no bloco que era a sua cabeça. Ele leu a carta com os olhos vermelhos, suspirando muito e alto, enxotando o criado que apareceu com o café e um prato de *Apfelstrudel*.

— O que o porteiro do hotel disse? — perguntou ele, finalmente.

— Foi um homem baixo com sotaque forte italiano. Ele deixou a carta à uma da manhã, mais ou menos, enquanto eu estava ocupado com o carregamento irlandês na ponte.

Ele pescou um charuto da caixa. O charuto deslizou daquelas mãos nodosas e rolou pelo tapete persa. Eu o recolhi e o devolvi às suas mãos.

— A Mão Negra! — disse ele. — Ah, Pellinore, o seu velho mestre não o alertou para não ir?

— O que é a Mão Negra?

— Você não leu a carta? — Ele colocou o dedo sobre o desenho. — *Ach*, os vilões! Não se deve confiar neles. Eu o avisei.

— Por que foi um italiano que entregou a carta pedindo resgate em nome de uma quadrilha irlandesa?

— Não foram os irlandeses; foram os sicilianos; foi a Camorra, aquele canalha do Francesco Competello. Ele é um homem perigoso, e eu bem que avisei.

— Não entendo, *Meister* Abram. Por que iria o dr. Warthrop...?

— Porque o nosso negócio é tenebroso e sujo... como sua prima nojenta, a política... e isso atrai parceiros de cama estranhos! Foi ideia dele chamar a ajuda dos inimigos jurados dos irlandeses para descobrir o paradeiro da *T. cerrejonensis*.

— Em troca do quê?

Os olhos dele se afinaram acima de seu nariz adunco:

— O que você quer dizer?

— Quero dizer que os criminosos não são famosos por fazer caridade, *Meister* Abram — respondi com delicadeza ao velho senhor. — O dr. Warthrop devia estar disposto a oferecer algo à Camorra pela ajuda.

Ele balançou a mão gorducha. O charuto apagado estava seguro na outra.

— Ele disse que Competello lhe devia um serviço que ele tinha realizado anos atrás em Nápoles, quando muitos *camorristi* foram expulsos da Itália. Eu não conheço todos os detalhes, mas ele sempre teve o hábito de alimentar relações com personagens dúbios.

Fiz sinal de que entendia, enquanto pensava no sr. Faulk e nos outros como ele, que surgiam a qualquer hora do dia carregando pacotes para o número 425 da Harrington Lane.

Párias suspeitos e desprezados — irmãos espirituais dele, de certo modo —, que não faziam perguntas nem tinham histórias a contar.

— Algo a ver com ajudar a lhe garantir uma rota de fuga segura, e também para os *padroni* dele — prosseguiu Von Helrung. — Ele me disse: “Pagar as dívidas faz parte do código de honra deles”. Bah! Espero que agora tenha aprendido a lição.

Ele acendeu um fósforo, mas não o charuto. A chama chegou perigosamente perto de seus dedos antes que ele atirasse o fósforo no cinzeiro ao lado.

— Devemos pagar? — perguntei.

Ele me olhou com aspereza. Minha pergunta o deixou perplexo.

— O que você quer dizer? Claro que temos de pagar!

— Mas que garantia temos de que Competello vai cumprir a parte dele no acordo?

Ele bufou forte:

— *Mein Gott, the naivety of youth!* [“Meu Deus” em alemão, “A ingenuidade da juventude”, em inglês. (N. do T.)]

A Mão Negra é uma tradição consolidada e honrada através dos tempos, Will. Como teria continuado a funcionar se o destinatário não pudesse confiar no remetente? Não, nós temos de pagar. Eu vou cuidar de tudo... inclusive puxar as orelhas de meu antigo aluno pela sua falta de discernimento! Porque agora ele entrou numa fria; a Camorra sabe do nosso troféu especial e neste preciso instante deve estar reunindo todos os recursos ilícitos disponíveis para encontrá-lo!

Ele se levantou, guardando o charuto no bolso do peito do roupão com o monograma de suas iniciais, *AVH*.

— Eu amo a ele como a um filho, mas o seu mestre é o mais enlouquecedor dos enigmas humanos, meu jovem Will: calculista e cabeça-dura ao mesmo tempo, astucioso além de toda medida e obtuso sem igual.

Ele tocou o sininho para chamar o mordomo.

— Eu vou levar o pagamento, *Meister Abram* — disse eu.

— Não, não. Você é jovem demais para...

— E o senhor é velho demais.

Ele se endireitou; suas sobranceiras espessas e brancas se tocaram; seu peito se expandiu, abrindo o roupão para desvendar a profusão de pelos brancos encaracolados.

— A carta está dirigida a mim — retomei rapidamente. — E, pelo que se pode deduzir, o porteiro do hotel está no negócio.

Ele fez que sim com a cabeça, claramente impressionado com o meu raciocínio.

— Volte lá esta tarde; preciso conseguir os fundos. Mas diga-me... *ach*, eu estou carregando coisas demais nesta cabeça cansada... Como

foi tudo a noite passada? Sem problemas, espero...

— Não coube direito nos caixotes, mas não houve nenhum outro problema. — Dei uma risadinha. — Bom, o assistente de Sir Hiram quase tomou um caldo no rio East... Felizmente o sr. Faulk estava lá para segurá-lo.

Von Helrung continuava a assentir com a cabeça, os olhos brilhantes e atentos como os de um pássaro.

— Você sabe que ele tem parentesco com a realeza. Primo em quarto ou quinto grau da rainha, acho.

— Quem? O sr. Faulk ou o sr. Isaacson?...

— Boa piada. Ha, ha! Agora vá, e volte às três. Não conte nada a ninguém. Principalmente ao sr. Faulk. Acho que aquele homem seria capaz de vender a própria mãe por um dólar e um centavo.

— Ah, não, aí o senhor se engana, *Meister Abram*. O sr. Faulk é um sujeito confiável que vale o dobro do seu peso em veneno de *T. cerrejonensis*.

— Não me diga uma coisa assim! — exclamou ele, e então, por algum motivo, se fechou em copas.

QUATRO

Voltei para o hotel com a intenção de tirar uma ou duas horas de sono, de que eu precisava muito, mas estava tão distraído e ansioso por causa do sequestro inesperado de meu mestre que só consegui dar um cochilo de alguns minutos. Finalmente desisti e telefonei para a casa de Lilly.

— Há três coisas que se pode quebrar facilmente e não se consegue emendar direito nunca — disse eu quando ela atendeu. — Porcelana chinesa, vidro, e qual é a terceira?

— Você está me ligando às seis da manhã para me desafiar com uma charada?

— A reputação — disse eu, elevando a voz para superar os estalidos incessantes da conexão. — A noite passada tive uma conversa muito interessante com o primo em quinto grau da rainha.

— Quem?

— Samuel.

— Quem?

— A mediocridade!

— Ah! — Então, o silêncio.

— Lilly? Você está na linha?

— Você quer dizer que existe uma relação entre a reputação de uma pessoa e uma conversa com o sr. Isaacson?

— Eu quero dizer que quero convidar você para almoçar.

— Mas não foi isso que você disse.

— Eu disse... Acabei de dizer.

— Eu já tenho outro compromisso.

— Livre-se dele.

Ou ela riu ou foi a estática. Então escutei: — ... *pretensioso*.

— O doutor foi sequestrado! — gritei.

— Sequestrado? Foram os irlandeses?

— Os sicilianos.

— Os sicilianos!

— Pego você ao meio-dia.

Desliguei o telefone antes da resposta dela. Do outro lado do quarto,

o sr. Faulk baixou seu exemplar do *Herald*.

— É, *aquela* Lilly — informei.

— Quer que eu vá também? — perguntou ele. Ri: — Para proteger a ela ou a mim?

Pela janela, vi o fulgor do Central Park: o sol nascente tinha irrompido entre as nuvens, e o parque tremeluzia na névoa dourada outonal.

— O senhor se apaixonou alguma vez, sr. Faulk?

— Claro! Muitas vezes. Quer dizer, uma ou duas.

— Como sabe?

— Sr. Henry?

— Quero dizer: o senhor sabe que se apaixonou do mesmo jeito que sabe que o vermelho é vermelho e não, por exemplo, azul?

Ele olhou para a distância, perdido em memórias ou fazendo uma pausa para atribuir à minha pergunta o seu próprio sentido.

— Pela minha experiência, a gente só sabe depois que aconteceu.

— Depois que...

— Depois que acabou.

— Acho que não a amo.

— Se acha que não ama, então não ama.

— Mas eu o teria matado se ela tivesse... se eles tivessem... se *de* tivesse...

— Eu diria que é mais azul que vermelho, sr. Henry.

— O senhor acha que eu ter matado três vezes antes de me apaixonar uma vez significa algo?

— Isso você ou qualquer pessoa em geral?

— Ambos.

— Alguns merecem mais a morte que o amor... mas isso é só a minha opinião.

Eu ri.

— Sr. Faulk, não fazia a menor ideia de que o senhor era filósofo.

— Eu não fazia a menor ideia de que o senhor era assassino.

CINCO

Lilly não ficou tão encantada como eu com a minha nova companhia.

— Quem é esse brutamontes? — cochichou ela, de braço dado comigo enquanto descíamos do bonde no Delmonico.

— O sr. Faulk é um velho amigo do doutor, uma espécie de membro honorário da fraternidade. — Segurei a porta aberta para ela e eu entrarmos. O sr. Faulk permaneceu na calçada, encostado na parede do edifício com as mãos protegidas nos bolsos do casaco.

— Que fraternidade? — perguntou ela.

— A fraternidade dos homens indispensáveis.

— Agora você tem um guarda-costas?

A entrada estava cheia de gente, o que nos forçou a ficar em pé de peito quase encostado um no outro, e eu pude sentir o aroma do cabelo dela, e o cabelo dela cheirava a lilás. Ela estava de vestido cor de topázio, com uma bolsa pequena combinando. Os homens repararam nela no mesmo instante, e as mulheres imediatamente em seguida; é assim que acontece com a beleza.

— Não exatamente — disse eu.

— Pena que o seu doutor não tinha um “não exatamente” para dizer a noite passada.

Abri caminho com os ombros até a frente e amassei uma nota de vinte dólares na mão do *maitre* do restaurante. Ele revirou os olhos com desprezo, então lhe passei outra nota e em cinco minutos estávamos sentados diante de uma bela vista do parque.

— Você é muito desapegado com o seu dinheiro — disse ela.

— Sou eu quem controla os gastos, entre outras coisas.

— Entre *muitas* outras coisas. — Os olhos dela piscaram. Dei de ombros modestamente e olhei para o outro lado. No alto das montanhas de Socotra havia um lago em cuja água nenhum ser vivo viceja, mais azul que o céu lavado pela chuva de verão, e mesmo assim ele não é tão límpido como os olhos dela.

— Agora, que história é essa sobre o sr. Isaacson e as reputações? — perguntou ela, no momento que eu estava desconcentrado.

— Na verdade eu me referia à reputação do doutor. A mais recente dificuldade dele com o crime organizado...

Lilly balançou a cabeça:

— Você nunca soube mentir.

— O tio Abram estava certo numa coisa: para esses homens, a honra é tudo. Dadas as circunstâncias, a Mão Negra é uma quebra impensável de etiqueta, algo imperdoável mesmo em um criminoso profissional. Os camorristas têm uma dívida enorme com Warthrop.

Ela captou o sentido da minha frase na hora: — Um subterfúgio? Mas por quê? E por quem?

— O *por quê* é fácil descobrir: existem dez mil motivos. O *quem* eu espero descobrir antes que seja tarde demais... Se é que já não é tarde demais.

Ela disse, arfando:

— Matar Warthrop...?

— E ir jogar a culpa direto na soleira da porta dos italianos. Isso porque o *por quê* pode não ser tão óbvio, Lilly. E se não for por causa de dinheiro, mas para encobrir um assassinato?

Ela ficou em silêncio durante a entrada e a maior parte do prato principal, pensando nas maneiras de descobrir furos nos meus argumentos, tenho a certeza.

— Como quem escreveu a carta sabia que Warthrop ia procurar a Camorra? — perguntou ela.

Fiz sinal com a cabeça de que aprovava essa hipótese. Ela tinha percebido um fato crucial no âmago da questão. O *vermelho não é o azul*, pensei, num lapso de incoerência.

— Claro! Quem quer que tenha escrito a carta sabia do assunto de Warthrop. Então ele pode ter sido seguido, e seu sequestrador (ou assassino) percebeu o plano de encontrar Competello na hora certa, ou...

— Ou já sabia e o pegou antes que ele pudesse ver Competello...

— Ou o pegou depois; essa parte não importa.

— Quem sabia aonde ele estava indo? Para quem ele contou?

— Para mim não foi. O tio Abram sabia.

— Os outros?

— Ele pode ter contado a Pelt... — assenti —, mas duvido. Com certeza não para Acosta-Rojas nem para Walker.

— Mas o meu tio pode ter contado. — Ela balançou a cabeça com pesar. — Ele foi ficando mais gregário com a idade. Se há um traidor, eu apostaria em Walker.

— Não foi Walker.

— Como você sabe?

Baixei os olhos para o prato e não respondi.

— De qualquer modo, vamos saber esta noite. Suponho que *pode* haver uma quadrilha de Five Points atrás de tudo, mas isso seria terrivelmente sofisticado para um bando de vândalos dos cortiços.

Ela assentiu, e então foi a sua vez de olhar para o prato.

— Que foi? — perguntei. — Lilly?

Para minha surpresa, ela se esticou por cima da mesa e puxou a minha mão para junto da dela.

— Eu não vou lhe pedir que não faça isso... Sei que vai fazer, não importa o que eu diga... Mas pelo menos me prometa que não vai ser precipitado.

Ri para tranquilizá-la, e a mim próprio também.

— Precipitado? Podemos ser precipitados no amor (ouvi dizer que é preferível), mas nunca em nada que seja monstrológico!

Ergui a mão dela até os meus lábios.

SEIS

Na recepção do Plaza Hotel, cinco e quinze, e o mensageiro está atrasado.

Ou talvez não esteja.

Um casal mais velho, vestido com trajes de noite, está conversando com o recepcionista. Eles vão à ópera. Gostariam de uma sugestão de lugar para jantar, aonde se possa ir a pé saindo do teatro. O senhor é distinto, obviamente próspero, a julgar pelas roupas, e do Meio-Oeste, a crer pelo sotaque. Sua esposa é bonita, a beleza cheinha, nutrida com leite fresco, das mulheres do campo. É a primeira visita deles a Nova York.

Estou sentado do outro lado do saguão, num sofá vitoriano superestofado perto da porta, colocado a uma distância da lareira que permite ficar aquecido mas não demais.

Tenho nas mãos o exemplar do *Herald* do sr. Faulk e já li o mesmo artigo quatro vezes. No bolso direito do meu sobretudo está o revólver do doutor; no esquerdo, o canivete que pesquei no bolso do homem sem rosto no Monstrumarium.

— Mas o restaurante não fica longe *demais*, não? Tenho um problema na perna. Um ferimento de guerra antigo, sabe?

Por fora, estou calmo; por dentro, solto fumaça. Por que eles ainda não saíram para a bendita ópera? O mensageiro provavelmente está rondando do lado de fora, à espera de que eles saiam. Quero que a coisa comece.

Agora o velho está contando ao recepcionista a história da perna com problema. Foi em Cold Harbor, na primavera de 1864, e depois o general declarou: *Isto não é uma guerra; é uma matança.*

A risada em resposta do recepcionista foi do tipo nervoso, mas o velho não se ofendeu, e a conversa morreu por aí. Ele passou por mim, com a ponta da bengala bicando energicamente o piso de mármore e a fiel esposa atrás, em fila. Os olhos do recepcionista cruzaram com os meus do outro lado do saguão e eu ergui os ombros, *Velhos ranzinzas*, e tive o impulso súbito de puxar o revólver e arrancar aquele sorriso

afetado da cara de querubim dele. O que ele sabia de guerra — ou de matança?

Em menos de um minuto a porta foi empurrada e se abriu para dar entrada a um homem baixo, de cabelo escuro, que desfilou decidido à minha frente, dirigindo-se diretamente ao recepcionista. Palavras não foram trocadas, apenas a bolsa com o envelope branco e volumoso que estava na prateleira atrás do balcão foi entregue. O homenzinho o escondeu nas dobras do jaquetão e saiu com tanta rapidez quanto tinha entrado, com o queixo erguido, sem olhar para a esquerda nem para a direita. Acho que ele nem sequer me notou.

Dobrei o jornal com cuidado e o coloquei na mesa em frente ao sofá, me levantei, acenei me despedindo para o recepcionista e ele acenou de volta — *talvez eu dê um tiro nele depois* —, e caminhei para fora, onde o crepúsculo se adensava, o tráfego estava pesado com as pessoas que voltavam para casa e as que saíam para a noite, e ficara um pouco mais quente. O dia estava morrendo, mas tranquilamente, como o suspiro de partir o coração de uma garota para o apaixonado insistente.

O homem baixo de cabelo escuro segue apressado pela calçada em direção ao parque. Ele passa por um homem muito maior, que está de casacão puído e chapéu de abas largas. O homem grande está analisando uma tabela de corridas e fumando um charuto. Ele não dá atenção nenhuma ao homenzinho, mas seus olhos me atingem, e eu faço um sinal com a cabeça.

O sr. Faulk joga o charuto na sarjeta e amassa o cartão das corridas no bolso. Ele deixa que vários pedestres passem à sua frente antes de começar a seguir o homenzinho com o envelope branco e volumoso enfiado no jaquetão. Eu sigo o seguidor.

Viramos para dentro do parque, e o sol enfraquecido, que os largos edifícios de tijolos tiraram dos ombros, se desvanece acima do panorama, ao longo dos braços sem adornos das árvores que se estendem despojadamente nuas contra o céu, através da trilha ladeada de bancos em que pessoas apreciam o fim do dia, mais suave que a bochecha de um bebê, e os apaixonados que passam entre eles, imersos na crisálida cintilante de seu desejo, estão enlaçados calidamente em abraços apertados, promessas não ditas envoltas em risos aveludados.

O homenzinho de cabelo escuro para e compra um jornal de um

vendedor menino. O envelope branco desliza para fora de seu jaquetão rumo ao solo quando ele escava o bolso para pegar o trocado. O menino o pega e o coloca entre as dobras do jornal do homem antes de devolvê-lo. Durante essa transação, que dura não mais que trinta segundos, o sr. Faulk para e acende outro charuto. Eu passo por ele e, sem parar, sussurro:

— Fique com ele; eu vou com o menino.

Aparentemente o homem de cabelo escuro comprou o último jornal do menino, pois o garoto põe a sacola no ombro, abandona o posto de trabalho e vai apressado na direção da saída do parque, que dá na West Fifty-Nine Street. Eu conto até dez após ele passar por mim, depois giro nos calcanhares para segui-lo.

Vários pontos de bonde e uma dúzia de quadras mais tarde, encontro-me na Elizabeth Street, no coração de Little Italy, o bairro italiano, onde o clima anormalmente ameno atraiu para a rua centenas de pessoas de seus ninhos nos pequenos prédios apinhados. As calçadas regurgitam de mascates e trabalhadores, batedores de carteira e trapaceiros, homens solitários em jaquetas puídas, de rosto magro e olhar endurecido, nem um só deles deixando de notar meu casaco caro e meus sapatos de couro, quadrilhas de meninos tão magros como os mais velhos mas de olhar não tão endurecido, não ainda, e mães sentadas nos degraus da frente das casas com pequerruchos de chapeuzinho branco balançando no colo, com a rua atravancada de carroças puxadas por cavalos sobrecarregados e subalimentados, e por toda parte o cheiro de coelho cozido, flores frescas, lenha queimada e esterco de cavalo, além das músicas italianas a flutuar através das janelas abertas e do balbucio histérico e desesperado de mil almas humanas entulhadas no raio de três quadras.

O menino não se apressou ao passar entre a multidão; mantive com facilidade a distância que me separava dele, com o chapeuzinho emergindo aqui e ali, o chapeuzinho que me fazia lembrar outro chapéu, dois números menor, que pertenceu a outro menino em outra era. Ocasionalmente eu podia ver a sacola de jornais vazia sacudindo para cima e para baixo contra as costas dele, e pensei distinguir nela um objeto do tamanho do envelope branco e volumoso.

Ele passou pela entrada estreita de um restaurante e se enfiou na viela que começava ao lado. Virou na primeira esquina e desapareceu

atrás do prediozinho do restaurante.

E foi ali que o perdi de pista. Virei a esquina, e ele tinha sumido. A porta abaixo da escada de incêndio estava ligeiramente entreaberta; teria entrado ali? Sim, obviamente, a menos que houvessem brotado asas no menino e ele tivesse decolado para o azul.

Entrei no corredor estreito dos fundos e saquei o revólver do bolso, fazendo uma pausa para os olhos se acostumarem à súbita escuridão. Senti cheiro de pão assando, ouvi o bater de pratos e a voz estridente de um homem falando alto na cadência lírica siciliana. A luz que saía da sala por uma porta aberta invadiu uma faixa no corredor, a alguns passos de onde eu estava. Encostei as costas contra a parede, caminhei de lado até o vão da porta e, segurando a respiração, dei uma espiada na sala.

O menino estava sentado à mesa com três homens, dois dos quais muito grandes e de casaco pesado, com a cabeça abaixada sobre os pratos de macarrão fumegante e uma garrafa de vinho pela metade entre eles. O terceiro homem não era tão grande e seu casaco não era tão pesado, tampouco parecia que tivesse tocado o seu prato nem tomado do vinho, pois Pellinore Warthrop franzia a cara para qualquer coisa que turvasse as ideias ou embotasse o pensamento. Enxerguei o envelope branco ao lado do prato de um dos brutamontes.

Meu debate íntimo não durou muito. Não, eu não via o monstrologista amarrado, amordaçado e esperando ser executado. Embora ele não parecesse particularmente feliz, não tinha ar de sofrimento nem atitude de pânico diante de seus companheiros; ele até deu ao menino um de seus sorrisos doloridos e sem humor quando o garoto pendurou o guardanapo no pescoço e mergulhou o garfo no prato com ardor irrestrito. Mas eu vi a espingarda contra a parede ao fácil alcance do homem à esquerda dele. E não vi o “prisoneiro” se levantar para agradecer a seus captores pela hospitalidade, apesar da conclusão bem-sucedida da transação. O dinheiro tinha chegado, mas Warthrop não se mexia da cadeira. Isso revelava tudo. Virei e entrei rapidamente na sala.

O que estava à esquerda de Warthrop reagiu de imediato, esticando-se na direção da espingarda com agilidade surpreendente para um homem do seu tamanho. A arma estava a sessenta centímetros dele, mas até poderia estar no Harlem. A minha bala rasgou a garganta dele, arruinando a carótida, e o sangue jorrou da ferida aberta, mais brilhoso e

vibrante que o vinho. O menino se enfiou embaixo da mesa. Warthrop pulou da cadeira, com o braço esticado, mas eu estava cego para ele, cego para qualquer coisa que não fosse o outro brutamontes se atrapalhando com a pistola que havia tirado do bolso do casaco. Tive a sensação de viajar a grande velocidade num túnel escuro, ao fim do qual seu rosto queimava com a energia de mil sóis. Vi a cara dele e isso era tudo o que eu conseguia ver. Era tudo o que eu precisava ver.

Passei como um foguete pelo monstrologista, viajando à velocidade da luz, aproximei o revólver até dois centímetros da frente do homem que se expandia e puxei o gatilho.

Só faltava o menino.

FÓLIO XIII

Paradise

E EU, AGORA MAIS PRÓXIMO DO FIM DE TODO DESEJO, ALÇADO
ATÉ AQUELE FIM, COMO DEVERIA, DA CHAMA DE TODO
DESEJO.

— DANTE, “O PARAÍSO”



Canto I

UM

Circum-naveguei os anos para voltar ao mesmo lugar, pois o tempo é uma mentira imperdoável, e a Mãe e o Pai valsam para sempre nas chamas e um estranho se inclina sempre sobre mim, perguntando *Sabe quem eu sou?*, e é isto que eu preciso contar a você, esta é a coisa que você precisa saber: que nós somos infinitamente mais e nada menos que nossos reflexos no olho de âmbar.

Você está ouvindo?; você compreende? Os círculos não têm fim: eles continuam, e continuam, como os gritos dos mortos há muito partidos. Você conheceu a eternidade em uma hora? Você viu o medo num punhado de pó?

O universo é uma algaravia. O centro não se sustenta. Há um espaço de um décimo de milésimo de centímetro fora do seu campo de visão, e nesse espaço uma picada de alfinete, uma singularidade, um Nada sem palavras, sem luz, silencioso, dormente, sem dimensão, infinitamente pequeno, infinitamente profundo, como a pupila do olho de âmbar, trevas que descem todo o caminho até o fundo sem fundo, o fim do círculo sem fim.

Eu estou lá, e você está comigo, e o menino de chapeuzinho e o homem de guarda-pó branco encardido e a coisa na jarra e a crisálida imortal, sempre eclodindo, sempre à beira de nascer.

Os olhos dele são os meus olhos, o menino agachado sob a mesa, de chapéu dois números menor: largo, não compreendendo nada, implorando, aterrorizado. Este é o fim do longo túnel escuro, e eu não devo sofrer que ele encare a singularidade sem rosto; eu sou o dique que o protege da maré montante. Não precisa ser assim, a coisa arranhando na jarra e o homem de guarda-pó branco manchado dizendo *Você tem de se acostumar com essas coisas.*

Eu posso salvar o menino embaixo da mesa; eu posso salvá-lo do olho de âmbar; isso está em meu poder.

Erguendo o revólver até o nível dos olhos dele. *Você sabe quem eu sou?*

— *Não!* — gritou Warthrop, batendo no meu braço e desviando-o para cima no momento em que eu apertava o gatilho. A bala se alojou no teto e uma placa de gesso se espatifou na mesa, derrubando a garrafa, e o vinho jorrou como o sangue de Cristo ao receber o golpe da lança romana. O monstrologista agarrou o meu pulso, desviando novamente o revólver na minha mão, e me empurrou para a saída.

Uma porta bateu atrás de nós. Gritos roucos, um tiro, e logo estávamos no corredor, fugindo pela viela de calçamento de pedra gasta pelos passos de dez mil pés, com a mão de Warthrop como um torniquete em volta do meu antebraço, evitando a Elizabeth Street, ziguezagueando pelas ruelas entre os prediozinhos, com velhos sentados jogando cartas em mesas redondas e sorvendo aguardente, meninos lustrando moedinhas nas paredes cheias de fuligem, risadas distantes, o rosto de uma garota bonita na janela de um terceiro andar e a respiração pesada de Warthrop na minha orelha:

— Agora sim você fez uma boa, seu idiota.

As entranhas dos prediozinhos nos levaram à Houston Street, onde acenamos para um táxi, abrimos a porta afobados e ele me empurrou para o outro lado do assento. Gritou o endereço para o motorista e afundou no assento enquanto o táxi saltava para a frente. Segurou o revólver em cima do colo por várias quadras, olhando para fora pela janela, e prendeu a respiração enquanto eu lutava para recobrar a minha.

— Salvei o senhor — disse eu, ofegante.

Ele se virou rapidamente para mim e rosnou:

— O que foi que você disse?

— O senhor disse que eu fiz uma boa, e foi exatamente isso que eu fiz.

— Salvou a mim? É isso que você pensa?

Ele tremia de furor. Ergueu o punho, congelou-o diante do meu rosto por um momento agonizante, depois socou a própria coxa.

— Você pode muito bem ter assinado a minha sentença de morte.

DOIS

Abram von Helrung colocou a taça de vinho do Porto na minha mão e foi se sentar no divã ao meu lado. Ele cheirava a fumaça de charuto e àquele odor mofado de coisa muito velha. Eu podia escutar a sua respiração estertorando no fundo do barril do peito.

— Aí está você, meu caro Will — murmurou. — Aí, bem aí — dando tapinhas na minha perna.

— Que diabo você está fazendo, Von Helrung? — quis saber Warthrop. Ele estava em pé junto à janela, observando a Quinta Avenida. Não saíra dali desde que chegáramos. Sua mão se remexeu no bolso em que estava o revólver.

— Escute, Pellinore — seu velho mestre o repreendeu com delicadeza. — Will Henry é só um menino...

O monstrologista riu, com aspereza.

— O seu “menino” acaba de matar dois homens a sangue-frio! Indo direto ao ponto: ele declarou guerra à Camorra, que não vai se limitar a dar o troco a ele... ou a mim, ou mesmo a você, *Meister* Abram. Aqueles homens não eram simples soldados da infantaria; eles eram sobrinhos de Competello, filhos da irmã mais nova dele. Podemos esperar um morticínio por atacado.

— Não, não, não, *mein Freund*. Não, não vamos nos perder nessa conversa selvagem de guerra e retaliação. Ele é um homem razoável, como nós somos, todos nós somos, homens razoáveis. Vamos conversar com Competello, explicar a ele...

— Sim, claro! Tenho certeza de que ele vai compreender como dez mil dólares justificaram a execução da sua família!

— O dr. Von Helrung me disse que ele devia um favor ao senhor — falei, mantendo o tom de voz controlado. Não era fácil. — Não fazia sentido ele sequestrar o senhor...

— Cale-se, seu imbecil de cabeça quente! — gritou o monstrologista. — Trair o código da Mão Negra é inaceitável.

— E foi precisamente por isso que eu o traí!

Warthrop abriu a boca desmesuradamente, fechou-a com um estalo e

depois voltou a abri-la:

— Posso matar você eu mesmo e economizar um problema.

— Mas Competello deve alguma coisa ao senhor ou não? — perguntei.

— Pellinore — disse Von Helrung com suavidade, mas instando uma resposta. — Temos de contar a ele.

— Contar o que para mim?

— De que vai adiantar isso agora? — perguntou Warthrop, me ignorando.

— Assim ele vai entender.

— Você atribui valor demais a ele, Von Helrung — disse o doutor com acidez, virando-se de costas para a janela.

— A dívida foi paga, Will — informou Von Helrung —, a lousa foi apagada. Assim, Competello não tem mais nenhuma obrigação a cumprir.

Balancei a cabeça. Não estava entendendo. Talvez Warthrop estivesse certo: o velho monstrologista estava me atribuindo valor demasiado.

— O homem que foi baleado no Monstrumarium, ele era um olheiro, não um ladrão — explicou Von Helrung.

— Ele era...? O que o senhor está dizendo, *Meister* Abram? Ele era um camorrista?

— Ah, meu Deus! — exclamou Warthrop, de costas para nós.

— Pellinore e eu pensamos que seria melhor colocar alguns homens lá, só para vigiar as coisas até o dia da apresentação no congresso. Fui eu que sugeri chamar a gangue de Competello para fazer o serviço. Os irlandeses foram surpreendidos por ele, o pobre coitado seguiu atrás deles lá embaixo e foi emboscado pelas costas, e depois... bom, você sabe o resto. O troféu foi arrancado da nossa guarda.

— Não — fez Warthrop com firmeza. — Ele foi *entregue em mãos* por uma certa mentalidade arrogante chamada aprendiz que possui a sutileza de uma toupeira de três dedos nas patas!

— Eu não quero mais escutar nenhum comentário cruel e sem sentido desse tipo — disse Von Helrung com aspereza. Ele apontou o dedo para o doutor.

— Muito bem; vou me ater a comentários com sentido.

— O dr. Warthrop não tem culpa no assassinato daquele homem no

Monstrumarium — concluí. — Então por que ele foi sequestrado? — Eu, a toupeira de três dedos, estava tentando enxergar o que havia atrás daquilo.

— Porque o meu sequestro não teve nada a ver com aquilo! — O monstrologista não conseguiu se segurar. — Você começou a perceber a pressão terrível que existe em cima do meu trabalho, Von Helrung?

Von Helrung deu um tapa na própria perna e disse:

— Pellinore foi procurar Competello para apresentar suas condolências... e para pedir ajuda, como expliquei ontem, Will. Meu velho pupilo ignorou o meu conselho de que ninguém perturba um cachorro que está dormindo e que pedir um favor a alguém que acabou de pagar com sangue outro favor não faz parte das boas maneiras. Competello se ofendeu, *como eu avisei a ele* — disse Von Helrung a Warthrop, fitando-o por baixo do matagal das espessas sobrelhas brancas. Depois se virou para mim. — Você sabe o restante. Ele fez Pellinore se tornar seu “hóspede” demandando pagamento por sua generosa “hospitalidade”. Não tanto pelo dinheiro, penso eu, mas para marcar posição.

— O senhor poderia ter me contado isso, *Meister Abram* — eu me queixei. — O senhor *devia* ter me contado. Se tivesse feito isso, aqueles homens ainda poderiam estar...

— A questão é que eles *não estão* — latiu Warthrop. — E agora não apenas você fez um inimigo mortal de um aliado potencial como também eliminou a possibilidade de sobrevivência do maior achado da monstrologia nos últimos cem anos! A última da espécie! Eu deveria ter imaginado que você, como aprendiz do maior biólogo de aberrações que jamais existiu na face da Terra... — ele gaguejou por um instante, com a ideia lhe escapando —... que esse fato pudesse ter ocorrido ao seu cérebro reptiliano antes de se meter a brincar de cavaleiro andante diante da minha donzela em perigo!

— Donzela em perigo? — estranhou Von Helrung.

— Uma metáfora deslocada... mas não inapropriada.

— Eu vou falar com eles — disse eu, levantando-me. — Vou explicar a Competello...

— Ah, essa é mesmo uma ideia genial! — replicou Warthrop, sardônico. — Tenho a certeza de que ele será muito compreensivo.

— O jovem Will está certo, apesar de tudo — disse Von Helrung. —

Temos de fazer as pazes com a Camorra — continuou, endireitando as costas. — E esse dever recai sobre o presidente da Sociedade.

— Absolutamente não — replicou o doutor. — Você não é o profeta Daniel e não existe nenhuma caverna dos leões, *Meister* Abram. Está mais para ninho de víboras. Ah, ah! Uma metáfora inteiramente apropriada. Concordo em que precisamos de um emissário, alguém para representar a Sociedade, mas não alguém tão vital para ela ou conectado de alguma forma com este negócio. Alguém, para ser perfeitamente franco, que possamos nos dar ao luxo de perder no caso de nossas desculpas não serem aceitas...

A sineta tocou. Warthrop enfiou a mão no bolso do casaco. Fechei a minha no cabo do canivete e dei um passo na direção de Von Helrung. O mordomo do velho senhor apareceu.

— Senhor, o dr. Walker chegou.

— Bom! — disse Warthrop. — Bom!

TRÊS

Nossa volta ao Plaza Hotel foi marcada pelo silêncio; a atmosfera no táxi era decididamente ártica. Warthrop fitava a paisagem e eu não olhava para nada. Ambos fervíamos por dentro. Eu não estava convencido de ter feito besteira ao salvar a vida dele mais uma vez. Ele também estava convencido de que o que eu havia feito iria lhe custar, em última instância, a vida — e, pior ainda, a sua preciosa reputação. O tempo estava se esgotando. A grande apresentação da joia da coroa de sua carreira estava quase chegando, e a possibilidade de um fracasso profissional, para ele, era mais acabrunhadora que a morte. Em parte, eu entendia. Céu e inferno, como ele dizia com frequência, eram assunto para os teólogos e para aqueles “hipócritas piedosos” que deixavam cair um dólar e uma oração na cesta todo domingo, como jogadores astutos fazendo uma aposta. Mas Warthrop não era nem apostador nem hipócrita. O único julgamento que ele temia era a danação eterna de uma vida esquecida e sem reconhecimento.

Um homem alto de ombros largos estava à nossa espera na recepção. Warthrop se enrijeceu ao vê-lo.

— Sr. Faulk — disse ele, apertando os dentes. — Não me recordo de ter solicitado o prazer da sua companhia.

— Só vim para dizer uma coisa ao sr. Henry — respondeu o sr. Faulk. — Mas agora não importa mais, vendo que o senhor está são e salvo.

— Mas eu não estou — e relembrei o ferimento dele. Eu não o tinha visto caminhar mancando, mas isso não seria incomum. O monstrologista sentia um prazer perverso em esconder sua dor.

— Creio que seria uma boa ideia se o sr. Faulk permanecesse aqui no saguão até recebermos notícias do dr. Walker — sugeri.

O doutor ia dizer alguma coisa, mas preferiu mudar de assunto:

— Isso seria uma dificuldade, sr. Faulk? — e passou uma nota de vinte para a mão dele.

— Não seria dificuldade nenhuma, dr. Warthrop — disse o fiel sr. Faulk em voz baixa. — Aqui? Seria melhor esperarmos no quarto com o senhor.

— Não é necessário. — Parecia haver algo no homenzarrão que enervava Warthrop. Não a mim. Eu apreciava de verdade a companhia dele.

O sr. Faulk deu de ombros:

— Por mim, está bem. Vou telefonar para o seu quarto se aparecer alguém fazendo perguntas — e se virou para mim. — Mais azul que vermelho, sr. Henry?

— Totalmente — respondi. — Vermelho nenhum.

Meu mestre se apoiou na parede do elevador e fechou os olhos:

— Que eu me lembre, havia um pouco de vermelho, “sr. Henry”.

— O sr. Faulk estava se referindo a uma conversa que tivemos sobre a natureza do amor.

Um olho se abriu:

— Você trocou ideias sobre o amor com o sr. Faulk? Que extraordinário!

— Ele é um homem muito sábio.

— Hmm. Bom, esse “homem muito sábio” é procurado em três estados pelo crime de assassinato em primeiro grau.

— E anda por aí perfeitamente livre. O que prova como é sábio.

— Isso não é sabedoria; é sorte — bufou ele.

— Das duas coisas, prefiro ter a segunda. Muito mais. De volta aos quartos, ele começou a fazer a barricada, empurrando a cômoda grande até a porta, verificando os fechos das janelas oito andares acima do nível da rua e por último fechando as pesadas cortinas. E caiu no sofá, arfando em busca de ar.

— Eu verificaria a bandagem também — disse eu, apontando para sua perna esticada.

— Você deveria se considerar um rapaz de sorte por eu não atirá-lo lá para baixo.

— Há uma coisa que ainda não compreendo.

— Só uma?

— Por que um resgate tão baixo? O senhor não deve ter contado a Competello qual é o valor verdadeiro do troféu.

— Por que eu diria justamente *isso* a um chefe do crime?

— Então o que o senhor disse a ele?

— Primeiro, eu disse que um subordinado dele tinha sido assassinado ao prestar um serviço inestimável ao avanço do conhecimento humano

(a saber: vigiar o Monstrumarium às vésperas de uma apresentação oficial da Sociedade), e que era minha intenção recompensar plenamente a família do pobre homem. Depois eu lhe contei que era o responsável...

— Mas isso é algo que nós não sabemos. Tampouco sei por que o senhor foi procurá-lo em primeiro lugar.

— Nós sabemos que foram os irlandeses... Parte de um empreendimento criminoso organizado ou não, sem dúvida eles eram irlandeses, e não existe amor de perdição entre os sicilianos e os irlandeses. Antes da sua chegada para selar nossas garantias de morte, extraí o compromisso dele de ajudar-nos na busca.

— Pensei que devia ter sido Walker.

— Você pensou que o *quê* devia ter sido Walker?

— Que fosse ele que estivesse por trás de tudo. A única coisa que ele deseja com mais avidez do que dinheiro é destruir o senhor.

Ele balançou a cabeça, fez um gesto com a mão, revirou os olhos:

— Contratar dois bandidinhos de meia-tigela para pegar um espécime ao qual ele próprio teria acesso fácil? Nem Sir Hiram seria tão estúpido.

— O seu raciocínio leva a considerar suspeitos todos os monstrologistas.

Ele assentiu:

— O que deixa de fora Maeterlinck e o misterioso cliente dele.

— Não é Maeterlinck. Ele está na Europa.

— Como você me disse; mesmo assim, como você poderia saber que...

— Talvez esse cliente tenha mudado intimamente de ideia e decidido roubar de volta sua antiga propriedade — apressei-me em interromper.

— Ele pode ter concluído onde o senhor iria guardá-lo em segurança. Não um monstrologista, uma vez que todos os monstrologistas têm acesso ao Monstrumarium. Mas alguém de fora que conheça bem o nosso trabalho.

— Eu concordaria com você, Will Henry, a não ser pelo fato inconveniente de que sua premissa não faz sentido. Você e o agente dele chegam a um acordo quanto ao preço, a transação é consumada, e então ele rouba algo que poderia ter conservado facilmente? Como disse o próprio Maeterlinck, há homens que pagariam o resgate de um rei pelo troféu... embora ele não o tenha oferecido a eles quando teve a

oportunidade. Em outras palavras, por que ter tanto trabalho? A *única* hipótese que combina com os fatos é a do intermediário que foi enganado de alguma forma: que você o roubou em vez de comprá-lo, e a parte prejudicada tomou de volta o que era dela de direito.

A acusação dele pairou no ar. Não tive dúvida de que Warthrop tomou o meu silêncio como uma confissão, porque prosseguiu:

— Você está comigo há quase seis anos. Às vezes chego a pensar que você compreende este negócio sujo e tenebroso melhor do que eu, mas essa compreensão leva à arrogância e a um desdém decidido pela mais simples decência humana...

— Não acho que o senhor precise me dar lições sobre arrogância ou a mais simples decência humana.

— Acho que preciso lhe dar lições sobre qualquer coisa que me pareça adequada — disse, dando um soco no colchão com a palma da mão aberta. — Não sei por que perco o meu tempo com você. Quanto mais tento lhe ensinar alguma coisa, mais você aprende as lições erradas comigo!

— Verdade? Que lições seriam essas? O que exatamente o senhor está tentando me ensinar, dr. Warthrop? O senhor está zangado comigo por ter matado aqueles homens?

— Não! Eu estou zangado com o senhor por ter me custado a reputação e por ter arruinado o mais espetacular achado da biologia em duas gerações!

— O senhor deveria estar zangado, mas é consigo próprio... e com o dr. Von Helrung... por terem mentido para mim.

— *Eu?*... Eu menti? — Ele jogou a cabeça para trás e riu.

— Sim! Por omissão! Se me tivessem dito que aquele homem estava no Monstrumarium, se tivessem compartilhado comigo o arreglo com a Camorra que resultou na morte dele...

— E por que alguém iria compartilhar uma coisa dessa com você?

— Porque eu sou... — Não soube o que dizer, com as faces queimando, as mãos estendidas e duras dos lados.

— Isso, me diga — falou ele em voz baixa. — O que você é?

Molhei os lábios. Minha boca estava seca como um osso. O que eu era?

— Mal-informado — disse, finalmente.

Ele pareceu pensar que eu tinha dito uma esplêndida frase de efeito.

Ainda estava rindo quando o telefone tocou. Fiz menção de me levantar para atender e ele me segurou. A risada dele morreu abruptamente quando escutou a voz do outro lado da linha.

— Sim, por favor, traga-o aqui de uma vez — disse, desligando. — Ajude-me a tirar essa cômoda da frente, Will. Vamos receber uma entrega.

Um momento depois, soou uma leve batida na porta. Warthrop, não deixando nada ao acaso, sacou o revólver e gritou:

— Quem é?

— Faulk.

Ele abriu o trinco e a porta. O sr. Faulk entrou com uma caixa do tamanho de um chapéu. O doutor fez sinal para que ele a colocasse na mesa junto às janelas e trancou a porta.

— Quem? — perguntou Warthrop, voltando a guardar o revólver no bolso e examinando a caixa sem tocar nela. Sua agitação era palpável.

— Não deixou o nome, mas é um velho amigo. Desta noite mesmo, mais cedo — respondeu o sr. Faulk. — Baixo, moreno, com cheiro de doente.

— O mensageiro de Competello — disse eu.

Warthrop fez um sinal com a mão para mim sem se virar.

— “Um presente para o bondoso dr. Warthrop”, foi o que ele disse — informou o sr. Faulk.

— Permançam afastados... Encostados na parede, por favor — o monstrologista nos instruiu. — Suspeito de que sei o que é este “presente” mas ter cuidado nunca é demais.

— Esse é o meu lema, doutor — replicou o sr. Faulk. Ele foi para a outra ponta do quarto e me convidou a segui-lo. Warthrop esfregou as mãos vigorosamente, depois fez um cone com elas sobre a boca e soprou forte. Colocou o dedo indicador na beirada da tampa da caixa e, cautelosamente, fez pressão para cima. O sr. Faulk e eu seguramos a respiração, com o corpo tenso.

A tampa se abriu... e o monstrologista recuou, erguendo as mãos para proteger o rosto, com o tom de voz em crescendo para dar um grito de angústia que não era deste mundo, o mesmo grito que anos antes eu havia escutado do alto de um monte de esterco, onde ele tinha encontrado o cadáver sem rosto de sua amada em meio ao lixo fedorento. Ele girou, dando um encontrão na mesinha de centro, perdeu

o equilíbrio, ou talvez a vontade de permanecer ereto, e caiu de joelhos com um gemido agudo. O sr. Faulk e eu acudimos, ele em direção a Warthrop, eu em direção à caixa.

Uma massa informe de cabelo branco emaranhado e fofo parecia flutuar sobre uma cabeça salpicada de sangue, de nariz proeminente, faces manchadas pela idade e olhos azuis brilhantes, o azul mais brilhante que eu já tinha visto, a fitar o nada com uma expressão do horror mais puro e mais completo: a cabeça severa do dr. Abram von Helrung, com os lábios grossos bem esticados em volta da coisa com a qual haviam estufado sua boca, a coisa de olhos de âmbar sem pálpebras que tinha me capturado primeiro no porão quando eclodira da casca, e eu, o corrompido, o coroamento da obra da evolução abismado pela pureza de seu ser, sua ausência de deus, sua ausência de pecado, sua perfeição sem consciência, agora me fitando de volta sem olhos, o olho amarelo morto e o olho azul morto me sugando até ser esmagado nas profundezas sem ar e sem luz.

Atrás de mim, o monstrologista gemeu:

— O que você fez?

Não sei se ele estava falando com Von Helrung ou comigo. Podia ser com ambos. Podia não ser com nenhum.

— *Em nome de Deus, o que foi que você fez?*

Nada, nada, nada, em nome de Deus, nada.

QUATRO

Abram estava morto e Pellinore estava inconsolável. Eu nunca o tinha visto tão abatido e desamparado, derrubado pelo que ele chamara de “maré escura”. Ele gemia e chorava, gritava e lançava maldições; até o sr. Faulk sentiu que aquilo não poderia continuar indefinidamente: ou Warthrop levava a melhor sobre o feitiço ou o feitiço levava a melhor sobre Warthrop. Eu carregava uma responsabilidade especial, não porque me sentisse de alguma forma responsável pela morte de Von Helrung — não, o destino havia decretado que eu seria o seu único cuidador, o guardião solitário do *animus* warthropiano. Eu tinha levado anos para compreender isso. Ele não precisava de mim para sustentar o seu corpo. Ele podia empregar uma cozinheira para alimentá-lo, um alfaiate para vesti-lo, uma lavadeira para manter suas roupas limpas, um valete para escoltá-lo. O que ele não podia se proporcionar, embora possuísse a riqueza de Midas, era o serviço *indispensável* que apenas eu sabia realizar, era o cuidado e o alimento de sua alma, o sustento de seu intelecto altaneiro e o banho de realidade incessante em seu ego autocomplacente, inchado, resmungão, intolerante, o chamamento a substituir o ególatra *Eu sou!* pelo silencioso e inexorável *Eu sou?*

Entendi o meu dever naquela hora. Compreendi com maior clareza o que devia fazer, mais do que o tinha feito em Áden, em Socotra ou mesmo na Elizabeth Street. Compreendi isso bem demais. *O que é você?*, ele perguntara. Era uma questão sem sinceridade. Ele sabia muito bem o que eu era, o que eu sempre havia sido sem que nenhum de nós precisasse entender, muito menos dizer. E que importância tinha se o fizéssemos? Teria mudado alguma coisa?

Ele não começa em lugar nenhum. Tampouco termina em lugar algum.

Liguei para a recepção e pedi chá. Coloquei uma dose saudável de sonífero na xícara dele e a pus em suas mãos. *Tome, doutor. Tome.* Depois de alguns momentos, ele me deixou levá-lo para o quarto, onde se jogou na cama e se enrolou como um feto, o que me fez lembrar-me de seu pai, que anos antes fora encontrado na mesma posição, nu como

no dia em que nascera, morto. Fechei a porta e voltei à sala de estar, onde o sr. Faulk me esperava. Ele estava contemplando a cabeça, com as sobrelanceiras espessas franzidas numa concentração existencial. Ele também compreendeu o seu dever naquela hora.

— É uma pena, sr. Henry. Eu sempre gostei do velho.

— O último da espécie — disse eu, não sem alguma ironia. — Ele deve ter mudado de ideia e ido falar pessoalmente com Competello. Só espero que tenha trazido Walker com ele e que essa *outra* cabeça esteja boiando em algum lugar no rio East.

Caí no sofá e fechei os olhos. Apertei as pontas dos dedos com força contra as têmporas, até que rosas vermelhas floresceram na escuridão.

— O assunto está resolvido agora — disse o sr. Faulk.

— Suponho que sim — concordei. — Da perspectiva de Competello. Mas a compensação de verdade seria a *minha* cabeça vir nessa caixa, sr. Faulk.

— No fim das contas, a coisa ainda está nos seus ombros, sr. Henry. Abri os olhos.

— Na Elizabeth Street, entre a Hester e a Grand, fica um pequeno restaurante; não lembro o nome.

Ele balançou a cabeça.

— Acho que conheço o lugar.

— Ótimo. Comece por ele. Se o *padrone* não estiver, alguém lá vai saber onde você pode encontrá-lo. — Pesquei um dos cartões de Warthrop do meu bolso (sempre trazia um sortimento deles comigo) e o dei para ele. — Diga que o doutor gostaria de marcar um encontro.

— Quando? — perguntou o sr. Faulk.

— Às nove.

— Aqui?

Sacudi a cabeça.

— Ele não vai vir até aqui. Precisa ser num lugar público... ou pelo menos onde haja bastante gente — e lhe dei o endereço.

— O doutor?

— O que ele tomou é suficiente para nocautear um cavalo.

— É melhor ele não ficar sozinho — disse ele. — Conheço um cara, um sujeito muito de confiança.

— Tudo bem. Mas seria melhor dois. Um do lado de fora da porta e o outro lá embaixo, do lado da escada, na recepção.

Ele concordou, e seus olhos foram de novo atraídos para a caixa.

— O que é isso na boca?

— A causa disso tudo. Não sei o que mais atormenta Warthrop: a morte do melhor amigo, a morte dessa coisa ou a morte de algo que não é inteiramente corpóreo.

— Como, sr. Henry?

— Não foi Yorick que causou sofrimento ao dinamarquês, foi?

— Não entendi nada, sr. Henry, estou boiando nessa. Yorick? Dinamarquês?

Fiz um gesto de deixa para lá com a mão:

— É uma história muito antiga. Já saiu da moda.

Ele saiu para fazer a sua parte e, depois de uns minutos de arrumação, eu saí para a minha. Deixei a caixa sobre a mesa; os olhos de Von Helrung me seguiram por todo o trajeto até a porta. O dia tinha esfriado bastante, mas o céu estava claro, e *não há carga, não há peso sobre os seus ombros*. Cheguei à Riverside Drive me sentindo como se tivesse entrado num sonho, ou talvez saído dele: minha cabeça estava tão clara como o céu. O mordomo me informou que Lilly e a mãe dela tinham saído para fazer compras, mas eu podia ficar à vontade para esperá-las no vestibulo, o que fiz com a paciência de Jó, sorvendo um gim com gotas de *bitter* e observando a luz do sol deslizar pelo chão, escutando o *drum-drum* tristonho dos rebocadores e a cuspida ocasional do escapamento de uma motocicleta que passava trepidando. O mordomo trouxe um prato de sanduíches de pepino, que estavam muito bons, mas eu desejava algo com mais substância. Terminei meu terceiro gim e depois dei uma cochilada. Acordei num arranco, ignorando por um momento onde estava, pensando que tivesse voltado à Harrington Lane, com o doutor lendo no quarto ao lado, o jantar terminado, os pratos lavados e empilhados, e essa foi a melhor parte da noite, quando Warthrop me deu um pouco de paz e eu me senti um pouco menos sobrecarregado, com o peso sobre os ombros um pouco menos opressivo. Escutei a risada das mulheres que vinha do fundo da casa, mais jovial que a água a jorrar de uma fonte, e Lilly surgiu em um vestido cinza-acastanhado, com os pés descalços; eu nunca tinha visto os pés dela e me forcei a não ficar olhando fixamente para eles.

— Aí está você! — disse ela. — Por quê? E por favor não comece a conversa dizendo que não tinha nada melhor para fazer ou alguma outra

observação insultante que você confunde com humor.

— Eu queria ver você.

— Ah, essa é que é uma excelente resposta, sr. Henry.

Ela estava de bom humor. Tirou o chapéu, balançou os longos cachos. A situação toda fez a minha boca ficar seca, e pensei em pedir que o mordomo fosse me buscar mais um drinque.

— Mas é um tanto embaraçoso, você não acha? — prosseguiu ela. — Você já tinha dito adeus.

— *Eu não* — retruquei. — Eu não disse adeus.

— Então deve estar trazendo notícias. Não, deve estar sim, estou vendo pela sua cara. Você é mais fácil de ler do que pensa, sr. Henry.

— Para você, talvez.

— Honestidade e bajulação? Então não se trata de notícias; você deve estar querendo alguma coisa.

Fiz que não com a cabeça e chupei um cubo de gelo.

— Não há nada que eu queira.

Ela se inclinou para a frente e descansou os antebraços nos joelhos. Seus olhos realmente eram idênticos aos de seu tio. Era irritante.

— Então qual é a notícia?

— *A T. cerrejonensis* não existe mais.

Ela hesitou:

— E o dr. Warthrop?

— Nada será capaz de matar Pellinore Warthrop. Ele é tão imutável como o ar.

— Então você salvou a vida dele... mas não o troféu.

Fiz que sim com a cabeça, esfregando as mãos como se elas estivessem frias. Elas não estavam.

— Eu o salvei...

— Você o salvou, *mas*.

Fiz outro movimento de cabeça.

— Matei dois homens, e quase um terc...

— Um terço de outro homem?

Não consegui segurar a risada:

— É uma boa forma de dizer o que houve.

Ela refletiu por um instante:

— Uma criança?

Fiz que sim mais uma vez e esfreguei as mãos.

— Por que você quase matou uma criança, Will?

Não consegui suportar o olhar dela. Ergui a mão no ar sem sentir, como se estivesse espantando uma mosca.

— Havia... É muito difícil não... As coisas estavam acontecendo depressa demais, e você nunca vivenciou momentos como aquele, momentos rápidos demais, em que você tem menos de um instante para decidir, quer dizer, na verdade não há tempo nenhum para decidir coisa alguma, porque você já decidiu tudo antes ou então é tarde demais, tarde demais para decidir alguma coisa...

Eu não estava olhando para ela, mas sabia que ela estava olhando para mim, estudando a minha cara com cuidado, não sei dizer por quê.

— Você sabia que iria matar os dois homens — começou ela, solícita. Aliviado, eu disse: — Sim, isso eu sabia.

— Mas não a criança.

— Um menino — esclareci. — Era um menino de seus sete anos... não mais que doze. Ele talvez fosse pequeno para a idade, com aquele chapeuzinho puído, e magro, parecia que tinha passado semanas sem fazer uma refeição decente...

Ela levantou a voz de repente, e eu comecei, em minha poltrona: — Mãe! Venha, Mãe; eu sei que você está aí.

E ela estava: a sra. Bates surgiu junto à porta e disse, com um sorriso pequeno e triste: — Ah, pensei que era a voz de Will Henry. Como vai, Will? Quer comer alguma coisa?

Lilly sorriu para mim e disse:

— Quer ir para o meu quarto? A privacidade é um bem *muito* precioso nesta cidade — e, virando-se, sorriu para a mãe.

Uma vez no andar de cima, ela fechou a porta e se jogou de través na cama, apoiou o queixo nas mãos e apontou para a cadeira Rainha Ana situada junto à janela.

— Ela me vigia o tempo todo — confidenciou.

— É por isso que você foi enviada para estudar no exterior?

— Foi um dos motivos.

Uma pequena lareira fora construída para espantar a friagem da tarde. A lenha crepitava, estalando; as chamas a lambiam, saltando. Minha boca estava seca novamente. Eu deveria ter trazido o meu copo de gelo.

— Então havia um menininho pele e osso que você *quase* matou.

Você se deteve ou chegou a machucá-lo?

— Nenhum dos dois. Warthrop me deteve.

— Ele fez isso? Bom, então ainda existe alguma esperança para ele, no fim das contas.

Não tive certeza, mas me pareceu que ela deu uma leve ênfase à palavra “ele”. Decidi não discutir o assunto.

— Pensei que você gostaria de saber.

— Sobre o menino ou sobre o fato de que você matou duas pessoas ou sobre Warthrop estar vivo?

— Todas essas coisas.

— E você estar vivo.

— Sim, claro. Isso nem era preciso dizer.

— E a criatura que foi perdida durante o resgate.

— Depois.

— Mas como isso pôde acontecer, Will? — Ela balançava as pernas para trás e para a frente, com os calcanhares nus cruzados. — Pensei que os irlandeses estivessem com a *T. cerrejonensis*.

— Pelo jeito, os italianos conseguiram arrancá-la deles.

— Como parte do favor que deviam a Warthrop. E depois a mataram porque você matou dois deles.

— Exato.

— Eles não devem ter percebido o valor da coisa.

Senti calor no rosto. Com certeza por causa da lareira: — Não tenho certeza de que eles vejam muito valor num período de vida geológico.

— Warthrop deve estar muito deprimido.

— Com certeza.

— E muito zangado com você.

— É pouco para descrever o que ele sente.

— Ele vai superar. Ele sempre faz isso, não?

— Ele tenta.

— Você devia lembrá-lo de que salvou a vida dele.

— Ele não vê desse modo.

— Mas deveria ver. Ele é um convencido. Nunca entendi por que o titio gosta tanto dele.

Pigarreei:

— Ele pensava em Warthrop como um filho.

— Meu tio não teve filhos. Então, para ele praticamente todo o mundo

é. Ele tem coração muito mole para um doutor em monstrologia.

— O último da espécie.

— O que isso significa?

— Nada. Só que... uma coisa que sempre me surpreendeu foi a gentileza de seu tio... a... delicadeza dele. O que ele fazia não combinava com o que ele era.

— Você está falando dele no passado.

— Estou? Nem reparei.

— Alguma coisa aconteceu com o tio Abram, Will?

Olhei para dentro daquele azul límpido até o fundo e disse: — Não sei do que você está falando.

Ela fez um gesto de dúvida com a cabeça.

— Foi o que eu pensei.

— O quê? O que foi que você pensou?

— Que ele era gentil demais, delicado demais, e confiava demais nas pessoas — Ela franziu o nariz. — Ele daria um excelente diácono, ou professor, ou poeta, ou até um cientista em qualquer área que não fosse a biologia aberrante. Suponho que seja por isso que o seu mestre gosta tanto dele também; ele vê no meu tio a possibilidade de que você não precise se tornar um monstro para caçá-los.

— Bom — disse eu com uma risadinha. — Você não precisa caçá-los para se transformar *naquilo*.

Ela ergueu a cabeça para mim, com um sorriso brincando nos lábios: — Eu vi Samuel hoje.

— Quem? — Por um instante, minha mente ficou vazia.

— Isaacson, a mediocridade. Ele me contou uma história inacreditável... tão inacreditável que não pode ser verdade. Ou sou eu que estou de pé atrás. Tão inacreditável que *deve* ser verdade.

— Eu o pendurei na Ponte do Brooklyn e ameacei soltá-lo se ele não confessasse ter...

Ela ergueu a mão:

— Por favor. Não quero ouvir a mesma história pela segunda vez.

— Para dizer a verdade, eu estou surpreso, Lilly. Não pensei que ele fosse capaz de contar a você.

— Mas fiquei curiosa sobre uma coisa. Se ele tivesse respondido sim à sua pergunta, você o teria soltado por causa do que ele fez?

— Isso importa? — perguntei. — No fim das contas, eu não o soltei.

Eu me levantei. Senti-me extraordinariamente grande; até me encolhi, com receio de que a minha cabeça batesse no teto. Ela não se mexeu quando avancei. Ficou parada enquanto eu chegava cada vez mais perto. E me ajoelhei ao lado da cama para o meu rosto ficar na altura dos olhos dela.

— O monstro morreu; o monstro nunca morre. Você pode pegá-lo; você nunca conseguirá pegá-lo. Cace-o durante mil anos e ele sempre estará fora do seu alcance. Mate-o, disseque-o, coloque as partes dele numa jarra ou espalhe-as pelos quatro cantos do mundo, mas ele permanecerá para sempre um décimo de milésimo de centímetro fora do seu campo de visão. É sempre o mesmo monstro; só muda a cara. Eu poderia tê-lo matado, mas isso não importa de modo algum. Matarei o próximo, e o que vier depois dele, e as caras mudarão, mas não o monstro, não o monstro.

As lágrimas surgiram naqueles olhos perfeitos, e o medo desarticulado que estava neles não era muito diferente do medo nos olhos mortos da cabeça na caixa. Então, ela pegou o meu rosto em suas mãos, que estavam frias, secas e macias como seda. Ela pressionou com delicadeza os lábios contra os meus e disse: — Não tenha medo. — Os lábios a mover-se, massageando os meus. — Não tenha medo. — E vi a cabeça com olhos de âmbar na boca aberta de seu tio, os olhos que me paralisavam, que me envergonhavam, que me aprisionavam, que me apertavam, que me transformavam em pó.

Eu estava na cama; não me lembro de ter me deitado, mas descobri que estava apertando o corpo dela, estava sendo apertado pelo olho de âmbar, e ela resistia e cedia ao mesmo tempo, lutava e se rendia, e havia repugnância em seu desejo, medo em sua alegria, e a tristeza indizível da completude insaciável.

E a coisa se desenovelava em mim.

— Pare — disse ela, empurrando o meu peito. — Will. Pare.

— Não quero.

— Não quero saber se você quer ou não.

Ela me deu um tapa na cara. Empurrei-a e caí da cama — literalmente, porque meu pé escorregou no assoalho. Bati o joelho com força e grunhi de dor.

— Você não está sendo honesto comigo — disse ela, olhando de cima para baixo.

- Honesto sobre o quê?
- Eu não sei. Você sabe?
- Eu vou embora.
- É o melhor que tem a fazer.
- Preciso resolver uma coisa.
- Não vou perguntar o que é.
- Nem eu responderia.
- Então por que falar no assunto? Vá embora e pronto.
- Eu só queria dizer...
- Sim?
- ... só uma coisa. Uma coisa antes de ir embora.
- E?...
- Depois eu vou.
- Então diga.
- Se ele tivesse respondido que sim na ponte, eu não o teria soltado.
- Verdade? — riu ela. — *Eu* teria.

CINCO

Warthrop continuava a dormir. Já eu estava bem acordado; não voltaria a dormir nem que vivesse mais mil anos.

Cheguei ao Zeno Club quando faltavam quinze minutos para as oito horas e pedi uma sala particular. Não havia salas particulares disponíveis. Deslizei uma nota de cem dólares para a mão do gerente. Ah, como foi que nós esquecemos aquela sala que está fechada? Houve um cancelamento de última hora. A sala estava fria. A lareira foi acesa. Papel de parede escuro, tapete alto, cheia de estantes repletas de livros e de móveis entulhados, com pinturas de homens de princípios rígidos por toda parte. A sala tinha uma segunda porta, que dava para um corredor nos fundos. Era perfeita. Passei mais uma de vinte ao gerente e lhe pedi que trouxesse meus convidados assim que chegassem. Pedi uma Coca-Cola e me sentei na poltrona mais próxima da lareira; sentia frio até os ossos. Não conseguia espantar aquela tarde da memória. *O mais casto dos beijos...* Teria eu transmitido a ela a minha maldição, a minha bênção? Após ter saído da Riverside Drive, eu havia perambulado pelas ruas, sentindo-me como se estivesse descendo uma longa escada em caracol, uma descida não medida em centímetros ou em quilômetros, mas em horas e anos. As trevas se fechavam à minha volta; os rostos recuavam para a escuridão voraz. Para baixo, sempre para baixo eu seguia, e não existia fim; não havia fundo a atingir. Uma voz alta me chamou, uma voz de mulher, e olhei para cima e vi um rosto maquiado demais, com a blusa indecentemente desabotoada, piscando e acenando de sua altura inatingível, eu no fundo e ela no topo: *Suba, queridinho, suba*. E me imaginei a subir a escada do prediozinho, a sentir o cheiro de couve e a fetidez do desespero humano, a topar com o cafetão dela, de cara amarrada, que pegava o dinheiro e a protegia do marinheiro superpossessivo, em seguida imaginei o quarto dela e a aspereza das tábuas do assoalho sob os meus pés nus e a aspereza das suas mãos e de seu sotaque pesado, e não seria melhor tocar e ser tocado do que não haver toque nenhum? Então me apressei, fervendo por dentro com o tipo mais perigoso de raiva: a raiva concebida no

silêncio.

Às nove e quinze, numa saleta particular do clube mais exclusivo de Nova York, a raiva tinha passado, como a da criança rebelde que foi amuada para o quarto, e me sentia vazio. Minha mente estava tão imperturbável como um lago nas montanhas.

A porta da entrada se abriu e o sr. Faulk surgiu na sala, seguido por um homem baixo e forte usando jaqueta de lã e chapéu-coco. Atrás dele vinha um cavalheiro jovial, mais alto e muito mais velho, de casaco comprido de visom, com uma bengala preta brilhante. O sr. Faulk tirou o casaco dele, mas seu companheiro não quis tirar a jaqueta. Levantei-me e atravessei a sala.

— Don Francesco — disse eu, fazendo uma misura. — *Buon giorno*.

— *Signore Competello* — disse o sr. Faulk. — Este é o sr. William Henry, *allievo* [“Discípulo” em italiano. (N. do T.)] do doutor.

O *padrone* da Camorra inclinou a cabeça maciça para trás, a fim de me olhar do alto do seu nariz gordo e achatado. Ele se virou para o sr. Faulk sem me estender a mão.

— Onde está o *dottore* Warthrop? — perguntou.

— O doutor pediu-me que lhe apresentasse as suas mais sinceras desculpas — respondi. — Ele participou de um evento inesperado.

Francesco Competello se inclinou para sentar-se na namoradeira junto ao fogo, segurando a bengala verticalmente no meio das pernas, e seu companheiro ficou em pé ao lado dele com as mãos nos bolsos, olhando para nada, observando tudo. Voltei à poltrona em frente a Competello. O sr. Faulk permaneceu ao lado da porta, com as mãos vazias e soltas ao lado do corpo.

— Venho até aqui porque sou um homem da paz — disse Competello. Falava inglês com sotaque forte mas era fluente. — Foi por isso que deixei o meu país. Guerras, *vendettas*, vinganças de sangue, opressão... Eu não fugi; fui posto para fora. Também venho até aqui porque Warthrop não é meu inimigo e não quero causar nenhum dano a ele.

Assenti com gravidade. Ele continuou:

— Sou um homem de negócios, certo? Você entende? *Vendettas*, elas não são boas para os negócios. — Os seus olhos se estreitaram e ele apontou um dedo grosso como um soco na minha direção. — Mas a família é a família. *Il sangue non è acqua* [“O sangue não é água”, em italiano. (N. do T.)]. E Warthrop deveria ser incomodado por causa disso?

Eu sou a parte ofendida aqui! O que eu amo foi tirado de mim e eu não vou fazer nada? Não, não. Eu sou um homem da paz, um homem razoável, mas sangue chama sangue.

Eu continuava assentindo.

— O *dottore* compreende. Ele também é um homem da paz. Ele é um homem razoável. Ele também perdeu muito; amava Von Helrung como um filho ama o pai. As contas do livro-razão fecharam, *signore* Competello.

— É por isso que eu venho aqui, para ouvir isso da sua boca. Ele não pede muitas vezes, mas, quando pede, pede bastante. Eu dou. Eu pago a dívida que tenho para com ele, por ter trazido a mim e aos meus amigos para este grande país, e como é que eu pago? Em sangue. Mas ele me compensa pelo que eu perco? Não! Ele me pede para compensar a perda dele: “Eu preciso do *monstro* que me levaram. Você tem de trazê-lo para mim”.

— O senhor o trouxe — disse eu. — Mas tenho a certeza de que ele mencionou que teria preferido que o senhor o trouxesse vivo. Ele era o último da espécie.

Os olhos negros dele se estreitaram. Batucou com os dedos grossos na ponta dourada da bengala.

— Eu cumpri as minhas promessas — disse, sombrio. — Isso é mais do que eu posso dizer sobre ele!

Assinalei que Warthrop não tinha sido o responsável pela morte dos homens dele — nem o do Monstrumarium nem os seus sobrinhos da Elizabeth Street. Que Warthrop — e seus colegas cientistas — não tinham nenhuma desavença com os camorristas. Todos desejavam uma trégua, isso era inteiramente garantido. Na verdade, a monstrologia *precisava* de homens como Competello: razoáveis, discretos, que não se detinham diante das firulas da lei. Que a primeira morte havia ocorrido sem o nosso conhecimento e fora do nosso controle, e que as duas que se seguiram a ela eram decorrência de um terrível engano. Que lamentávamos a perda irreparável de Von Helrung, mas aceitávamos o custo de nosso engano. Que o nosso único e mais ardente desejo era a paz.

Ele escutou com atenção, o rosto de pedra, batucando com os dedos. Quando terminei, virou-se para o sr. Faulk e disse:

— Quem é este moleque e por que ele fala desse jeito comigo? Onde

está o *dottore* Warthrop? Eu sou um homem ocupado!

Eu me levantei. Pedi desculpas.

— Não vamos mais tomar o seu tempo, *don* Francesco.

Atirei na cara dele. O guarda-costas fuçou o bolso da jaqueta e atirei nele. O sujeito vacilou, depois caiu para trás; a bala o tinha atingido no peito, mas ele era um homem pesado, com centro de gravidade baixo, e eu devo ter errado a pontaria no coração. Dei um passo atrás e atirei de novo, mirando certo dessa vez. O corpo dele atingiu o chão com um baque surdo, porque o tapete era bem espesso.

O sr. Faulk estava ao meu lado. Ele pegou o meu punho e me forçou a baixar a arma. E tirou o revólver do doutor das minhas mãos paralisadas.

— Temos de ser rápidos — cochichou. Fiz que sim com a cabeça, mas não me mexi. Vi quando ele tirou a arma da jaqueta do homem.

Em pé ao lado do corpo, ele a apontou para a minha poltrona e atirou duas vezes. Depois, pegou a mão do morto e envolveu a pistola com ela.

— Agora vá, sr. Henry. — Ele me apressou, indicando com a cabeça a porta que dava para o corredor dos fundos. A maçaneta da outra porta estava sendo sacudida; haviam começado a dar pancadas frenéticas nela. Meus pés se arrastavam como se fossem de chumbo. O sr. Faulk parou em pé onde eu havia estado, entre a poltrona e a namoradeira, segurando o revólver.

— Quando eles pegarem o senhor para fazer perguntas... — comecei. Ele sorriu com a boca apertada.

— Pode ser que façam isso. Mas não farão necessariamente. Um homem tem o direito de se defender.

— Essa é a única alternativa — concluí. A única que importava. Sim. A única.

Saí.

Canto II

UM

O quarto estava escuro como breu. Passei pela soleira e fechei a porta. Mesmo sem ver, eu sabia que ele estava lá; eu podia sentir a sua presença.

— Você podia ter batido — disse o doutor, na poltrona perto da janela. Sua voz tensa flutuou pelo ar na minha direção, suspensa como uma névoa fina, etérea na escuridão.

— Não queria acordá-lo — disse eu, imóvel junto à entrada do quarto.

— Eu poderia confundir você com um intruso. Atirar em você, embora atirar em você a esta altura seja muito difícil, uma vez que estou sem o meu revólver.

Ele acendeu a luz.

— O que você está fazendo? — perguntou. — Por que está parado aí desse jeito?

— Por nenhum motivo especial.

Fui para perto dele, que me fitou com os olhos embaçados.

— Tive um sonho muito estranho — comentou. — Eu estava descendo uma escada estreita. Não havia corrimão e os degraus eram escorregadios, cobertos de limo. Eu não conseguia ver lá embaixo e nem sabia para onde ia, embora fosse imperativo que eu chegasse ao pé da escada. O tempo estava ali, em essência, mas eu era forçado a agir lentamente para não escorregar e não despencar escada abaixo. Então me dei conta de que estava na Harrington Lane e que aqueles eram os degraus que levavam ao porão. No décimo terceiro degrau, a escada virava, de modo que eu não saberia dizer quanto teria de descer ainda. Para baixo, para baixo, continuei a descer, até que não havia mais luz, eu estava descendo na escuridão total, e não havia espaço para se virar, era impossível voltar. Era a última vez, a descida final.

— A descida final... para onde? O que estava lá embaixo?

— Acordei antes de descobrir. — Ele inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos. — Onde está o meu revólver, Will?

— Com o sr. Faulk.

— E por que o sr. Faulk está com ele?

Respirei fundo. Tinha preparado uma fala e agora havia esquecido as palavras.

— Dr. Warthrop, como estava não podia ficar.

Ele apoiou as mãos nos braços da poltrona, mas não abriu os olhos.

— Você mandou assassinar Francesco Competello.

— Como estava não podia ficar — repeti. Não o corriji.

— Pare com isso — ele falou de um jorro. — Ele conseguiu?

Competello está morto?

— Está.

Ele bateu de novo nos braços da poltrona.

— Você compreende o que isso significa? Não, claro que não, ou não teria mandado fazer uma coisa assim. Você iniciou a guerra.

— Ele matou o dr. Von Helrung a sangue-frio — retruquei. — Um homem inocente que não tinha nada a ver com a morte dos homens dele. Isso não podia ficar sem dar o troco.

— “Sem dar o troco”? Foi essa expressão que você usou? “Sem *dar o troco*”? — Saltou da poltrona com tanta agilidade que eu me encolhi. — Competello é o *padrone* mais poderoso do sindicato do crime mais cruel deste país... e você o matou! Não bastava para você ter causado a destruição de um espécime biológico que não tem preço nem a morte do meu mais querido amigo. Não! Não era suficiente para você, que já tinha chegado ao fundo daquelas escadas malditas...

— Como estava não podia ficar.

— *Pare de ficar repetindo isso*. O que foi que aconteceu com você? O que você é, William James Henry? *Em que mundo* você vive? Procuro por você, mas não consigo encontrá-lo. O menino que eu conheci nunca teria...

— O menino que o senhor conheceu... onde é que ele está? Ele está em Áden, dr. Warthrop. E em Socotra. E na Elizabeth Street.

Ele sacudiu a cabeça com veemência.

— Não, isto é diferente... É um animal completamente distinto. Você não teve escolha em Áden: os russos teriam matado a nós dois se você não tivesse agido. Em Socotra, também... que escolha você teve? Kearns não ia nos deixar sair vivos da ilha. Mesmo na Elizabeth Street, você agiu de boa-fé, acreditando honestamente (apesar de estar redondamente enganado), acreditando que minha vida dependia do que

você fizesse. Mas agora isto! Isto foi um ato de vingança: precipitado, desalmado, vingativo, *monstruoso*...

— O senhor está errado! — gritei. — Não há diferença. Em mim ou no que eu fiz ou no que eu *farei*. Eu sou o mesmo; nada mudou. O senhor é o desalmado. O senhor é o monstruoso. Eu nunca pedi para ser isto, não tive escolha nem palavra nisto!

— Nunca pediu para ser o quê? — perguntou ele, calmo.

— O que o senhor fez de mim.

Ele virou o queixo para mim, medindo-me de alto a baixo com aquele olhar horripilante, com um brilho que vinha do fundo, o mesmo olhar com que ele examinava um espécime esfolado e aberto na mesa do laboratório.

— Eu sou o responsável — disse ele, devagar. — Esse é o seu argumento.

— Mais para constatação que para argumento — contradisse eu.

— Para todos os casos, é o que você está dizendo. Os russos. Os italianos. Kearns. Para cada ato seu desde que veio para mim.

— E para cada ato que também não cometi, é isso. Mesmo no caso de *Meister Abram*. Nesse também, dr. Warthrop, nesse também.

Ele cruzou os braços diante do peito e se virou. Eu continuei: — Não há espaço para pena nem para piedade nem para nenhuma bobagem sentimental... Eu não matei Competello para vingar *Meister Abram*. A vingança era o pretexto de Competello, não o meu. A mensagem contida na caixa tinha de ser respondida, o senhor sabe disso tão bem como eu, mas o dr. Kearns estava certo numa coisa: falta algo no senhor, um ponto cego que o proteja de ver todo o caminho lá para baixo, para onde descamba a conclusão inescapável da sua filosofia...

— Basta! — gritou ele. — Isso é irritante... é grotesco... é obsceno!

— É a verdade — disse eu, calmamente. — A coisa que o senhor proclama amar acima de tudo. O senhor perguntou o que eu sou, mas já sabe: eu sou a coisa que espera pelo senhor no fundo daquelas escadas.

Ele guinou para a frente, me pegou pela lapela e me suspendeu, fazendo o meu rosto ficar a centímetros do dele.

— Vou entregar você para eles. Vou dizer a eles o que você fez, e aí você poderá debater com *eles* sobre as “conclusões inescapáveis”!

Ri na cara dele. Ele me empurrou e eu tropecei na direção da porta.

Mas fiquei em pé; não caí.

— Eu cometi um erro terrível — disse ele. — Eu nunca deveria ter assumido o seu encargo... E a esse respeito você está certo: eu sou um hipócrita. Não existe lugar para a pena, e eu tive pena. Não há espaço para a piedade, a misericórdia, e eu tive misericórdia...

— *Misericórdia?* É assim que o senhor chama a isso?

— Eu sacrifiquei tudo por você! — rugiu ele. — E a cada passo você me estorvou, foi um peso para mim, me traiu! Tudo estava perfeito nos mínimos detalhes, até você enfiar essa sua cabeça no que não lhe dizia respeito.

Abri a porta de súbito. Ele me gritou para fechá-la, e eu, sempre o servo fiel, comecei a fazê-lo... então parei.

— Eu *disse feche essa porta*.

— Eu vou deixá-lo, dr. Warthrop — comentei, olhando para a porta aberta, para o corredor lá fora e para o elevador que me levaria para baixo, na descida final para o saguão do hotel e para um mundo sem monstrologia e sem as coisas que tentam com suas garras sair desesperadamente de jarras de vidro e sem a beleza horrível e desarticulada que se desenvolve em crisálidas. Minha cabeça estava leve, minhas extremidades formigavam, meu coração zumbia com a adrenalina. *Liberdade*.

Ele deu uma risada que mais parecia um latido.

— Aonde é que você vai? E o que você vai fazer quando sair daqui?

— Para o outro lado do mundo! — gritei. — Onde trabalharei para esquecer o senhor e tudo o que o senhor representa, mesmo que me tome mil anos.

Um homem tem o direito de se defender.

Essa é a única alternativa. A única que importa.

Saí.

DOIS

Cheguei correndo à Riverside Drive.

Como aquilo era absurdamente simples, pensei, e como era simplesmente absurdo: as correntes que me prendiam eram feitas de ar! A prisão que me abrigara tinha muros insubstanciais como a água; eu só precisava dar um chute forte para romper a superfície e ficar livre! Livre! Eu me arremessava a cem vezes a velocidade da luz, voando primeiro para a bilheteria, desacorrentado e desimpedido, o passado recuando para um ponto infinitesimalmente pequeno atrás de mim. Livre! Não iria mais escutar os gritos deles no meio das chamas, nem sua voz, desesperada e aguda, a me chamar: *Will Henreeeee!* — e para o inferno com todos os que dançam nas chamas e as coisas que flutuam em jarras e a prisão do olho de âmbar, o escárnio cruel das coisas monstruosas, a falta de bondade da natureza aperfeiçoada, e ele, ele, para o inferno com ele, também: o menininho de chapeuzinho que tendo perdido Deus tornou deus um daqueles que o encontraram. Para o inferno com tudo isso e com tudo o que diga respeito a *ele* e com todo o sangue extraído a serviço *dele*. Sangue, sangue, sangue, rios de sangue, sangue drenado, empapado, sufocante; chute, chute, chute com força e você romperá a superfície e poderá respirar novamente.

Respirar.

— Onde está ela? — perguntei, sem fôlego, à porta.

— A srta. Lilly? Ela está deitada e não deseja ser...

Abri caminho e subi as escadas correndo, de dois em dois degraus, finalmente cheguei ao topo, enfim no alto, irrompi no quarto dela, dando uma topada forte com o pé no baú de viagem e caindo com força para a frente, de cara no chão, esparramado no assoalho.

Escutei a porta se fechar. E a voz dela: — Você tem a cara de pau...

Apoiado nas costas, puxei o papel do bolso do casaco.

— Sim... e melhor! Eu tenho isto!

— E o que é isso?

Sentado, sacudi o papel:

— A nossa passagem para amanhã. A senhorita vai num navio veleiro

comigo, srta. Bates... para a Inglaterra!

Ela fechou a cara:

— Acho que não.

— Eu com certeza vou. — Ri ao me levantar. — Só não é na primeira classe; afinal de contas, não nasci na Riverside Drive!

Ela cruzou os braços, de testa franzida: — Não estou entendendo.

— Eu estou livre, Lilly! Terminei com aquilo, terminei com ele.

Peguei nos pulsos dela e puxei, fazendo-a abrir os braços. Ela se soltou.

— Você está bêbado.

— Estou, mas não de bebida. Não sei por que nunca vi isso antes... Mas você viu, desde o início você viu. O *meu* doutor, você o chamava assim. Eu não era *dele*; ele era *meu*. E eu posso guardar ou descartar o que é meu do jeito que quiser. Que *eu* quiser!

— Mas por que agora? O que ele fez desta vez?

Sacudi a cabeça.

— Não foi ele. — Tentei pegá-la de novo e ela tentou se soltar outra vez, mas fui mais rápido: o caçador capturou a presa. Puxei-a até ela ficar encostada em mim e disse: — Eu amo você, Lilly.

Ela virou a cabeça para o outro lado: — Não.

— Eu sim. Amo você. Desde que tinha doze anos. E faria tudo por você. Diga. Diga uma coisa qualquer e ela será sua.

Ela olhou para mim. E seus olhos eram azuis e límpidos até lá no fundo, como o lago no alto das montanhas de Socotra em que eu havia mergulhado para me lavar e me livrar de meu contágio. Eu era *nasu*, impuro, e a água gelada me purificou. *É isso!*, pensei. *E nisso reside a minha salvação.*

— Deixe-me em paz — disse ela, com suavidade. — Vá para onde quiser, mas me deixe em paz — e se libertou dos meus braços. — Você me assusta, Will. Ah, essa não é a palavra certa... Vou dizer isso do jeito correto: não sei como colocar em palavras... falta alguma coisa. Uma coisa que deveria estar aqui, algo que eu acho que estava aqui mas não está mais.

— Falta? — Senti o sangue subir ao meu rosto. O que ela estava falando? Pensei que soubesse. — Eu não estou mentindo. Eu amo você de verdade.

— Pare de repetir isso — disse ela, asperamente. — Fuja para onde

você quiser, mas não me use como desculpa.

— Eu não estou fugindo, Lilly. Eu estou encontrando o caminho.

Dei um passo à frente; ela deu um passo atrás. Por um momento terrível, fugi da tentação de lhe dar um tapa.

— Por favor, Lilly, não me rejeite. Eu não aguentaria. Eu nunca disse isto a você, e eu já devia ter dito e não sei por que nunca lhe disse, mas as suas cartas eram a única coisa que me fazia seguir em frente na vida. As suas cartas me mantiveram são, impediram que eu despencasse no vazio. Por favor, Lilly, por favor, deixe-me ir com você. Deixe-me provar que você não é uma desculpa, mas sim a razão. Eu sou um todo, eu sou humano.

— Humano? — Ela parecia perplexa.

— Ele me disse uma vez que eu era aquilo que o conservava humano, e não entendi o que ele queria dizer, mas agora penso que entendo: eu o mantenho ligado à terra da mesma forma que você faz comigo. Você mantém a minha coesão, Lilly... mas não nas trevas, e sim na luz. O seu tio me disse que nada foi decidido previamente para nós; a escolha é feita por nós, a luz ou as trevas... Ah, é impossível exprimir exatamente o que eu quero dizer!

Dei um soco com a minha mão fechada na minha mão aberta. Quanto mais me aproximava dela, mais ela se afastava. Como poderia alcançá-la?

— Desde que você me disse aquilo, não consegui tirar a coisa da minha cabeça — confessou ela. — O menininho embaixo da mesa...

— Quem? — Levei um instante para entender. A minha frustração se transformou rapidamente em raiva. — Ah. O que isso tem a ver com o que estamos conversando?

— Você ia matá-lo.

— E daí? O que importa é que eu não fiz isso.

— E por que não fez?

— Não sei; não lembro agora; não é importante.

— Você disse que foi Warthrop. Warthrop impediu você.

Vi aonde ela queria chegar, e fiquei mais irado ainda.

— Foi um acidente. Qualquer um poderia ter...

— Como, Will? Poderia ter o quê?

E a coisa escura lá dentro se libertou... se desenovelou com força suficiente para partir o mundo ao meio... e Lilly em frente a mim, com os

lábios levemente separados, e eu pressionando as mãos com força contra as faces dela, a sua cabeça delicada como a de um passarinho, e em mim a treva, o abismo, a nulidade, a singularidade esmagada, a pura loucura da minha sanidade perfeita, e ele havia dito isto, aquele que tinha tirado do rosto a face humana para expor a farsa trágica por baixo dele, pela qual lhe haviam dado o apelido deliciosamente irônico de Estripador, ele havia dito: *Os seus olhos se abriram. Você enxerga nos lugares escuros, onde outros têm medo de olhar.*

E a luz aglutinada como gelatina densa em volta do rosto dela. A luz fechava o cerco.

— *Humano* — quase gritei. — Não sei o que essa palavra significa. Lilly, me diga. Diga o que define essa palavra. O que a distingue? Você vai me dizer que é o amor? A mãe crocodilo irá defender a ninhada até a morte. A esperança? O leão perseguirá a presa por um dia inteiro. A fé? Quem pode dizer que deuses povoam a imaginação de um orangotango? Nós fazemos construções? Os cupins também. Sonhamos? Os gatos da casa fazem isso no peitoril da janela. Eu sei o que é a verdade. Eu a vi. Arranhando numa jarra de vidro. Contorcendo-se num saco. Olhando no fundo dos meus olhos com seu olho de âmbar. Nós moramos num edifício decadente, Lilly, construído precipitadamente ao longo de dez mil anos, e fechamos a cortina estreita para esconder a verdade de nós próprios.

Ela chora. Lilly chora, apertada entre as minhas mãos, com as lágrimas a correr pelas faces repuxadas pela pressão das minhas mãos.

— Como você vê, não preciso de ninguém para me conservar humano, pois não há nada humano para conservar em mim.

Soltei Lilly. Ela caiu na cama, soluçando. E gritou: — *Fora daqui!*

— Eu tenho o direito de me defender — rebati, ofegante. Era como se eu estivesse duzentos metros mais abaixo. A pressão era quase insuportável; eu não conseguia retomar a respiração. — Essa é a única alternativa. A única que realmente importa.

Saí.

TRÊS

Fui encontrar o sr. Faulk na Grand Central Station. Eu estava atrasado; ele havia chegado na hora, com a mala surrada numa mão e a passagem de trem na outra.

— Estava prestes a desistir de esperar o senhor e ir embora — disse ele.

— Tive um pequeno problema.

Cheguei mais perto dele, que colocou o revólver disfarçadamente na minha mão. Soltei-o no bolso do casaco.

— Problema sério? — perguntou ele.

— Filosófico.

— Ah, bem sério, então — e sorriu.

— Como foi com a polícia?

— O detetive é boa gente. O mesmo que era amigo do dr. Von Helrung. Eles atiraram em mim; eu atirei neles. Eles caíram; eu estou em pé. Prestei um serviço à cidade. Não foi exatamente o que ele disse, mas a essência.

Concordei.

— Vejo que o senhor já comprou a sua passagem.

— Nunca estive na Califórnia; dizem que lá faz um tempo bonito.

— Que tal a Europa? — puxei a minha passagem. — A terra dos seus ancestrais.

— Ei, essa é tentadora, sr. Henry. — Ele pegou a passagem da minha mão. — Terceira classe?

— O senhor pode pedir para trocar. Eu pago a diferença.

— Nunca viajei de navio. E se eu enjoar?

— Bolachas salgadas. Também me disseram que dançar ajuda bastante.

— Dançar?

— Bom, o senhor decide. Ele só parte amanhã.

— Mas o meu trem sai em dez minutos. Quer trocar?

Fiz que sim com a cabeça.

— Não vou para lugar algum, sr. Faulk.

— O senhor devia pensar no assunto. A polícia sabe para quem eu estava trabalhando, ela também sabe que os camorristas não estão nada felizes com o senhor.

— Já enfrentei coisa pior que a Camorra, sr. Faulk.

Ele deu de ombros.

— Não podemos contar isso para eles, podemos, sr. Henry?

Ficamos parados, rindo.

— Aquela garota — disse ele. — O senhor devia levá-la na viagem.

— O senhor é um romântico irremediável, sr. Faulk.

— De que vale a pena viver sem *isso*, sr. Henry?

Ele tentou me devolver a passagem. Fiz que não.

— Fique com as duas. Se alguém perguntar, não vou saber responder para onde o senhor foi.

Ele enfurnou as passagens no bolso, pegou a mala surrada e se fundiu com a multidão.

Saí.

QUATRO

Eu tinha falado a verdade para ele: não ia para lugar algum. Não havia lugar para onde eu pudesse ir. Nem de volta para o hotel. Nem para a casa de Lilly. Nem para a mansão de pedra marrom de Von Helrung. Nem para a Sociedade. Eu estava à deriva e sem leme, que a maré humana da grande cidade me levasse para qualquer lugar, não importava.

Não consegui lembrar quando tinha comido pela última vez, mas não estava com fome. Quando tinha dormido? Não estava cansado. Saí misturado à multidão de notívagos, como uma garrafa vazia flutuando num mar vasto e sem ondas.

Tudo estava perfeito nos mínimos detalhes, até você enfiar essa sua cabeça no que não lhe dizia respeito.

Sim, dr. Warthrop, e isso leva à seguinte questão: o que é que dizia respeito à minha cabeça?

Tive uma vaga ideia de retornar à rua estreita em que a mulher havia me chamado. Talvez, se eu tivesse ido para a cama com ela, não me sentisse tão desorientado e vazio.

Até o mais casto dos beijos...

E a Sibila respondeu: “Eu quero morrer”.

A luz mudou de amarelo para púrpura, e um dragão voou acima das lanternas vermelhas e douradas de papel. O cheiro de peixe, gengibre e fumaça ácida, a fala em sons quebrados da língua-mãe deles e a pureza escura dos seus olhos contra a pele pálida: eu estava andando à toa em Chinatown.

Havia muita gente na rua; virei no primeiro cruzamento, deixando para trás a luz berrante. Uma mulher saiu de uma porta.

— Venha, entre! Venha.

Ela me fez entrar logo. Duas moças estavam sentadas num banco de madeira, no pequeno vestíbulo. Ambas eram americanas, como a mulher, embora estivessem vestindo *cheongsams* vermelhos bordados com dragões. Elas se levantaram e vieram na minha direção, cada uma pegando em mim por um braço. Eram bonitas. Deixei que me levassem

para trás de uma cortina, onde havia um quarto mal-iluminado e cheio de fumaça. Meus olhos lacrimejaram; meu estômago se revirou. Fiquei tonto naquele ar enfumaçado e nauseante.

— Que lugar é este? — perguntei à garota pendurada no meu braço direito.

Não conseguia ver nenhuma parede. A sala parecia se estender até o infinito. Eu podia distinguir formas vagas, que pareciam pessoas, inclinadas em acolchoados e bancos largos cobertos de colchas, dúzias delas, algumas aos pares, mas a maioria sozinhas, espreguiçando-se como comedores de lótus, com os olhos a vagar sob o tremor das pálpebras. Não consegui me concentrar: meus pensamentos pareciam se dissipar, se interromper pela metade, no ar turvo.

As garotas me colocaram sobre um acolchoado vazio. A palha dentro dele estalou embaixo de nós.

— Ópio — disse eu para a garota à minha esquerda. — Não é?

Ela sorriu para mim. Seu rosto era delicado, os olhos grandes e escuros. Era a moça mais bonita que eu já tinha visto. A amiga dela — irmã? Elas se pareciam muito — retirou um cachimbo comprido e fino de uma cantoneira na parede e preparou a cuia.

— Quer experimentar? — perguntou.

A irmã dela estava aquecendo a cuia numa chama. Observei-a por um momento e disse:

— O que eu queria mesmo era algo indescritivelmente eufórico... orgásmico, na falta de palavra melhor.

— Você vai gostar — respondeu a garota. — Como é o seu nome?

— Pellinore — respondi.

A irmã dela apertou a minha mão em volta do cachimbo. Em seguida, levou-o à minha boca.

— Inspire bem fundo, Pellinore — sussurrou. — O mais fundo que puder, depois solte devagar, bem devagar, pelo nariz.

— Não me deixe sozinho — pedi.

Inalei profundamente. Meu estômago protestou, mas segurei a respiração enquanto o tempo se alongava até quase estalar, como uma linha de pesca esticada demais, e o rosto da garota se expandiu, com os olhos escuros dela dominando o meu campo de visão.

— Não existe volta — disse ela. — É como o fruto da árvore do Jardim do Éden.

E, do outro lado de mim, a irmã dela:

— Depois que você provou, não dá para voltar atrás. Quanto mais usa, mais deseja... e mais, e mais!

— O que você quer? — perguntou a primeira irmã.

— Eu quero morrer — respondi.

O rosto dela tinha inchado até ficar do tamanho da Terra. Suas pupilas estavam grandes como os continentes. Seus lábios se abriam como placas tectônicas que se separavam, revelando um abismo de cento e cinquenta quilômetros incomensuravelmente profundo.

— O mais casto dos beijos — disse ela, e sua respiração era doce como as exalações da primavera.

— Lilly — disse eu.

— Não seja casto — respondeu Lilly, e eu a beijei. Despenquei através da atmosfera dela, infinitesimalmente pequena, e o calor da minha entrada ali me separou a pele dos ossos e os ossos da medula, até eu não ser maior que um grão de areia em brasas, caindo, com a minha podridão sendo extirpada pelo fogo no éter puro dela.

Eu quero morrer, Lilly, eu quero morrer.

Então morra em mim.

CINCO

Eu sou incontível.

Não existe lugar em que eu não esteja.

Eu sou um círculo e o círculo é perfeito.

Eu sou o ovo primordial no momento em que a crisálida eclode.

Eu sou o olho de âmbar que olha para você e sou você olhando para mim.

Eu sou *das Ungeheuer*. Volte para trás.

Eu sou a salvação. Eu sou o contágio. Eu sou a perfeição.

Como a fera faz com a pele, eu me desenovelei da bobina humana.

Não há limite para mim e portanto você não existe.

Este é o meu segredo:

Eu sou *das Ungeheuer*.

Volte para trás.

O mundo ferve. O sol vermelho e irado preenche metade do céu. A luz cor de sangue se choca contra a Terra gretada, a Terra morta, a Terra deserta, a Terra sem verde, queimada e violada.

Não resta nenhum ser vivo, mas eu permaneço, intacto, treva purificada. Eu sou a treva e sou perfeito.

O que você quer? Quer morrer?

Volte para trás. Eu estou aqui, um décimo de milésimo de centímetro fora do seu campo de visão. Eu estou sempre aqui, eu sou a coisa sem rosto que você não consegue nomear, a coisa sem nome que você não consegue encarar.

Eu sou o seu desejo abominável, os braços a enredá-lo, o útero do qual você foge.

Começou a ver? Começou a compreender? Eu retalharei a sua pele com os meus dentes. Eu drenarei o seu sangue com agulhas. Eu reduzirei os seus ossos a pó com a marreta. Eu desintegrarei você átomo por átomo.

Por que finge? Você sabe o que eu sou. Por que não volta para cá?

O mundo vai acabar em luz ensanguentada sobre o solo gretado, mas eu permanecerei para sempre, a crisálida perene sempre a eclodir.

Tudo é um círculo e o círculo é perfeito.
E estes são os segredos.
Volte para trás.

Canto III

UM

O oceano está escuro e calmo; o céu, sem estrelas; não se vê o horizonte,

Um feixe de luz viola o vácuo, uma espada penetra o coração das trevas que gira à frente do meu caminho, gravando no meu olho a imagem residual de um colosso a cavalo sobre o porto. Com cem metros de altura, inexpugnável como uma fortaleza, mais antigo que as fundações da Terra.

Não há trevas tão profundas, tempestade tão violenta, terremoto nem incêndio nem maremoto a que o colosso não possa resistir. Ele permaneceu, gigante, sobre o porto por dez mil anos, e ali permanecerá por dez mil anos mais.

A luz se aproxima; a luz retrocede. Sinto o barco a vogar nas ondas suaves, entrando na zona iluminada.

E, inclinado sobre mim, o colosso.

— Sim, é Warthrop. Sim, o senhor está de volta aos nossos aposentos no Plaza. Sim, é tarde... mais tarde do que o senhor imagina. Quase três horas da manhã, a hora do Diabo, se o senhor acredita nessas coisas. Este é o décimo primeiro dia de suas férias não programadas na terra dos lotófagos. O senhor está desidratado e com muita fome... ou estará assim que a náusea passar. Não se preocupe: já mandei vir uma refeição completa assim que a cozinha abrir.

— Onze dias? — Tive dificuldade em formar as palavras. Minha língua parecia grossa e enrolada como uma salsicha.

— Há quem tenha passado mais tempo que isso num antro de ópio — e se deixou cair, cansado, na cadeira ao lado da cama. Sua aparência era horrível. A barba por fazer, as faces encovadas, os olhos vermelhos pela falta de sono, a cara acinzentada como carvão queimado. Ele encheu a xícara com um chá que já esfriara muito tempo antes.

— Como me encontrou?

Ele deu de ombros:

— Não foi complicado. Nada que uns dez ou doze monstrologistas

mais metade da polícia de Nova York não conseguissem resolver — e sorveu o chá, com os olhos escuros brilhando por cima da beirada da xícara. — Minha maior preocupação é evitar outra crise: entre a perda da *T. cerrejonensis* e você, gastei todos os favores que me deviam.

— Eu não estava perdido — disse eu.

— Permita-me discordar. Na verdade, ainda não adquiri nem a certeza de que tenha sido encontrado.

— Eu não lhe devo explicações.

— Nem eu pedi.

— Eu não lhe devo nada.

Ele assentiu. Fiquei surpreso. Ele disse:

— Mas eu lhe devo uma coisa. Uma desculpa. Você está totalmente certo, Will. Você não pediu nenhuma... — ele procurou a palavra. Depois, fez um sinal vago com a mão. — *Isto*. Mas aí está você e aqui estou eu. Troia está em cinzas e, de algum modo, você precisa encontrar o caminho de volta para casa, embora eu não tenha a certeza do lugar que ocupo no conceito: sou o mastro no qual você se amarrou ou sou a fiel Penélope?

Virei a cabeça para o outro lado:

— O senhor não é Penélope.

Ele riu com suavidade:

— Então, ótimo. Pensei que você fosse dizer que eu era o Ciclope.

— Acho que vou vomitar.

— Há um penico ali ao lado da cama.

Fechei os olhos. A ânsia passou.

— A sua analogia é equivocada — assinalei. — Não tenho uma casa para onde voltar.

Ele não discutiu:

— Claro, você será sempre bem-vindo na minha.

— Por que eu faria isso? Eu sou um peso, um empecilho. Tudo estava perfeito até eu aparecer, até este último acontecimento.

— Bom, eu não posso dizer que tenha sido o mais genial dos eventos. Ah! Além de ter desviado todas as atenções da cidade para a busca da ovelha perdida, tive de enterrar meu pai substituto e fazer as pazes com certos elementos do submundo do crime.

Olhei para ele:

— E o senhor fez? Fez as pazes?

Ele pousou a xícara e esfregou os olhos com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos.

— Digamos que as conversações de paz ainda estão em andamento.

— Qual é o preço deles? — Então respondi à minha própria pergunta:

— Eu. Eu sou o preço, não sou?

Ele deslizou os dedos pelas faces, repuxando as pálpebras inferiores.

— O assassino do *padrone* deles e do guarda-costas do *padrone* é o preço... mas o sr. Faulk sumiu sem deixar traço.

Virei-me de novo. Ele prosseguiu:

— Uma coisa em nosso favor é que a perda inesperada de Competello criou um vácuo nas fileiras deles; agora estão mais preocupados com quem vai assumir o comando sem desequilibrar os pratos da balança da justiça. Isso vai tomar bastante tempo, em todo caso.

— Tempo para fazer o quê?

— Meu voto é que mudemos a sede da Sociedade para outra cidade... de preferência para outro continente. Viena, talvez. Ou Veneza — o ar dele era sonhador. — Sempre fui apaixonado por Veneza.

— Não existem mais camorristas na Itália?

Segurei as mãos dele. Isso tinha importância? Eu disse:

— Não foi o sr. Faulk que matou Francesco Competello.

— Isso é algo que nunca vai sair deste quarto — retrucou ele.

— Segredos demais — murmurei.

— O que você disse?

Pigarreei. Eu parecia ter engolido um carvão em brasa; a carne estava sensível.

— O senhor devia ter me contado. Se tivesse, os sobrinhos dele estariam vivos, e ele também.

O rosto dele perdeu a pouca cor que ainda tinha. Ele me estudou por um longo momento, imóvel, sem expressão.

— Para quem eu iria contar? — perguntei. Eu já estava ficando aborrecido com aquilo. — Eu não tenho amigos. Não tenho família. O quitandeiro? O padeiro? Quem, Lilly? É isso? O senhor estava com receio de que eu contasse a Lilly? Por que eu contaria a ela? Ela não é nada para mim.

— Não sei do que você está falando. — Deu um sorriso forçado de lábios comprimidos, doloroso, perfeitamente warthropiano. — O ópio

pode propiciar algum prazer, mas produz alucinações e paranoia.

Olhei para ele enquanto se servia de mais uma xícara de chá frio. Ninguém mais na Terra teria percebido o leve tremor na ponta dos seus dedos, mas eu percebi.

— A última da espécie — disse eu. — Mais valiosa que o resgate de um rei. O que podia ser feito com ela? Não se pode matá-la. Isso vai contra tudo aquilo em que o senhor acredita. Mas nem o senhor conseguiria guardar o segredo. Pode muito bem ter sido a sua última, a melhor oportunidade de alcançar a glória, a imortalidade que almeja, porque é o único tipo de imortalidade em que acredita. Por isso, o senhor está diante de uma escolha impossível: matá-la ou escondê-la em algum lugar e sacrificar toda a sua glória pessoal.

Ele ficou balançando a cabeça, estudando impassível o meu rosto.

— Essa é uma falsa opção.

— Exatamente! E o senhor achou um jeito de sair dessa. O senhor precisava ter um cúmplice... ou melhor: dois. Tenho a certeza absoluta de que o senhor precisava de *Meister Abram* para chegar a isso, para arranjar os guarda-costas italianos e os ladrões irlandeses. Eu não acredito que ele fosse o “cliente” de Maeterlinck. Penso que era outro monstrologista... provavelmente Acosta-Rojas.

— Ele? Por que ele? — Ainda estava me estudando.

— Ele é da turma metida no assunto da *T. cerrejonensis*. Pode até ter sido ele que encontrou o ninho.

Ele cruzou as longas pernas, dobrou as mãos em volta do joelho erguido e levantou o queixo. Isso me fez lembrar Competello um momento antes de eu atirar nele.

— Um segundo antes de eu atirar nele, Francesco me disse que tinha cumprido as suas promessas. Achei aquilo muito estranho. De que promessas ele estava falando?

— A primeira era providenciar a segurança antes do congresso e a segunda, ajudar a localizar o que havia sido roubado de nós.

— Era isso mesmo que eu teria entendido também, se poucas horas antes o senhor *não* houvesse dito que estava tudo perfeito, até o último detalhe. Como podia *algo* ser caracterizado como perfeito até o último detalhe naquele caso? Tudo foi mal praticamente desde o início. A *menos* que não houvesse nenhum ladrão, nenhum tesouro perdido, e que a promessa de Competello fosse entregar ao senhor a evidência

pré-fabricada da morte da criatura, para convencer o mundo de que ela estava morta.

Ele se movia para trás e para a frente na cadeira de balanço: o corpo se mexia, mas os olhos estavam travados em mim:

— Acredito que você viu o que estava naquela caixa com seus próprios olhos.

Eu sorri:

— Não existe diferença mensurável, naquele estágio de desenvolvimento, entre a *T. cerrejonensis* e uma sucuri comum. Pelo menos foi o que o senhor me disse. Foi desse modo que o senhor planejou fazer o bolo e comê-lo também. Quem no mundo da monstrologia questionaria a palavra daquele que é o primeiro entre os seus pares, o grande Pellinore Warthrop? E, além disso, não seria uma fraude completa. A criatura *existe de verdade*, afinal de contas.

— Hmm. Não é mais provável que a fraude seja de Competello? Que ele tenha sacrificado algum pobre animal comum a fim de continuar a busca do troféu sem receio de que algum cientista se intrometa?

Se eu estivesse com forças, teria saltado da cama e esganando o homem. Que arrogância irritante!

— Foi o senhor! — gritei. — Desde o começo foi o senhor! O senhor, ou alguém que o senhor conhecia, que contratou o intermediário para trazer o ovo a Nova Jerusalém. Que vasculhou a escória de Five Points em busca de pobres idiotas que o “roubassem” para o senhor, e que convocou os homens de Competello para testemunhar o suposto crime! O senhor não foi à Elizabeth Street para pedir a ele que o ajudasse a encontrar a coisa que havia perdido; o senhor nunca a perdeu! O senhor queria ter a certeza de que ele ainda iria honrar a segunda parte da barganha. E, para completar, o senhor foi sequestrado e mantido como refém até a hora em que eu me meti no assunto e arruinei o seu plano perfeito.

Ele ficou em silêncio por um longo período. Eu tinha perdido o fôlego. O fôlego e a paciência. E ele tinha dito que *eu* é que o havia traído!

— Bom — disse ele, por fim. — Isso é muito interessante, Will Henry. E totalmente ridículo.

— Onde ela está, dr. Warthrop? Foi colocada de volta no Monstrumarium? É o meu palpite. O lugar mais seguro, pelo menos enquanto o senhor estiver aqui. Vai lhe dar tempo para fazer os arranjos

de conseguir um lar mais permanente para ela.

— A sua teoria sobre o caso é divertida, mas terrivelmente equivocada. Então o meu próprio parceiro na conspiração me deu um tiro na perna? Por que ele faria isso?

— Essa é a outra coisa! — falei alto. — Obrigado, senhor, por me lembrar! Eu deveria ter visto isso na hora... *o senhor* viu quase imediatamente! Que Pellinore Warthrop *nunca* desistiria tão facilmente de algo tão importante. — “Deixe que o homem o pegue!” — Ri. — O senhor *queria* que eu o entregasse para ele; o senhor o havia contratado, afinal de contas, para pegá-lo!

— Chega! — gritou ele, desenovelando-se na cadeira e investindo na minha direção. — Uma coisa é insultar a minha honra, senhor; outra bem diferente é cruzar a linha do insulto à minha inteligência! Suponho que alivie a sua culpa colocar a responsabilidade nos meus ombros; transferir o sangue para as minhas mãos. Foi você que entrou furtivamente no Monstrumarium com Lilly Bates naquela noite! Foi você que matou dois homens a sangue-frio por causa de dez mil dólares! Foi você que acabou provocando a morte do meu único e mais querido amigo! Foi você que, para dar vazão a um senso distorcido de justiça, executou um rei para iniciar uma guerra! — Fez uma pausa longa, tremendo, para retomar a respiração. Sua voz esmaeceu até quase sumir. — E foi você que fez um sacrifício diante do altar de sua vontade egoísta...

O monstrologista se virou. Ele deixou o resto do assunto — ou todo ele — para ser terminado em outra ocasião.

— Agora veja o que você fez — resmungou ele, junto à porta. — Você me fez ficar nervoso de novo, na pior hora possível... mais uma vez! Amanhã, terei de presidir a sessão inaugural, e estou exausto e perturbado além de toda medida. Quando voltarmos a Nova Jerusalém...

— Eu não vou voltar para Nova Jerusalém! — gritei. Ele levantou a mão, depois deixou-a cair de lado: um gesto de resignação.

— Como quiser — disse ele. Não sobrara nada em sua voz. Nem raiva, nem tristeza, nada de sentimentos, nada. — É a última vez que salvo você de você mesmo.

DOIS

Ele fechou a porta atrás de si. O ranger das tábuas do assoalho sob os seus pés cessou. Percebi que ele não voltou para o seu quarto. Provavelmente foi refletir na sala de estar, no escuro, o seu *habitat* natural. Eu fervilhava, esquecido da náusea e da tontura. Eu não *pensava* que estava certo; eu *sabia* que estava. Ele tinha mentido para mim, o mesmo homem que havia dito que a mentira é o pior tipo de tolice. E pior: tinha distorcido os acontecimentos para justificar o fato de ter colocado Lilly em perigo e toda a carnificina inesperada que se seguiu. Se eu soubesse a verdade, Competello e os seus homens estariam vivos, e Von Helrung, também. A fraude dele é que era o monstro aqui, não eu. Não, não isso — a mentira era simplesmente a progênie do seu ego colossal e da sua vontade de colocar uma abominação acima da vida humana. Eu sempre tinha pensado que ele fosse arrogante e sem nenhuma emoção humana normal, vazio por dentro. Nunca havia considerado, no entanto, que ele pudesse ser mau.

As tábuas do assoalho voltaram a ranger. Ele foi para o seu quarto. Um minuto se passou, depois mais cinco, e agora o rangido era mais suave, como se alguém estivesse descendo na ponta dos pés para o saguão. Tirei as cobertas e saltei para o guarda-roupa a fim de pegar umas roupas. O quarto oscilava; quase caía. Fazia dias que não me alimentava.

Eu sabia aonde ele estava indo — ou pensava que sabia. E, se ele não estava indo para lá, eu iria enquanto ele estivesse fora. Eu tinha certeza de onde ele a havia escondido. Eu poderia encontrá-la, cortar a horrorosa cabeça dela e enfiá-la em sua boca morta.

A única coisa que eu não podia entender era por que ele não queria conversar. Que importância tinha agora?

— Homem malvado — murmurei. — Repleto de maldade.

O frio da noite era enregelante. Na pressa, tinha esquecido o casaco. Apertei as mãos nos bolsos da calça e caminhei depressa com os ombros encolhidos, enquanto as luzes da cidade, refletidas contra o céu, ofuscavam as estrelas. Minha visão estava nublada; minhas ideias,

confusas. Não importa a hora, as ruas nunca estão verdadeiramente desertas na cidade. Há trabalhadores de jaleco branco recolhendo o lixo, marinheiros vagando em grupos bêbados à procura de um bar aberto e ladrões e prostitutas à caça deles, além do sem-teto incansável a escavar os latões de lixo e do policial solitário fazendo a ronda.

Os edifícios escuros escondiam o horizonte; ali, era impossível distinguir a fronteira do mundo. Minha caça estava bastante à minha frente, fora de vista, como o horizonte que ela guardava: no Egito, como eu já disse, era chamada de Mihos, aquele cujo encargo sagrado era me proteger da queda para fora da beirada.

Entrei na sede da Sociedade pela mesma porta lateral que Lilly e eu tínhamos usado na noite do baile. *Smoking*, vestido púrpura, cachos negros da cor do corvo, e agora ela tinha partido de volta para a Inglaterra, e que importava? Para o inferno com ela. *Falta algo. Algo que devia estar aqui e não está mais.* Não, Lilly. Não falta nada, eu estou completo. Eu sou um todo. Eu sou a evolução do homem em microcosmo. A crisálida eclode, o fluido amniótico se derrama pela fissura, e o olho de âmbar se abre sem piscar sobre um mundo sem trevas.

E então as escadas que levam para baixo, estreitas, em curva, escuras, como as do sonho de Warthrop. Os bicos de gás tinham sido ligados lá embaixo, e a luz parecida com uma neblina baixa à beira-mar se ergueu para me saudar. A Lata de Lixo dos Monstros, a Casa dos Monstros, *Kodesh Hakodashim*, o Santo dos Santos, a frase de Isaacson *Você será um item em exibição lá algum dia.*

Vozes flutuavam ao longo dos cubículos poeirentos, dobrando os cantos, se apertando entre caixas e caixotes equilibrados precariamente entre as paredes, palavras abafadas e indistintas, duas vozes, masculinas, uma delas de Warthrop, sem dúvida, a outra mais difícil de identificar, embora soasse vagamente familiar. Reduzi o passo enquanto me aproximava. Agora conseguia ouvir mais alguma coisa — mais *alguém* —, um choramingo suave, os gemidos inconfundíveis de um ser humano em agonia.

Então escutei Samuel Isaacson que dizia:

— Quanto tempo mais?

E Warthrop:

— Impossível predizer. Horas, dias... pode ser daqui a poucos

minutos; pode não acontecer nunca. Passe a seringa. Vamos pegar outra amostra.

— Talvez seja melhor terminar isso agora, senhor. O sofrimento é...

— Você quer brincar de Deus, Isaacson? Eu sou um cientista: um estudioso da natureza, não o mestre dela. Nossa função é observar e registrar, não julgar nem executar. Ela está condenada? É provável. Não há mais remédio nem antídoto... Aqui, agora pegue isto e coloque ali em cima do banco. Mais uma compressa quente agora, rápido.

— Ele vai queimar no inferno por causa disto.

— O quê? Você não escutou? Onde Sir Hiram achou você, afinal de contas? Se você quer perder tempo brincando com as noções de céu e inferno, vá estudar num seminário! O mundo é redondo, Isaacson: um globo, não um disco. Se alguma coisa acontecer amanhã enquanto eu estiver ocupado lá em cima, você não induz nada, não força nada, entendeu? Eu decido se e quando acabar com o sofrimento dela. Agora leve este espécime para o escritório do curador e prepare as lâminas. Eu vou para lá em seguida.

Passei agachado entre duas pilhas de caixas e comprimi o corpo no espaço estreito. Isaacson passou apressado; vi o rosto dele de relance, deformado pela preocupação e pelo pavor, com uma seringa cheia de sangue apertada na mão. No meio do silêncio, só se escutavam os gemidos febris.

— Assim, assim. — A voz de Warthrop irrompeu, estranhamente suave. — Acontece em espasmos. Este também vai passar.

Seguiu-se um soluçar em tom baixo, desesperançado, de despedaçar o coração. Então, Warthrop, novamente:

— Aqui, pegue isto. Quando o próximo espasmo acontecer, aperte com o máximo de força possível. Não vai demorar...

Segurei a respiração para entrar em cena. Ele saiu caminhando com os ombros encolhidos, arredondados, a cabeça baixa, como um homem que estivesse carregando um peso de quinhentos quilos.

Então saí do esconderijo e me dirigi apressado em direção à porta aberta. Eu sabia o que iria encontrar. Eu sabia quem devia ser a paciente de Warthrop. Havia apenas uma fêmea no mundo inteiro que se arriscaria a entrar no Monstrumarium. Depois de tudo, ela não devia ter embarcado naquele navio. E devia ter descoberto o precioso “troféu” de Warthrop. Ou *e/le* tinha encontrado a *e/la*. O mau, malvado. Parecia não

haver limite para sua crueldade não intencional. Mais uma vítima no caminho dele. Mais um sacrifício sobre o altar de sua ambição sem limites.

Uma pilha de cobertores velhos cobria uma mesa de dissecação comprida, da altura da cintura. Uma mesa menor havia sido colocada junto a uma parede, e sobre ela uma tigela de água fervente fumegava. Ao lado da tigela, um conjunto de instrumentos, frascos e duas seringas, uma vazia, a outra cheia de um líquido cor de âmbar. Um grande balde com os dizeres “USE COM CUIDADO: SODA CÁUSTICA” estava no chão, a um canto. O ácido sulfúrico era um ingrediente indispensável na biologia aberrante, usado prioritariamente para separar ossos e prepará-los para estudo, e também para limpar os instrumentos.

Um lençol amassado estava estendido no chão, junto ao dreno usado para levar o sangue e os fluidos corporais até o esgoto da cidade. Ela devia ter se livrado do lençol aos chutes no meio da aflição, e eu vi que estava nua, com o suor reluzindo na carne exposta, colando o seu cabelo preto na pele da cabeça e jorrando pelo vão entre os seus seios. Ela estava agarrando uma bola de borracha, o presente de despedida de Warthrop, apertando-a e soltando-a ritmicamente, como para acompanhar o ritmo de uma música que apenas ela conseguia escutar.

Eu me aproximei. Contraído. Sentindo repulsa. Ela estava coberta de manchas vermelhas dos pés à cabeça, uma colcha de retalhos de pele inflamada; as bolhas brancas produzidas pelas queimaduras brilhavam como a crisálida do porão à beira de eclodir. Eu reconheci o que era aquilo, eu sabia do que ela estava sofrendo.

Contraído, sentindo repulsa: cada vez mais perto... mais perto.

Os olhos dela giravam como se fossem afundar dentro da cabeça. Os cílios negros tremulavam. Seu rosto delicado de criança estava livre de bolhas, mas eu conhecia o monstro que se ocultava logo abaixo da superfície. Eu sabia o que estava dentro dela.

O mesmo que estava dentro de mim.

Quer experimentar?

O que eu queria mesmo é algo indescritivelmente eufórico... orgásmico, na falta de palavra melhor.

Você vai gostar.

Dei um salto para trás, e minha mente se encolheu igualmente. Uma onda escura rugiu esmagando o meu peito, fazendo parar o meu

coração. O mais casto dos beijos. O *mais casto dos beijos!* De uma grande distância, enquanto a onda escura me empurrava para as profundezas sufocantes, pude ouvir alguém chorando: a alma de alguém estava sendo rasgada ao meio. Era a minha. Não era a minha. A coisa sem rosto, a coisa sem nome, a coisa que dança nas chamas.

Então bato de encontro ao peito dele, e ele estende seus longos braços em volta de mim, e só existe o seu rosto dominando o meu campo de visão, preenchendo-o até o último centímetro, os olhos escuros na máscara pálida da morte, Mihos, o guardião, mas ele chegou atrasado demais para me salvar: eu caí para fora da beirada; minha podridão corrói o último dos meus ossos. Não há espaço algum, nem um só pinga de piedade, de misericórdia, de perdão, nada de humano. Apenas a crisálida que geme e a perfeição do antigo chamado, o imperativo todo-abrangente contido no mais casto dos beijos.

TRÊS

— Eu não sou médico — disse o monstrologista. — Eu sou filósofo. Mas a mãe dela me arrastou para a enfermaria do mesmo jeito. Não, não, disse eu, eu vim por causa do rapaz, só pelo rapaz. Mas ela era mãe, e a cria dela estava doente. Então, depois de examinar a garota, perguntei a ela há quanto tempo estava doente e quais eram os sintomas, e suspeitei (eu não sabia, claro) qual fosse a causa subjacente do problema. Aquilo constituía um sério enigma. Se seguisse o seu curso, o mal dela poderia resultar numa fogueira incontável de infecções: a irmã dela, a mãe, os habitantes do boteco de ópio. Dali, poderia se espalhar pela cidade inteira antes que o surto pudesse ser contido. Ela não podia ir para o hospital; o risco de uma epidemia séria era apenas marginalmente menor ali. Seria *arawakus*? Eu não sabia. Mas era melhor errar por excesso de precaução.

“Ela está infectada, sem dúvida. Não há nada que se possa fazer, como você já sabe, além de diminuir o desconforto. Ministrei morfina a ela e tratei as erupções com panos aquecidos. Sobrou pouco de sua mente; o organismo infiltrou o córtex cerebral. Não acredito que ela saiba onde está nem o que está lhe acontecendo, e isso é uma bênção. Uma misericórdia.

“Devo confessar que me sinto dilacerado. Mantê-la viva só serve para prolongar seu sofrimento. Só adia em mais uma hora a agonia final. Que opção tenho? A opção é realmente minha? Não sou Deus. Faço o papel, às vezes. Coloco o manto nos ombros e pago um preço a cada vez que faço isso. E como pago! O seu pai me amava, e esse amor lhe custou a vida, custou a sua de um modo que é, de certa forma, mais terrível. Dor insuportável, Will Henry, que não se pode aliviar nem redimir. Essa pobre garota sobre esse altar provisório, esse sacrifício virginal, e eu, o sacerdote herético que derramaria o sangue dela para apaziguar um deus voraz!

“Eu lhe disse certa vez que você iria se acostumar com essas coisas, e nisso não sou mentiroso nem hipócrita: há coisas com as quais você nunca se acostuma... Coisas com as quais *eu* nunca me acostumo.

Existem algumas coisas para as quais não há resposta humana, e o próprio Deus fica em silêncio.

“Você precisa me dizer, você, o que precisa ser feito. Diga-me, e eu serei o seu instrumento. Ali está o veneno, ali, perto da agulha vazia; ele será injetado rapidamente e não haverá dor. Se esperarmos, ela vai arrebentar, vai se despedaçar, tudo o que está dentro dela irá se derramar através de cada fissura e cavidade, e teremos de usar o ácido. Não podemos esperar até que o seu pobre coração pare de funcionar. Ela teria de suportar uma dor inimaginável.

“Chegamos ao ponto crucial desse assunto hoje, Will Henry. O fundo das estrelas, se você preferir. Esta é a escolha que a minha vida forçou você a fazer. Você é o cordeiro imaculado, aquele que carrega o meu pecado, o que conserva os meus segredos, o guardião da minha vergonha. Você é o culpado e o sem-culpa, o abençoado e o amaldiçoado, e não existem palavras... pois as palavras são coisas humanas.

“Chegamos ao fundo disso, você e eu. A descida final... E esta é a cara do monstro que espera por nós nas trevas.”

Canto IV

UM

O homem alto e magro se levanta da cadeira e se dirige ao pódio. O único som no auditório cavernoso é o ranger dos sapatos dele no assoalho gasto. Espectralmente magro, a pele talhada sobre os ossos, a casaca negra de caimento frouxo sobre o corpo, o espantalho oco de um homem, este é o presidente interino da Sociedade para o Progresso da Ciência da Monstrologia, recém-alçado à sua liderança mas a alma dela há muito tempo. E eu, o guardião da alma, sentado lá em cima, no camarote particular, olhando para ele como os abutres que circulam no céu dos ermos. Sem aplausos, sem gritos de parabéns. Era para ser o momento de triunfo dele, a realização que deveria coroar a sua legendária carreira. Em vez disso, existe apenas pesar e suspeita na assembleia de seus irmãos cientistas, espíritos irmanados a ele no estudo das pilhérias mais cruéis realizadas por Deus. Centenas deles lotaram o velho teatro de ópera para ouvi-lo — e para desafiá-lo. Ali está Hiram Walker, sem queixo, inclinado para a frente em seu assento na primeira fila, com os pequenos olhos de rato estreitados, esperando a sua vez de atirar: *Por que contratamos criminosos e malfeitores para custodiar o maior tesouro conseguido pela biologia aberrante em cem anos? E o que aprendemos com esse erro, se imploramos a esses mesmos malfeitores que o procurem por nós? Por que morreu o nosso amado presidente e Meister?* A nêmesis de Warthrop amassa um pedaço de papel com uma de suas pequenas presas de roedor: uma resolução para expulsá-lo definitivamente, esse é o rumor que se espalha. O monstrologista será expulso da monstrologia, e depois o que será dele? O que é Pellinore Warthrop a não ser *isso*, pura e fundamentalmente?

Na mesa do altar, abaixo, se aproxima da consumação o sacrifício do totalmente inocente e mesmo assim condenado, sob as vistas de Samuel Isaacson. Isaacson, a mediocridade acachapante que não era capaz de encarar a coisa sem nome e sem rosto; uma prostituta precisaria de menos coragem para proclamar que é virgem. O inocente

morre. O estúpido, o banal, o malvado: esses continuam, e continuam.

— É meu dever — disse o monstrologista no pódio —, com um peso no coração... anunciar a abertura do centésimo décimo terceiro congresso.

Ele ergueu o martelo cerimonial e a sala mergulhou abruptamente nas trevas. Uma voz quebrou o choque do silêncio:

— Saudações da Elizabeth Street para vocês, bastardos!

Dúzias de globos em chamas voaram da traseira do auditório.

Algumas atingiram o palco, germinando em bolas de fogo, outras caíram na plateia, e no tumulto do pânico poucos ouviram as portas de saída se fecharem e as barras metálicas baterem, trancando-nos lá dentro. O fogo se espalhou rapidamente enquanto homens tropeçavam nos corredores como num estouro de boiada, pisando uns nos outros na tentativa de escapar do inescapável. O velho carpete, os assentos estofados, as espessas cortinas adamascadas foram atingidos; a fumaça, densa, sufocante, rapidamente encheu a sala. Antes de fugir, enxerguei um vulto engolfado pelas chamas a correr no sentido oposto, em direção ao palco, dando gritos agudos semelhantes ao do rato quando os piolhos executam a sua condenação.

Descendo a escada de trás, dei com uma entrada privada: uma pequena porta; talvez ninguém a tivesse notado. Ela não se abria. E a maçaneta estava quente demais. Como o fazendeiro consciencioso, a Camorra não havia limitado a sementeira a uma única fileira fértil: o edifício inteiro estava queimando.

As lágrimas descem pelo meu rosto. A fumaça constringe os meus pulmões. Forço a porta com o ombro. *Está queimando, está queimando!* Eu não vou suportar isso, não uma segunda vez, nem nunca mais. Chuto o meio da porta com toda a força que possuo. Não há luz, nem eu conseguiria enxergar entre as lágrimas se as tivesse. Outro chute. Mais um. A madeira estala. O ar superaquecido do outro lado divide a barreira ao meio, exatamente na metade como um lenhador quando racha uma tora. O golpe de ar me atira para trás; bato com a cabeça nos degraus às minhas costas. A maré de fumaça negra se engolfa pela abertura. Prendo o nariz com a mão e fecho os olhos: eu não preciso ver para saber aonde estou indo.

Através do saguão inundado pelo fogo. Pela porta lambida pelas chamas que dá para as escadas, estreita e em curva, e embaixo o brilho

amarelo e cálido dos bicos de gás, a corrida até o ar fresco contra o meu rosto, e então abro os olhos, e corro pelo caminho tortuoso na direção de onde ela está e *Eu não vou aguentar isso de você, não vou deixar passar*, e então aparece Isaacson correndo na minha direção enquanto acima de nós o edifício ruge e grita *Está queimando, está queimando!* enquanto é devorado vivo.

— Tarde demais! Tarde demais! — grita ele, vindo em linha reta na minha direção. Ele me pega pela manga; eu o prêmio com um soco bem firme na frente, que o faz balançar. Pulo por cima do corpo contorcido dele e continuo a corrida.

Faço uma pausa rápida na entrada. A fumaça é sufocadoramente espessa: o fedor infernal de ovos podres tosta a minha boca, me abrasa os pulmões. *Tarde demais*: em pânico, ele deve tê-la encharcado com todo o conteúdo do balde. Posso até ver o que sobrou dela fritando, se esvaindo; seu sangue borbulha e evapora; ela não tem rosto; seu crânio me olha de soslaio, com a boca aberta num grito congelado. Ela estava viva quando ele fez isso.

Cambaleio para trás até a parede às minhas costas cortar a minha retirada.

Sabe como ela mata você, Isaacson? Você mantém plena consciência do que está acontecendo enquanto a mandíbula dela se acomoda para acabar de engolir você inteiro.

Voltando pelo caminho por onde vim, adernando de uma parede à outra enquanto acima de mim o mundo é consumido.

A pressão terrível que esmaga os seus ossos... e cada centímetro do seu corpo queima como se você estivesse sendo mergulhado numa tina de ácido...

Ele está caído no mesmo lugar; não se moveu. Mergulho as mãos no bolso, pois ainda tenho o canivete do camorrista. Vou estripá-lo. Vou lhe dar de comer suas próprias entranhas fedorentas. Tirarei os olhos primeiro, depois a língua. Vou forçá-lo a comer seu próprio ego estúpido, banal, malvado.

Mas espere. Ele não está só. Alguém mais se inclina sobre ele, mais velho, de cabelo preto, carregando um saco de aniagem volumoso. Ele ergue os olhos à minha aproximação, perplexo, de olhos arregalados de terror.

— William! — grita Acosta-Rojas. — Precisamos fugir, mas como?

Não por cima... temos de encontrar outra passagem. Não existe um tubo de drenagem em algum lugar lá embaixo? Acho que essa é a nossa melhor...

Acerto-lhe um soco violento no pomo de adão. Ele cai para trás, soltando o saco. A coisa dentro dele se retorce sem parar.

— Quem foi? — pergunto. — Foi você ou foi Warthrop ou foram os dois juntos?

Ele não consegue responder. Devo ter estraçalhado sua traqueia. Lágrimas de sofrimento e terror descem por seu rosto.

— Foi ideia dele, não foi? — pergunto. — Quando você disse a ele que tinha capturado a coisa em Cerrejón. Ele queria todo o crédito... O que ele ofereceu a você em troca?

A resposta sai engasgada, quase inaudível:

— A minha vida.

Balanço nos calcanhares como se ele tivesse me atingido. Com um golpe achatado, não um arredondado. Não com uma bola, mas com um disco. E Mihos, o guardião do horizonte, caiu para fora da beirada.

Algo na minha expressão o faz erguer as mãos na defensiva, como uma criança obediente que levanta os braços para que lhe coloquem a camisa do pijama. Então eu o forço: raivoso, pego o saco de aniagem no chão e o penduro acima da cabeça dele. A coisa que se retorce sem parar golpeia.

Acosta-Rojas berra; seu corpo se repuxa e imediatamente se enrijece. Os gritos dele são abafados enquanto o monstro se desenovela para logo dar um nó em seu pescoço. Ele vai esperar ali, enrolado, até a presa morrer, porque ainda não atingiu a maturidade plena; ele não pode engolir um homem inteiro... *ainda*.

Ainda não terminei. Meu Deus, que sou eu senão um homem em microcosmo? Aperto a mola do canivete para abri-lo — *snic* — e volto para Isaacson.

Ele está consciente. Seus olhos se arregalam quando me aproximo.

— Will...?

— Chh, não pergunte, Samuel — cochicho. — Há coisas para as quais não existe resposta humana.

— Eu não tive escolha — choraminga ele, e ergue as mãos para mim numa súplica. — Por favor, Will. Eu só fiz o que me mandaram!

Uma explosão terrível sacode as paredes lá em cima. O chão arqueja.

O teto estala, se enverga; chovem pedaços dele: o fogo encontrou a tubulação de gás. Os bicos de gás piscam e se apagam, mergulhando o Monstrumarium na escuridão total. Isaacson chora como se fosse o fim do mundo. Com a mão desocupada, agarro-o pelo pescoço e o faço ficar de pé. Ele guincha, esperando o golpe de misericórdia.

— Para o inferno com todos vocês — rosno na orelha dele. — Para o inferno com os monstros e para o inferno com vocês. Para mim não faz diferença.

O edifício está ruindo em cima de nós; o teto cede; seremos esmagados por mil toneladas de concreto e mármore. Não há saída a não ser para baixo — pelo esgoto da sala de dissecação. O instinto de Acosta-Rojas estava certo, embora no momento errado. Livro-me de Isaacson e vou saltando pelo chão desnivelado, com um braço dobrado protegendo a cabeça e o outro estendido à frente, em direção à treva absoluta. Dedos se agarram às costas da minha jaqueta: Isaacson, essa mediocridade igual a todas as mediocridades, sempre buscando um jeito de sair por cima. Não serão os mansos que herdarão a terra.

Cegos conduzem cegos no ventre da besta à beira da morte, enquanto os ossos dela se racham, se quebram e chovem sobre a nossa cabeça. E, entre todos aqueles por quem eu poderia demonstrar misericórdia, foi Samuel Isaacson que salvei nesse dia.

O restante, todos monstrologistas, morreram nesse dia.

Com exceção de um.

DOIS

A Terra gira quase sete mil vezes, e agora migalhas estão grudadas nos lábios engordurados e o cabelo úmido cai como linhas na testa pálida.

E o frio que se agarra e a mão que segura a faca esgaravata a sujeira incrustada nas unhas, o caçador de monstros, o professor e a aula, a causa e o efeito, o fim do círculo que não tem começo.

E a porta trancada e a coisa atrás da porta trancada e os ossos fumegando nos barris de cinzas e a mentira que dizemos a nós próprios porque a verdade é pesada demais para ser carregada por qualquer coração humano.

Não há começos nem fins nem nada entre eles. O tempo e a mentira e nós, o círculo e o infinito contido no olho de âmbar.

Você sabe o que vem agora. Pode se virar de lado?

O fim está ali no começo.

Sair de lado ou vir ver? Escolha agora, escolha *agora*.

Bati com a faca na mesa da cozinha. Warthrop puxou a cadeira e seus olhos saltaram para longe do meu rosto enquanto eu me levantava. Ele parecia se encolher diante de mim, diminuindo a um ponto infinitesimalmente pequeno: ele a Terra e eu o foguete a toda a velocidade para fora da atmosfera. Saí a passos largos para o porão. Ele tentou agarrar a minha arma com um grito desesperado. Eu me livre. Eu não sabia o que estava atrás daquela porta. Claro que eu sabia o que estava atrás daquela porta:

Eu a encontrei, Will Henry. A coisa em si!

Levantei o salto da minha bota na direção da madeira velha — ela tinha o triplo da idade de Warthrop — e a porta foi arrombada com um estalo compensador, rachando-se ao meio, e atrás de mim o monstrologista ecoou o barulho com um grito, como se fosse *ele* que estivesse se partindo ao meio. Arranquei a porta das dobradiças com as mãos nuas. Um fedor pútrido, nauseante, me banhou, como a exalação do maior fracasso de Deus trancado no gelo da Judecca, a fedentina saturada de carne apodrecida, a coisa em si, como ele a chamava, a *coisa em si*.

Meus olhos se adaptaram à escuridão, a treva perpétua da *coisa em si*, e por que ele tinha elevado o assoalho? Por que o havia pintado de preto brilhante de obsidiana? Mas não era a tinta nem o assoalho, porque a coisa se *movia*. Ela fluía como o lodo lamacento deixado por uma inundação devastadora. Ela ondulava, preta com reflexos de verde brilhante iridescente.

Foi então que a cabeça apareceu, um metro e meio adiante, achatada em cima, porque seu antigo cérebro sabia o que a abertura da porta significava, a boca sem dentes se alargando obscenamente aberta, e ver a goela vermelha cintilante é como olhar para o abismo ardente que conduz direto ao inferno, e eu não imagino que me possa ver refletido em seu olho sem pálpebras cor de âmbar. Eu o preencho assim como o corpo de quinze metros preenche o porão. A cabeça maciça, a boca vermelha se abrindo como num bocejo, repousa sobre os degraus, velha demais ou grande demais para se aproximar mais, ou talvez não possa fazê-lo. Talvez tenha ficado grande demais para o seu recipiente. Não. Não isso. Presa na armadilha de seu olho âmbar, percebo que a *coisa em si* perdeu a razão de ser. Ela é um envoltório, um saco vazio sem outro propósito que não seja o de permanecer por mais um dia sem sentido.

— Você precisa entender — diz o gêmeo dele atrás de mim. — Você consegue entender, Will? Eu não podia só... Era impensável... insustentável. É a última da espécie. A última!

— Ela morreu no Monstrumarium — disse eu. Eu não conseguia me libertar do olho de âmbar.

— Não. Eu a encontrei depois, soterrada no entulho. O corpo de Acosta-Rojas a protegeu de se esfacelar.

— Mas não foi você que a trouxe de volta para cá.

— Não, isso foi muito mais tarde... Depois que você foi embora.

— E você nunca me contou.

— Pela mesma razão que menti para você naquele momento. O valor dela é incalculável, e quanto menos gente soubesse melhor... para o mundo, Will, e para ela. É a última da espécie! Quando Acosta-Rojas me disse que a tinha encontrado...

— Sei, sei — redargui, ainda preso ao olho âmbar. — Ele me disse. Você o forçou a entregá-la... Você ameaçou matá-lo se ele não fizesse isso.

— Não! Eu o salvei... pelo menos tentei... exatamente como tentei salvar Beatrice... como tentei salvar você.

— Do quê, me salvar do quê? Não tem importância. Que importa isso agora? — Cheio de desgosto e raiva, escravo do olho de âmbar. — Você não vai sair dessa com mais uma mentira, Warthrop. Eu ouvi dos próprios lábios dele: você ofereceu a vida dele em troca do troféu.

— Eu ofereci *salvar* a vida dele. O idiota contou o que havia encontrado, e a notícia logo foi parar em certos bairros insalubres. Ele ficou com medo. E *eu* fiquei com medo de que a coisa se perdesse. *E essa é uma coisa que não se pode perder nunca*. Que escolha ele me deu?

Consegui finalmente me desvencilhar do olho e virei para o outro lado. Em dois passos eu o alcancei. Puxei-o para cima: a cadeira matraqueava no assoalho. Ele tinha se debilitado e reduzido a quase nada, com os ossos menos vivazes que os de um passarinho. Com um empurrão, eu poderia lançá-lo a cem metros de distância.

— Isso, vamos falar de escolhas? Ela viu a coisa? Foi por isso que você a assassinou? Para proteger a coisa do mundo?

— Eu não a assassinei! — guinchou ele. — Ela foi vencida pela curiosidade ridícula das mulheres... Ela abriu a porta e desceu degraus demais. Demais, Will! Consegui arrancá-la da boca da criatura, mas era tarde demais. Tarde demais! Então, o que eu devia fazer? Para quem eu poderia contar? Não, não. Não foi nossa culpa. Foi culpa *dela*, Will. Culpa dela!

Joguei-o no chão. Ele se enrolou como uma sucuri; não tentou se levantar. O pai dele fora encontrado desse modo, enrolado como um feto no útero da mãe. Acabando como havia começado.

— Tarde demais — suspirei. O cheiro da morte pairava no quarto. O frio o fazia ficar imóvel. — Você disse que era tarde demais. Tarde demais para quê?

— Não existe saída — ele se lamuriou. — Eu não posso matá-la. É a última da espécie. Não posso devolvê-la à natureza... Como poderia fazer uma coisa dessa?

— Você poderia doá-la. Existem cem universidades e...

— Não! — gritou ele, dando um soco no chão. — Nunca! Ela é minha! Ela pertence a mim!

— Pertence? — Eu me ajoelhei ao lado dele. Suas mãos estavam

dobradas, enroladas embaixo do queixo. Seus olhos arregalados, amedrontados; o horror nas pálpebras, a criança insone no escuro. — Existe um cativo aqui, mas ele não é encontrado quando se desce as escadas. Ele já engoliu você.

— A coisa em si, Will Henry. A coisa em si! A coisa para a qual não existe resposta humana. A coisa que busquei durante todos esses anos, a coisa que eu estava caçando... até que ela me pegou!

Ele pegou no meu pulso e me puxou para perto de si.

— Você é único. Sempre foi. Você enxerga onde eu tenho medo de olhar. Você é os meus olhos nos lugares escuros. Olhe, agora, e diga-me o que você vê.

Assenti com a cabeça. Pensei ter compreendido. Eu era os olhos dele. O que eu vi? A boca aberta, em expectativa. O cordeiro branco de olhos negros esgazeados. E a Sibila, abençoada e amaldiçoada. *O que você quer?*

Recolhi o seu corpo do chão e carreguei-o nos braços como se fosse uma criança. Ele pressionou no meu queixo a cabeça acabada de lavar.

Sua mão se ergueu e tocou suavemente a minha face.

— Você sempre foi indispensável para mim.

Beijei o cabelo dele, que estava com cheiro bom. O gelo da Judecca começa a se rachar, suavemente, como uma pluma que cai. O criador perdoa a criatura e a criatura absolve o criador.

Existe o perdão. Existe a justiça. Existe misericórdia.

Há lugar, no fim das contas.

Vou criar você. Não vou passar o sofrimento de ver você submergir.

E o monstro que espera por nós na descida final.

Eu me virei uma última vez e comecei a descer as escadas.

TRÊS

23 de outubro de 1911

Caro Will,

O delegado apresentou as suas conclusões sobre o caso. Tomei a liberdade de anexar cópia delas a esta carta. Como você verá, ele afirma que o incêndio teve “origem suspeita, ainda que indeterminada”. Eu desejava com ansiedade receber uma resposta mais satisfatória, não apenas para garantir a sua paz de espírito, mas também a minha. Pellinore não era um querido amigo, nem mesmo, posso dizê-lo, um conhecido particularmente próximo, mas era um homem singular, e ousou dizer que o mundo não verá outro igual em cem gerações.

Estive no lugar duas vezes até agora, a segunda delas para atender a um pedido específico seu, e lamento relatar que não encontrei nada que valesse a pena resgatar — nada restou da casa, com exceção da chaminé —, nada, isto é, além do que ficou no galpão e na velha estrebaria, inclusive aquele velho automóvel esplêndido, pelo qual você declarou, em sua última carta, não ter interesse.

O funeral foi muito tocante, ainda que houvesse poucas pessoas presentes. Eu adoraria ter compartilhado com você a melancolia desse adeus final, mas compreendo bem demais as exigências de seu negócio. P. também, acredito.

Meu único desgosto — e não creio que esteja dizendo isso para dar mais peso à sua perda — é que você não tenha conseguido dar uma escapada o mês passado para vê-lo. Não, esse peso é meu, pois você está aí e eu estive sempre aqui, e agora minha consciência me atormenta por não ter batido com força naquela porta até que ele atendesse. Minha teoria sobre o caso é que o incêndio começou quando o velho rabugento se esqueceu de pagar a conta da luz e voltou ao querosene e às velas para a iluminação.

Talvez, quando tiver uns dias livres em suas tarefas, você possa fazer uma visita à velha terra. Creio que não aparece aqui há dois anos ou mais. Faria muito bem ao coração deste velho ver você, e sinto que lhe devo desculpas pessoais por ter negligenciado o homem que lhe era tão

caro.

*Seu, sempre,
Robert Morgan*

*P. S., Se você realmente não tiver interesse no Lozier, eu apreciaria
livrado das suas mãos. Não como um presente, claro! Eu pagaria um
preço razoável por ele.*

QUATRO

Esses foram os segredos que guardei.

O velho na estação seca.

O menino de chapeuzinho.

E o homem de guarda-pó branco encardido, caçador monstruoso de coisas sem nome.

Aquele que me abençoou e que me amaldiçoou.

Que me levou em seus ombros, e que eu carregaria nos meus, na maré escura de sua carreira descendente.

Lembre-se de mim, disse ele. *Quando tudo o mais estiver esquecido*. Entrei na posse de uma pequena fortuna mais tarde. Eu era tudo o que ele tinha e tudo o que ele tinha veio para mim.

Para onde fui? Para cima e para baixo, para a frente e para trás. Perambulei pela Terra, companheiro indispensável sem companheiro.

Escapei dos Estados Unidos, acabei na Europa em tempo para o monstro que digeriu trinta e sete milhões de almas em seus intestinos vorazes. Depois da guerra, comprei uma casinha na costa sul da França. Empreguei uma moça do lugar para a cozinha e a limpeza. Era jovem e bonita, e talvez eu tenha me apaixonado por ela.

Nas tardes quentes de verão, fazíamos passeios na praia. Eu gostava do mar. Do litoral, via-se a beirada do mundo.

— Diga-me uma coisa, Aimée. Ele é uma esfera ou um disco?

Ela ria para mim, pegando no meu braço. Pensava que eu estivesse brincando.

E fui feliz por um tempo.

O pai dela havia morrido em Verdun. O namorado, no Somme. Depois conheceu outro rapaz e, quando ele propôs casamento, ela me perguntou se eu podia deixá-la. Concordei, embora de coração partido. Não empreguei nenhuma outra garota depois que ela se foi. Passei a casa adiante e voltei para os Estados Unidos.

Acabei voltando para Nova York, onde fiquei por algum tempo. Ainda tinha o meu apartamento lá. Escrevi um pouco. Bebi um pouco. Vagabundeei pelas ruas. Onde havia sido o teatro de ópera, agora ficava

um banco. Um tipo diferente de sociedade. Uma raça diferente de caçadores. A monstrologia morrera, mas todos nós somos, e sempre seremos, monstrologistas. À tarde era fácil me encontrar no parque, só mais um homem sozinho num banco entre as pombas. Eu ainda estava preso, como veem, dentro da jarra de vidro, dentro do olho de âmbar. *Você é a minha memória*, ele me havia dito noite após noite insone. E foi nisso que me tornei: o envoltório imortal, o gelo da Judecca.

Os anos 1920 terminaram com o *crash* da Bolsa, e um dia li no jornal que um homem havia pulado da Ponte do Brooklyn depois de ter perdido toda a fortuna. O nome dele era Nathaniel Bates. A notícia também dava detalhes sobre o velório e o funeral.

Eu era um rastreador e caçador consumado e estava certo de que ela não me havia visto, mas depois que seu pai foi enterrado me localizou embaixo de uma árvore, um sicômoro. Os anos tinham passado, ela não era mais jovem, mas o azul dos seus olhos não se diluíra, continuava puro até o fundo.

— William James Henry — disse ela. — Você não envelheceu um só dia.

— Essa fala é minha — retruquei.

De perto da sepultura, um homem alto e de ombros largos nos observava. Ele estava de cara fechada.

— É o seu marido? — perguntei a Lilly.

— O mais recente. Prometa que não vai dar um soco nele nem eviscerá-lo ou fazê-lo servir de alimento para alguma coisa.

— Ah, eu parei com isso. Faz tempo que não mato ninguém.

— A sua voz parece quase triste ao dizer isso.

— Não sou um monstro, Lilly.

— Não. Está mais para fantasma. Aterrorizante, mas sem poder. Mas o que foi?

— O que foi o quê?

— O que você veio me dizer.

— Ah. Não tem importância. Realmente não importa.

— Depois de quase quarenta anos, deve importar um pouquinho.

Era um lindo dia de primavera. Sem nuvens. Ar fresco. As folhas do sicômoro de um verde que se sobressaía. O homem junto ao túmulo ainda estava de cara amarrada para nós, mas não tinha se mexido dali.

— Qual é o nome dele? Do seu marido mais recente.

Ela me disse.

— James? — perguntei, pesando que ela havia dito o sobrenome. — Como o filósofo?

— Não. Mas James é o nome do meio.

— Ah. Os pais dele deviam gostar dos irmãos.

— Irmãos?

— O irmão dele era romancista?

— O irmão de quem?

— Do filósofo.

Ela riu, e a sua risada ainda guardava o som de moedas jogadas numa bandeja de prata.

— Venha — disse eu. — Vamos tomar um drinque. — Ela parou de rir.

— Agora?

— Vamos celebrar a vida do seu pai.

— Agora não posso ir com você.

— Então mais tarde. À noite.

— Não posso.

— Por quê? Ele não vai ligar. — Acenei com a cabeça na direção do homem de cara amarrada. — Sou inofensivo; você própria já disse isso. O fantasma sem poderes.

Ela virou a cabeça para o outro lado. Com o tronco do sicômoro ao fundo, seu perfil era adorável.

— Não entendo por que você veio — ela disse baixinho, erguendo o rosto para o céu. O azul-pálido do céu contra o azul dos seus olhos.

— Eu queria lhe dizer uma coisa.

— Então por que não diz logo e vai embora?

Puxei a velha fotografia do bolso. Ela a viu e de repente ficou alegre novamente.

— Onde você conseguiu isso?

— Você me deu. Não lembra?

Ela balançou a cabeça:

— Como eu era *redondinha*.

— Só o rechonchudo normal de uma criança. Você disse... lembra o que você disse?... para quando eu estivesse sozinho.

— Eu disse? — E riu outra vez.

— É para dar sorte — escorreguei a foto de volta para o bolso.

Fiquei com receio de que ela tentasse tirá-la de mim.

— Funcionou? Ela deu sorte para você?

— Nunca saio sem ela — respondi, referindo-me à foto. — Ele é um homem bom? Ele é gentil com você?

— Ele me ama — respondeu ela.

— Se ele fizer alguma coisa errada para você, me procure e eu dou um jeito nisso.

Ela balançou a cabeça:

— Eu sei como você dá um jeito nas coisas.

— Estou feliz de ver você, Lilly. Eu tinha receio de que você tivesse... partido.

— Por que tinha receio disso?

— Eu tenho... uma doença.

— Uma doença?

— Uma aflição. Ela pode ser transmitida até pelo mais casto dos beijos.

— E era isso que você queria me dizer?

Fiz que sim com a cabeça.

Ela disse:

— Eu estou bem. Muito bem.

O marido dela estava acenando para nós. Eu notei; ela não. Eu disse: — Gostei dele. Tem uma cara boa; não é particularmente bonita, mas é nobre. Também gostei muito do nome dele. Um filósofo-escritor. Um escritor-filósofo.

Ela olhou para mim atentamente. Eu estava de brincadeira?

Num impulso, ela se ergueu na ponta dos pés e pressionou os lábios contra a minha bochecha.

O mais casto dos beijos.

CINCO

Sabe quem sou eu?

Um estranho está atrás de você na fila do *checkout*. Um homem de casaco puído passa por você numa rua movimentada. Ele se senta calmamente num banco do parque para ler o jornal. Ele está duas fileiras atrás da sua no teatro meio vazio.

Você quase nem o nota.

Ele é um caçador experiente, que persegue a presa pacientemente. Os anos não contam. As décadas não contam. A toca dele se esconde nos espelhos. Ele vive um décimo de milésimo de centímetro fora do seu campo de visão.

Estes são os segredos.

Ele desperta do sono agitado ao escutar o som de seu nome. Alguém o chama. Ele se levanta, procurando um chapeuzinho que não está lá, para responder a um chamado que não é feito. Ele é o caçador; ele é a caça. O bode a balir, atado à estaca.

Estes são os segredos.

Um dia — não importa quando —, ele se encontra sobre uma ponte — não importa onde —, a água a correr lá embaixo é escura e profunda, e guinchando na balaustrada está um bando de corvos, de olhos negros e duros e bicos graciosos. O rio corre para o mar e volta a nascer: um círculo. Os corvos o prendem com o olhar. Congelado naqueles olhos, ele não consegue escalar o parapeito. O *que você quer?*, perguntam os corvos com seus olhos negros e duros.

Aparece um menino com uma vara de pesca e um balde. Ele atira a linha e os corvos libertam o homem, pois sentiram o cheiro de peixe. Eles se engalfinham para chegar ao balde, numa agitação de asas pretas e saltos cômicos nas patas finas. O menino está com um chapeuzinho dois números menor. De pele clara, sardento, com a boca séria.

— Como está a pescaria? — pergunta o homem. O menino dá de ombros.

— Boa. — Ele não olha para o homem. Foi ensinado a tomar cuidado

com estranhos.

— Boa pesca, então! — diz o homem.

O homem assente com a cabeça. Ele está inclinado sobre o parapeito, vigiando a linha na água rápida e escura. Ocorre ao homem que ele poderá voltar àquela ponte daí a dez ou vinte anos, e haverá outro menino com uma vara de pesca e um balde e outra geração de corvos voejando sobre a água rápida e escura que corre para o mar e volta depois completando o círculo. É o mesmo menino — só muda o nome, só muda o rosto —, o menino que pesca na ponte e os corvos que saltitam perto dos pés nus dele tentando abocanhar alguma coisa. O tempo é um círculo, não uma linha.

Durante os dias seguintes, o homem não consegue tirar o menino da cabeça. De pele clara, sardento, a boca séria e aquele chapeuzinho puído. Uma tarde, ele entra ao acaso numa loja de segunda mão e descobre uma caixa de livros encadernados a couro. As páginas são da mais bela cor creme, grossas e resistentes, de modo que ao virá-las se ouve um som estalado, como o de um trovão distante, o prelúdio agourento de uma tempestade. Ele leva os livros para casa. Se ele pudesse nomear a coisa sem nome.

Dar nome a uma coisa é tomar posse dela, como Adão no jardim primordial.

Para o menino na ponte, pensa o homem, pegando na pena. E para todos os meninos de uma centena de gerações que escrevem seus versos na água escura e rápida para pegar os leviatãs emboscados nas trevas: Estes são os segredos Estes são os segredos Estes são os segredos Estes são os segredos: Sim, minha querida criança, os monstros existem de verdade.

EPÍLOGO

E fui feliz por algum tempo.

Seis anos depois, o diretor do asilo me deu treze cadernos; eu fui encontrá-lo num pequeno café a duas quadras da praia, em Boca Raton, onde ele vivia como aposentado desde o ano anterior. Seu cabelo estava um pouco mais branco e mais fino, mas o aperto de mão continuava igualmente forte.

— Você terminou — disse ele.

— De ler os cadernos, sim.

— E... ?

Mexi o café.

— Depois que ele foi trazido, alguém do asilo ficou doente?

O diretor me lançou um olhar zombeteiro.

— É uma instituição de auxílio à autonomia do idoso. A idade deles é setenta e um anos, na média. É natural que as pessoas contraiam doenças.

— Febre alta, brotoejas repentinas no corpo todo... Talvez alguns tenham se restabelecido, mas a maioria não.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não sei aonde quer chegar.

Dei um tapa com a colher na mesa.

— Já ouviu falar em *Titanoboa*?

— Suponho que seja uma cobra.

— Quinze metros de comprimento, mais de uma tonelada de peso... A largura do corpo atingindo a da cintura de uma pessoa.

— Uma cobra grande.

— Uma cobra extinta. O fóssil dela foi encontrado num lugar chamado Cerrejón, na América do Sul. Ela viveu há cinquenta e oito milhões de anos.

— Bom, já posso ver onde isso vai dar.

— Ele deve ter lido ou visto algum programa de televisão sobre ela, eu não sei.

O diretor assentiu com a cabeça:

— Não deve ter visto uma viva. Ele era velho, mas não podia ser *tão* velho assim. — Ele sorriu. Eu não.

— Não. Talvez não. Talvez ele estivesse apenas maluco. Talvez tenha montado a coisa toda.

Ele pareceu perplexo.

— Bom, eu não sabia de nenhum rebuliço que tivesse ocorrido sobre essa questão.

— Talvez ele não tivesse cento e trinta e um anos de idade. Talvez os diários nem fossem dele próprio. Talvez até o nome dele fosse falso.

— O nome?

— William James Henry era o nome do homem com que Lilly Bates se casou. Isso é um fato assente. Há um túmulo em Auburn, no estado de Nova York. Há um obituário. Há parentes. Um deles fez contato comigo. No último caderno, ele dá a entender que roubou o nome do homem... Ele o *roubou*!

O diretor ficou em silêncio por um momento, olhando para fora pela janela. Ele expandiu as bochechas coradas e brincou com o guardanapo.

— Até o nome? Isso não é boa coisa.

— O senhor me deu os cadernos esperando que eu pudesse ajudá-lo a desvendar quem era essa pessoa. Seis anos depois, estou mais longe da verdade do que quando comecei.

Ele percebeu que eu estava para me declarar derrotado e quis me tranquilizar: — Era uma tentativa difícil. Eu sabia disso. Penso ter dito a você. Mas valeu a pena tentar, não valeu?

— Não. Não, não valeu. Até o nome dele? Ele fala de segredos e no fim nem revela *quais*? Toda essa porcaria é uma grande mentira!

— Ei — disse ele, com suavidade. — Ei. Não é nada com o que você escreveu, você sabe. Era sobre *ele*.

— Certo, ele. E no fim das contas não existe nenhum *ele*. Existe um vácuo, uma cifra, o estranho atrás de você na fila do *checkout*. Uma voz sem rosto, um rosto sem nome, um segredo sem revelação. *Quem foi ele*?

O diretor balançou a cabeça. O que ele poderia dizer? Eu me virei para o lado em frustração. Era um dia de sol, o tempo perfeito para uma praia. Um menino estava descendo do calçadão para a água com uma

vara de pesca no ombro e um balde na mão. Enquanto existirem leviatãs nas trevas, existirão meninos para caçá-los.

— Eu não deveria ter dado os cadernos a você — disse o diretor. Um pedido de desculpas. — Eu deveria tê-los lido eu mesmo.

— Eu pensei que poderia encontrá-lo — admiti —, saber quem ele foi, trazê-lo para casa. Todo o mundo tem alguém. Lembra quando me falou isso?

Ele assentiu.

— Lembro. E ele também.

— Quem? — perguntei. — Quem ele tem? A quem ele pertence?

Ele pareceu surpreso:

— A você. Ele tem você.

O caçador de tocaia. O bode a balir, atado à estaca. E o olho de âmbar brilhando pouco além do círculo de luz.

Comecei como caçador dele. Terminei como sua presa.

Ele está ali; eu o sinto, um décimo de milésimo de centímetro fora do meu campo de visão. Eu o persigo. Ele me persegue. O homem que escreveu esses cadernos não é o homem que vive neles. Esse homem é a forma; Will Henry é a sombra. E agora essa sombra vive em mim.

E ela vive em você.

Vire-se agora.

Will Henry voltou para casa.

Rick Yansey é autor da série Monstrologista. Seu primeiro volume foi premiado com a medalha de honra do prêmio Printz, e sua sequência, *A Maldição do Wendigo*, foi finalista do prêmio do livro do Los Angeles Times. Também escreveu a premiada série *Alfred Kropp*, bem como diversos romances adultos, entre eles *A Burning in Homeland* e a série de mistério *The Highly Effective Detective*. Seu livro de memórias, *Confessor of a Tax Collector*, foi considerado pelo Wall Street Journal um dos cinco melhores já escritos sobre a temática dos impostos. Hoje, Rick mora na Flórida com a família e se vê às voltas com a produção da trilogia *The 5 th Wave*. Conheça mais sobre o autor em: www.rickyancey.com.